

MOTIVAR PARA APRENDER

A motivação para aprender em crianças dos 6 aos 10 anos: Que fatores a influenciam em contexto pedagógico?

SHARIKA MAHOMADALI MAHOMED

PROVA DESTINADA À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE PARA A QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA
EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DEZEMBRO DE 2018

VERSÃO DEFINITIVA

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação

PROVA DESTINADA À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE PARA A QUALIFICAÇÃO PARA A DOCÊNCIA
EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

MOTIVAR PARA APRENDER

A motivação para aprender em crianças dos 6 aos 10 anos: Que fatores a influenciam em contexto pedagógico?

Autora: Sharika Mahomadali Mahomed

Orientador: Prof. Doutora Susana Costa Ramalho

Dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Embora um trabalho de investigação seja, pela sua finalidade académica, extensão e amplitude, um trabalho de extrema importância, seja pela reflexão e sustentação teórica que me proporcionou seja pela contribuição que me dará para no meu futuro profissional, há contributos de natureza diversa que não podem nem devem deixar de ser realçados. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos, de forma a homenagear as pessoas que contribuíram para a pessoa que hoje sou.

Ao Instituto Superior de Educação e Ciências vão os votos de agradecimentos, desde a Coordenação dos Mestrados em Educação, pela sua enorme dedicação na continuação do trabalho fantástico iniciado pelos seus antepassados, como a todos os docentes e não docentes, em especial à Professora Doutora Susana Costa Ramalho, que me orientou durante a realização deste trabalho, o seu apoio, confiança e disponibilidade.

Aos professores do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, agradeço a sua disponibilidade para fornecer informações necessárias para a realização do mesmo.

Igualmente, os meus agradecimentos à educadora e professora cooperantes que contribuíram para a minha formação enquanto docente, bem como a todos os participantes deste estudo.

A todas as crianças e alunos que sempre me fizeram acreditar que ser educador ou professor valia a pena.

A todas as minhas colegas de mestrado, um enorme obrigada, por me proporcionaram momentos enriquecedores, em especial à Andreia Carmo, Alexandra Barros, Joana Abelha e Maria Cabral.

Um agradecimento muito especial a toda a minha família, em especial os meus pais e à minha irmã bem como aos meus amigos que, direta ou indiretamente fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

RESUMO

Atualmente, a educação tem um papel muito importante e marcante na vida de cada um de nós. Alarcão (1996, p.55) alerta-nos que para a educação, “interessa fundamentalmente o pensar real, interessa criar atitudes que desenvolvam nos seres humanos um pensamento efectivo, uma postura mental de questionar, problematizar, sugerir e construir a partir daí um conhecimento alicerçado em bases sólidas”. Neste sentido, o presente trabalho procura compreender a importância da motivação para aprender de alunos que frequentam o 1.ºCiclo do Ensino Básico bem como os fatores que a influenciam em contexto pedagógico.

Para este estudo, assumimos um paradigma interpretativo e desenvolvemos um design de estudo exploratório. Os participantes deste estudo foram doze professores do 1.ºCiclo do Ensino Básico que trabalham quer no Ensino Privado e no Ensino Público. Como instrumentos de recolha de dados utilizámos a entrevista semiestruturada e a recolha documental. O tratamento e análise de dados baseou-se numa análise de conteúdo.

Os resultados evidenciam, de um modo geral, a motivação para aprender é essencial e que esta pode ser influenciada através de vários fatores que contribuem significativamente para o sucesso escolar dos alunos. Também ilustram diversas estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas nas diferentes áreas curriculares bem como a importância do papel dos pais na motivação dos seus filhos, na perspetiva dos professores.

Palavras-chave: Motivação em para Aprender; Fatores que a influenciem em contexto pedagógico; Estratégias utilizadas nas diferentes áreas curriculares; Papel dos Pais na motivação dos seus filhos.

ABSTRACT

Currently, education has a very important and striking role in our lifes. Alarcão (1996, p. 55) warns us that for education, "fundamentally interested in real thinking, it is important to create attitudes that develop an effective thought in human beings, a mental posture to question, to problematize, to suggest and to build from there A knowledge based on solid bases. " In this sense, the present work seeks to understand the importance of motivation to learn from students who attend primary school as well as the factors that influence it in a pedagogical context.

For this study, we adopted an interpretative paradigm and developed an exploratory study structure. The participants of this study were twelve primary school teachers that work both in private and in public education. We used the interstructured interview and the documentary collection, as data collection tools. Data processing and analysis were based on a content analysis.

The results show that the motivation to learn is essential and that it can be influenced by several factors that contribute significantly to the academic success. They also illustrate several teaching-learning strategies used in the different curriculum areas as well as the importance of the parents role in their children motivation, in the teachers perspective.

Keywords: *Motivation in learning; Factors influencing it in pedagogical context; Strategies used in the different curricular áreas; parents role in their childrens motivation.*

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTACT	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	XIV
ÍNDICE DE TABELAS	XV
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XV
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XVI
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Conceito de Motivação e a sua Importância na Aprendizagem	3
1.2. A Influência da Relação Professor–Aluno na Motivação no Processo de Aprendizagem	15
1.3. Estratégias Utilizadas pelos Professores do 1.ºCiclo para os Alunos em Diferentes Áreas Curriculares	17
1.4. O Papel dos Pais na Motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem	19
CAPÍTULO II – PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA	23
2.1. Problema, Objetivos e Questões de Investigação	23
2.2. Paradigma	24
2.3. Estudos Exploratórios	25
2.4. Participantes	25
2.5. Recolha de Dados: Técnicas e Instrumentos	26
2.5.1. Recolha Documental	26
2.5.2. Entrevistas	27
2.6. Procedimentos	28
2.6.1. Procedimentos de Recolha de Dados	28
2.6.1.1. Elaboração do Guião das Entrevistas	28
2.6.1.2. Realização das Entrevistas	34
2.6.2. Procedimentos de Tratamento de Análise de Dados	34

2.6.2.1. Transcrição das Entrevistas	35
2.6.2.2. Análise de Conteúdos das Entrevistas	35
CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
3.1. Caracterização dos Participantes	41
3.1.1. Tempo de Serviço dos Entrevistados	41
3.1.2. Ensino Privado ou Ensino Público	42
3.1.3. Formação Contínua	43
3.1.4. Áreas de Interesse dos Entrevistados	43
3.2. Conhecimento Pessoal	45
3.2.1. Interesse na Motivação em Aprender (o que sente)	46
3.2.2. Importância da Motivação dos Alunos	47
3.2.3. Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	49
3.2.4. Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e a sua Motivação em Aprender	50
3.2.5. Estratégias que utiliza na Aprendizagem dos Alunos em Diferentes Áreas Curriculares	52
3.2.6. Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	54
3.2.7. Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	71
ANEXO I - Pedido de Colaboração de Recolha de Dados (Ensino Privado)	
ANEXO II - Pedido de Colaboração de Recolha de Dados (Ensino Público)	
ANEXO III - Transcrição da Entrevista (1)	
ANEXO IV - Transcrição da Entrevista (2)	
ANEXO V - Transcrição da Entrevista (3)	
ANEXO VI - Transcrição da Entrevista (4)	
ANEXO VII - Transcrição da Entrevista (5)	
ANEXO VIII - Transcrição da Entrevista (6)	
ANEXO IX - Transcrição da Entrevista (7)	

ANEXO X - Transcrição da Entrevista	(8)
ANEXO XI - Transcrição da Entrevista	(9)
ANEXO XII - Transcrição da Entrevista	(10)
ANEXO XIII - Transcrição da Entrevista	(11)
ANEXO XIV- Transcrição da Entrevista	(12)
ANEXO XV - Análise de Conteúdos da Entrevista	(1)
ANEXO XVI - Análise de Conteúdos da Entrevista	(2)
ANEXO XVII - Análise de Conteúdos da Entrevista	(3)
ANEXO XVIII - Análise de Conteúdos da Entrevista	(4)
ANEXO XIX - Análise de Conteúdos da Entrevista	(5)
ANEXO XX - Análise de Conteúdos da Entrevista	(6)
ANEXO XXI- Análise de Conteúdos da Entrevista	(7)
ANEXO XXII - Análise de Conteúdos da Entrevista	(8)
ANEXO XXIII - Análise de Conteúdos da Entrevista	(9)
ANEXO XXIV - Análise de Conteúdos da Entrevista	(10)
ANEXO XXV - Análise de Conteúdos da Entrevista	(11)
ANEXO XXVI - Análise de Conteúdos da Entrevista	(12)

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Motivação Extrínseca vs. Motivação Intrínseca	5
Figura 2 – Principais Abordagens Teóricas da Motivação	7
Figura 3 – Experiência com os cães (Condicionamento Clássico)	8
Figura 4 – Esquematização do Estudo de Pavlov (Condicionamento Clássico)	9
Figura 5 – A caixa de Skinner (Condicionamento Operante)	10
Figura 6 – Pirâmide das Necessidades de Maslow	12
Figura 7 – Família e Escola como parceiras	20
Figura 8 – Estratégias que utiliza na Aprendizagem dos Alunos nas Diferentes Áreas Curriculares	53
Figura 9 – Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	57

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Guião da Entrevista	30
Tabela 2 – Análise de Conteúdos da Entrevista	40

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de Serviço dos Entrevistados	41
Gráfico 2 – Área de Interesse dos Entrevistados	43
Gráfico 3 – Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

e.g. - exemplo

et. al – entre outros

p. – página

pp. – páginas

etc.- entre outras coisas

s.d. – sem data

AEC – Atividades Extracurriculares

AP – Apoio Educativo

NEE – Necessidades Educativas Especiais

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

INTRODUÇÃO

A Motivação para Aprender tem sido, cada vez mais, um tema de crescente interesse para os docentes, uma vez que esta é vista como um fator essencial no processo de aprendizagem dos alunos. Sendo a motivação um fator essencial no processo de ensino-aprendizagem, esta está envolvida em diversos fatores que estimulam o indivíduo a obter um determinado comportamento diante de uma situação. Assim sendo, a motivação é “(...) um meio para alcançar o sucesso escolar, e para cumprir tal premissa o aluno deve sentir em casa e na escola um ambiente favorável ao seu interesse pessoal” (Oliveira, 1999, citado por Simão, 2005, p.10).

A motivação é um fator determinante na qualidade e consequente desempenho dos alunos e como tal, é importante que os docentes adotem metodologias que visem a motivação dos seus alunos com o intuito de que estes obtenham uma aprendizagem significativa. Por esta razão, o problema que originou esta investigação relaciona-se com os fatores que influenciam a motivação dos alunos que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico ao longo das suas aprendizagens.

Através do problema mencionado, e como forma de orientação do presente estudo, emergiram as seguintes questões de investigação:

1. Quais as estratégias que são utilizadas pelos professores do 1.ºCiclo para os alunos, em diferentes áreas curriculares?
2. A relação professor-aluno tem influência na motivação no processo de aprendizagem?
3. Na perspetiva dos professores, qual o papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem?

No que concerne à estruturação do presente trabalho, o mesmo encontra-se dividido em sete pontos distintos, nos quais se inclui a introdução, três capítulos, as considerações finais, as referências e, por fim, os anexos. No Capítulo 1 apresenta-se o Enquadramento Teórico, que pretende abordar e desenvolver alguns conceitos em que assenta a investigação realizada. No Capítulo 2 que corresponde à Problematização e Metodologia, expõe-se o problema e as questões de investigação, descreve-se as opções

metodológicas no que diz respeito ao paradigma, ao *design* de estudo e aos participantes e, ainda, explicita-se os instrumentos de recolha de dados, bem como se procedeu à recolha, tratamento e análise desses dados. No Capítulo 3 denominado Resultados e Discussão, são apresentados e analisados os resultados obtidos através da recolha dos dados. Nas Considerações Finais, é onde se apresenta uma reflexão sobre os resultados obtidos, fazendo uma avaliação do trabalho desenvolvido, procurando dar resposta às questões de investigação formuladas. Para finalizar este trabalho, são destacadas as Referências utilizadas que sustentam este trabalho, bem como os Anexos, onde é possível a consulta de documentos tidos como pertinentes para o entendimento da presente investigação.

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este capítulo apresenta uma sistematização de conceitos teóricos e dos contributos que as questões da motivação têm trazido para os processos de ensino-aprendizagem e para a educação na sua generalidade.

Neste sentido, começámos por definir o conceito de motivação, realçando a distinção entre a motivação intrínseca e extrínseca. Nesta perspetiva interessa ainda aprofundar os saberes sobre a importância da motivação para a aprendizagem no processo de ensino-aprendizagem, bem como nas estratégias utilizadas pelos professores do 1.ºCiclo para os alunos em diferentes áreas curriculares e a influência da relação do professor-aluno na motivação para o processo de aprendizagem. Por fim, abordamos a questão do papel dos pais na motivação dos seus filhos.

1.1. Conceito de Motivação e a sua Importância na Aprendizagem

A motivação é um tema bastante debatido nos últimos anos pelos docentes, uma vez que estes pretendem estudar e compreender as atitudes do ser humano. Enquanto futuros professores devemos ter em conta se os alunos que iremos ter se encontram ou não motivados e, neste sentido, a motivação não pode ser esquecida. Tal como a família, os professores passam grande parte do seu tempo com os alunos e, deste modo deve-se compreender, antes de mais, o conceito de motivação para que possamos desempenhar o nosso papel de forma a corresponder à realidade dos alunos, dentro do contexto escolar em que estes se encontram.

A palavra motivação deriva do verbo em latim *movere*, que significa mover e. A motivação define-se por um conjunto de fatores que determina uma atitude ou comportamento de um indivíduo de modo a atingir um objetivo, ou seja, a motivação é aquilo que leva o indivíduo a pensar, a agir e a desenvolver-se. A motivação pode ser definida como um processo responsável que inicia, direciona e mantém comportamentos relacionados com o cumprimento de objetivos.

Para Gonçalves (2001) a motivação é um “(...) conjunto de fatores de natureza biológica, intelectual ou afectiva que determinam várias maneiras de agir e de sentir.”. (Gonçalves, 2001, p.15). Já para Lieury e Fenouillet (1997) a motivação é “(...) a busca de uma actividade pelo interesse que ela oferece por si própria: corresponde ao interesse, à curiosidade, ou seja, ao sentido coerente da motivação.” (Lieury e Fenouillet, 1997, p.65).

Quando se fala em motivação, devemos ter em conta as duas classes de motivação existentes: a motivação extrínseca e a motivação intrínseca. A motivação extrínseca (de fora para dentro) refere-se à valorização de elementos externos como elogios, notas, prémios, entre outros. A motivação intrínseca (de dentro para fora) refere-se à vontade de aprender e buscar soluções para os problemas, a escolha e a realização das tarefas que sejam atraentes e desafiadoras. Lieury e Fenouillet (1997) afirmam que a motivações extrínsecas “(...) são redigidas pelos incentivos (...)” e as motivações intrínsecas “(...) não teriam outro objetivo senão o interesse pela atividade em si.” (Fenouillet, 1997, p.30). Nesta linha de pensamento, para Ribeiro (2001) na motivação extrínseca “(...) o controlo da conduta é decisivamente influenciado pelo meio exterior, não sendo os factores motivacionais inerentes nem ao sujeito nem à tarefa, mas simplesmente o resultado da interacção entre ambos”, enquanto na motivação intrínseca “(...) o controlo da conduta depende sobretudo do sujeito em si, dos seus próprios interesses e disposições.” (Ribeiro, 2001).

Para melhor compreender as diferenças entre a motivação intrínseca e extrínseca, apresentamos uma figura – **Figura 1**¹, onde comparamos estes dois tipos de motivação.

¹ Figura elaborada pela investigadora.

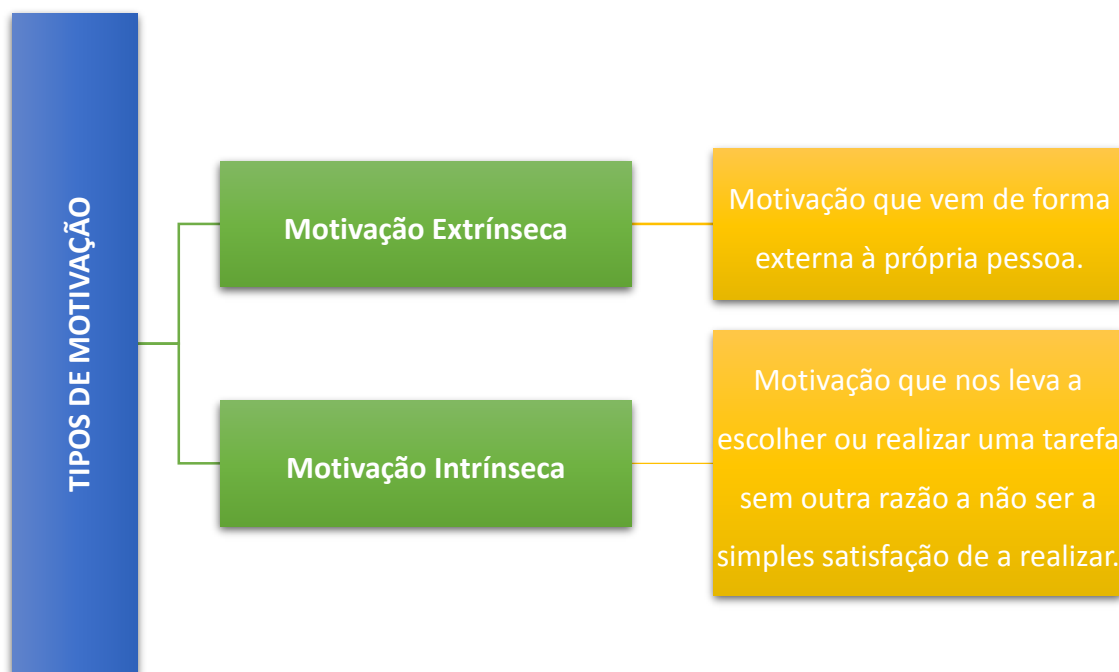


Figura 1 - Motivação Extrínseca vs. Motivação Intrínseca

A motivação tem um papel crucial no processo aprendizagem, razão pela qual se deve promovê-la ao longo do mesmo. Ou seja, para o aluno, a motivação é vista como uma peça fundamental na sua aprendizagem e, por sua vez, para o sucesso escolar.

Motivar os alunos é uma tarefa constante que afeta na aprendizagem dos mesmos, afetando também o próprio ensino. Mas, deve-se ter em conta que a motivação em contexto escolar varia da motivação em outras áreas, uma vez que esta está ligada, muitas vezes, a tarefas árduas e obrigatórias que estão sujeitas a avaliações externas e às interações com os seus pares e, também, com o professor. Neste sentido, o ambiente escolar “(...) é um espaço rico em interações sociais (...)” e, por isso a motivação dos alunos é importante no contexto de sala de aula por ser “(...) um grande meio pelo qual se realiza o processo de ensino-aprendizagem.” (Almeida, 2012).

Gostaríamos ainda, de realçar que o professor deve ter em atenção as motivações dos alunos a fim de as ter presentes quando propõe uma determinada tarefa e, desta forma, os mecanismos de aprendizagem que serão estimulados. Durante o processo de ensino-aprendizagem deve-se privilegiar aspetos como a criatividade, o gosto em aprender, a afirmação pessoal e a cooperação, uma vez que contribuem significativamente para a aprendizagem do aluno e, como consequência ao sucesso escolar do mesmo.

Quando se fala em criatividade, é importante que a escola apresente situações novas bem como criar condições ambientais para “(...) a comunidade educativa trabalhe com iniciativa e prazer.” (Gonçalves, 2001, p.16). No entanto, a escola deve ter em conta a sua metodologia, bem como as necessidades e interesses de toda a comunidade educativa envolvida. Deste modo, o ensino torna-se mais eficaz e as aprendizagens dos alunos mais significativas.

O gosto em aprender está ligado à curiosidade que os alunos têm a partir do momento em que lhe é apresentado algo de forma cativante. E, por isso, é importante que a escola motive os alunos recorrendo a “(...) atividades extracurriculares como, por exemplo, desporto, dança, música, jardinagem, informática (...)”, que devem ser ligadas às áreas curriculares como o Português, a Matemática e o Estudo do Meio. (Gonçalves, 2001, p.16).

Quanto à afirmação pessoal, esta está relacionada com o conhecimento das capacidades que o aluno tem sobre si, ou seja, “o saber ser um bom aluno é um fator de desenvolvimento, não só intelectual, mas também emocional (...)” para o aluno. (Gonçalves, 2001, p.16).

Relativamente à cooperação, esta é de extrema importância para o desenvolvimento do aluno uma vez que “(...) dá ao aluno a satisfação de se sentir útil e ensina-o a partilhar ajuda, aumentando os seus conhecimentos, o que pode ser conseguido através do trabalho em grupo.” (Gonçalves, 2001, p.16). E, por isso, é importante que a escola não se preocupe apenas com os conteúdos programáticos e as avaliações, mas também com a formação pessoal e social do aluno. Por outras palavras, a escola “(...) deve criar nos alunos um sentimento de competência, para que estes se sintam capazes e seguros na realização de actividades e tarefas e saiam motivados no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem ao longo da sua vida.” (Magalhães, 2015, p.7).

Sendo a motivação uma temática complexa, esta tem sido estudada por várias teorias que refletem as diferentes abordagens, para uma melhor compreensão sobre o pensamento e comportamento humanos. Devido à sua complexidade, optámos por seleccionar as principais abordagens, tal como se pode verificar na **Figura 2²**.

² Figura elaborada pela investigadora.

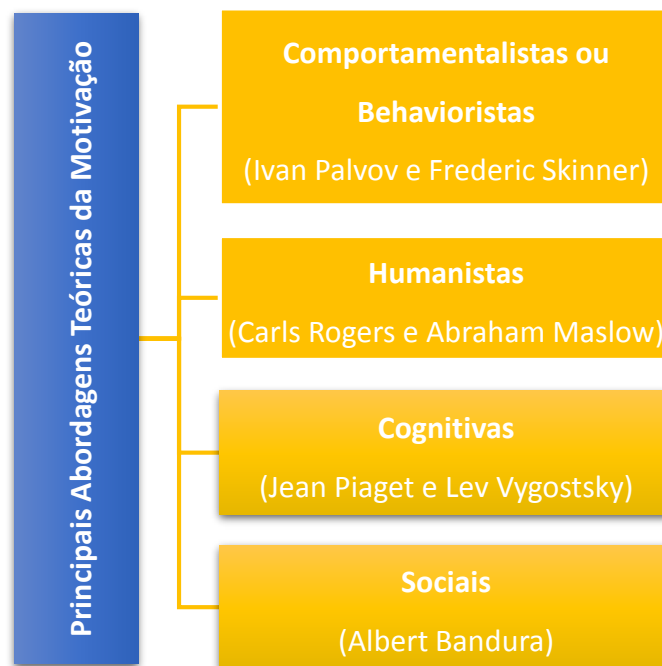


Figura 2 - Principais Abordagens Teóricas da Motivação

Teorias Comportamentalistas (Behavioristas)

As teorias comportamentalistas, também conhecidas como Behavioristas, surgiram nos finais do século XIX, cujos pioneiros são Ivan Pavlov (1894-1936) e Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). De acordo com o Behaviorismo, a motivação para aprender "(...) se fundamenta nas consequências do comportamento, como reforço e punições." (Pereira, 2013, p.450). Por outras palavras, as teorias behavioristas estudam a modificação do comportamento uma vez que e após analisar o comportamento em função da interação entre a "(...) hereditariedade e do ambiente (...)" concluem que o comportamento de um indivíduo "(...) é adquirido e, portanto, susceptível de ser modificado mediante técnicas adequadas (reforço, modelação, etc.)." (Barros *et al.*, s.d., p.256). Com base nas linhas anteriores, podemos acrescentar que nesta teoria incluem-se modelos do condicionamento clássico (I. Pavlov) e do condicionamento operante (B. F. Skinner).

Ivan Pavlov dedicou-se ao estudo do condicionamento clássico, sendo que as suas primeiras investigações consistiam no estudo do controlo de vários reflexos digestivos pelo sistema nervoso. Estas investigações que, ocorreram em laboratório, eram essencialmente dedicadas a secreção de saliva nos cães. No decorrer das investigações, Pavlov descobriu que o reflexo de salivar poderia ser provocado por outros estímulos, anteriormente neutros. Ou seja, os cães que tivessem permanecido durante algum tempo no laboratório, salivavam não só com o sabor da comida, como também através da visão da mesma ou por alguém, que habitualmente a trazia, ou ainda, através de sons. Por outras palavras, Tavares *et. al* (2007) referem que Pavlov considerou esta experiência:

(...) como um processo de condicionamento, que ocorreria da seguinte forma: o alimento (estímulo) provoca a salivação (**resposta, reação natural, não condicionada**). O mesmo tipo de reação, a salivação, pode ser obtida se ao estímulo alimento se associar um outro estímulo, neste caso a campainha, com a condição de que os dois estímulos ocorram mais ou menos ao mesmo tempo. À campainha chama-se então um **estímulo condicionado**. A salivação obtida a partir do alimento ocorre sempre que se apresentar um dado estímulo, a comida. Daí chamar-se reação natural ou não condicionada. Mas a salivação a partir da campainha só se consegue se estiver condicionada pela associação da campainha à comida; é por isso que se chama **reação adquirida** ou **condicionada**. (Tavares *et. al*, 2007, p.110).

As figuras que se seguem - **Figura 3³** e **Figura 4⁴**, representam, esquematicamente, o estudo realizado por Pavlov.

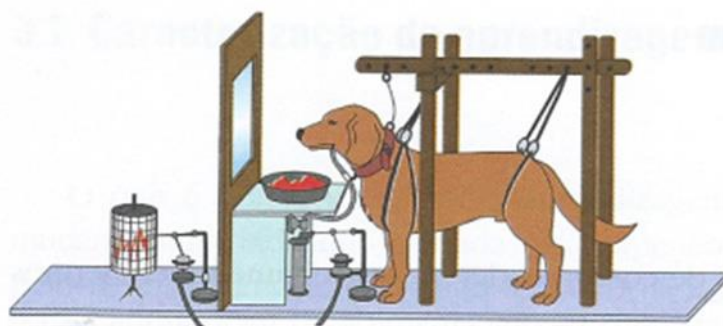


Figura 3 – Experiência com os cães (Condicionamento Clássico)

³ Figura sobre a experiência dos cães (condicionamento clássico) retirada de Tavares *et. al* (2007).

⁴ Figura elaborada pela investigadora.

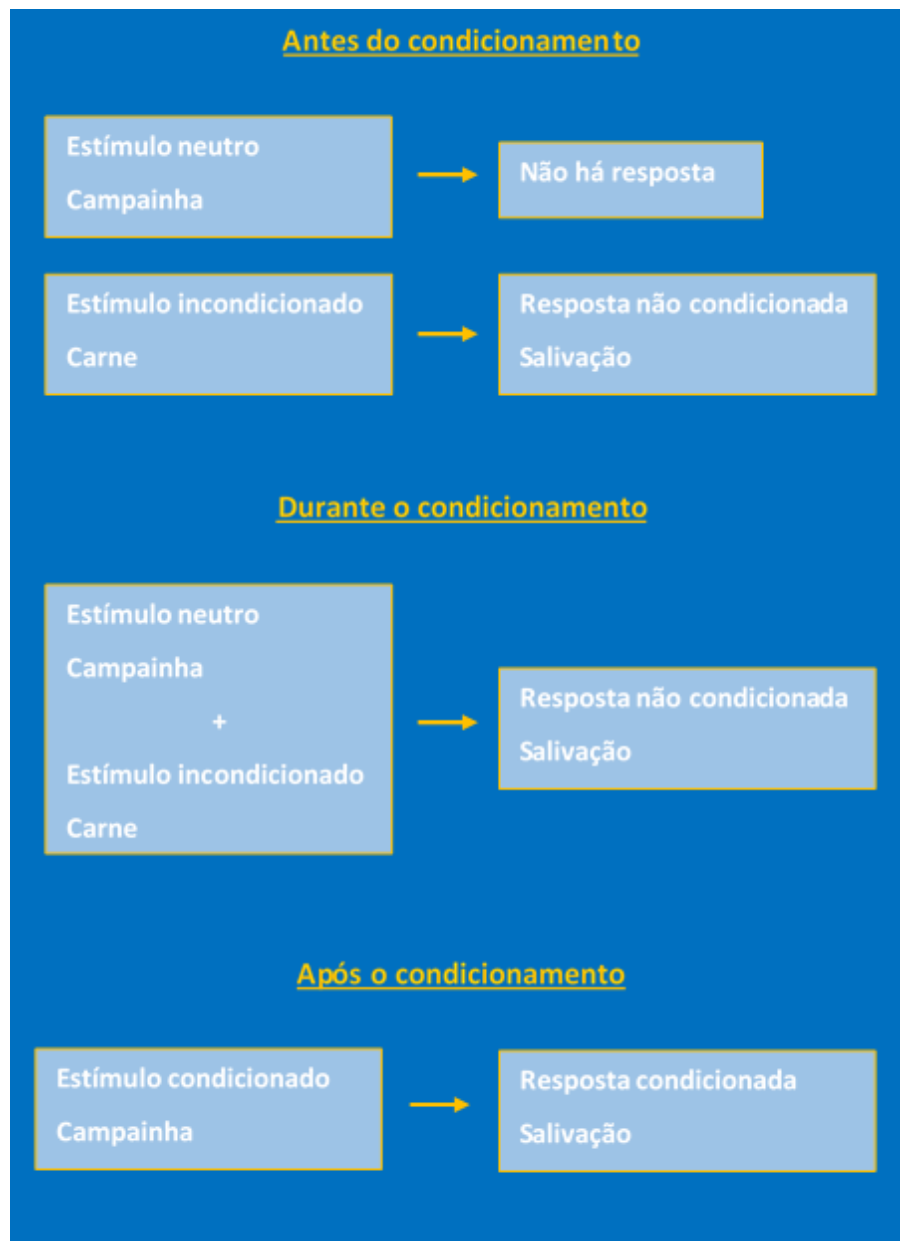


Figura 4 - Esquematização do Estudo de Pavlov (Condicionamento Clássico)

Diferentemente de Pavlov, Skinner, nos seus estudos de condicionamento instrumental ou operante, definiu o reforço como sendo o “(...) alcançar de uma meta que satisfaz plenamente uma necessidade.” (Barros *et. al*, s.d., pp.256-257). Skinner realizou um estudo sobre o comportamento operante, no qual efetuou diversas experiências com ratos dentro de uma caixa - **Figura 5**⁵, onde estes, durante a exploração da mesma, tocavam numa alavanca que colocava comida lá dentro.

⁵ Figura sobre a caixa de Skinner (condicionamento operante) retirada de Tavares *et. al* (2007).

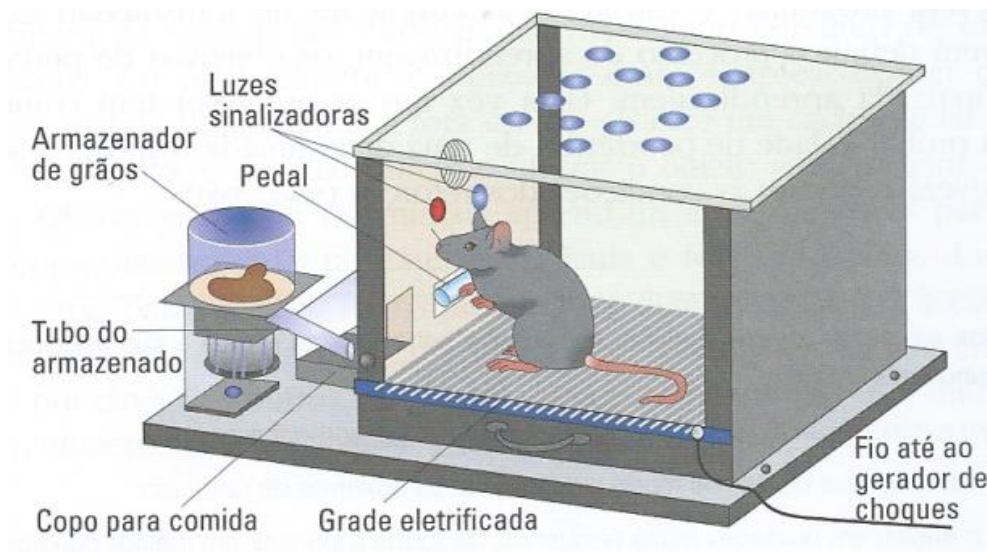


Figura 5 - A caixa de Skinner (Condicionamento Operante)

Assim sendo, Tavares *et. al* (2007) referem que a caixa de Skinner:

(...) é dotada de um dispositivo especial: se uma alavanca for carregada, é libertado alimento. Skinner coloca dentro da caixa um rato que, depois de algum tempo, carrega, por acaso, na alavanca e recebe alimento. A partir deste momento, o animal repete o comportamento, obtendo todas as vezes comida. A obtenção de comida condicionou o comportamento do rato, fortalecendo o seu comportamento de carregar na alavanca e enfraquecendo todos os outros comportamentos que não conduziam à obtenção de comida (por exemplo, andar à volta da caixa). Skinner desenvolveu também experiências em que utilizou estímulos desagradáveis ou dolorosos, como a emissão de choques elétricos ao rato, enquanto não carregasse na alavanca. Nestas circunstâncias, o animal vai aprender por tentativas e erros que carregando na alavanca a emissão de choques elétricos é interrompida. (Tavares *et. al*, 2007, p.111).

Através das suas experiências, Skinner defende que existe uma separação entre o condicionamento clássico e o condicionamento operante. Enquanto que na perspectiva do condicionamento clássico, o comportamento é provocado por um estímulo exterior, isto é, com o toque da campainha o cão salivava; na perspectiva do condicionamento operante, o comportamento depende essencialmente de estímulos exteriores, dando a sensação de serem voluntários, isto é, o rato tocava na alavanca para receber, sendo este estímulo considerado voluntário. Com base nestas experiências, Skinner concluiu que a tendência para emitir as respostas operantes é fortalecida ou enfraquecida devido

às consequências posteriores às mesmas. Um comportamento pode ser fortalecido ou enfraquecido mediante as respostas, sendo essas consideradas “(...) os principais tipos de reforço: o reforço positivo, o negativo, a extinção e o castigo.” (Barros et al, s.d., p.257).

Teorias Humanistas

Os proponentes da psicologia humanista - Carl Rogers (1902-1987) e Abraham Maslow (1908-1970) - referem que “(...) a liberdade pessoal, a possibilidade de escolha, a autodeterminação e as necessidades do indivíduo são fundamentais para promover o desenvolvimento pessoal.” (Pereira, 2013, p.451). Para a perspectiva humanista, motivar consiste em “(...) encorajar os indivíduos a utilizarem os seus próprios recursos.” (Pereira, 2013, p.451).

A teoria de Maslow (1970) baseia-se nas necessidades humanas e, tem tido uma enorme influência no esclarecimento da teoria humanista da motivação. Segundo Tavares et. al (2007) afirmam que Maslow, ao realizar o estudo de *self-actualized people*, conclui que “(...) toda a espécie humana tem as mesmas necessidades psicológicas com base nestas, forma-se os valores humanos universais.” (Tavares et. al, 2007, p.122).

Para este psicólogo humanista (Maslow), as ações de um indivíduo são motivadas de modo a satisfazer as suas necessidades, sendo que as necessidades se manifestam consoante o seu grau de importância. Como tal, Maslow elaborou uma pirâmide hierárquica, mais conhecida como Pirâmide de Maslow que está na base da sua teoria da personalidade. De acordo com esta pirâmide, as necessidades são realizadas hierarquicamente, de baixo para cima, “(...) sendo que cada uma das necessidades de nível inferior precisa de ser satisfeita antes de se passar para outra de nível superior.” (Pereira, 2013, p.451).

Para melhor compreender esta hierarquia das necessidades, a **Figura 6⁶** representa a Pirâmide de Maslow composta por cinco partes, sendo cada uma delas, referente a um tipo de necessidade.

⁶ Figura sobre a pirâmide das necessidades de Maslow retirada de Tavares et. al (2007).

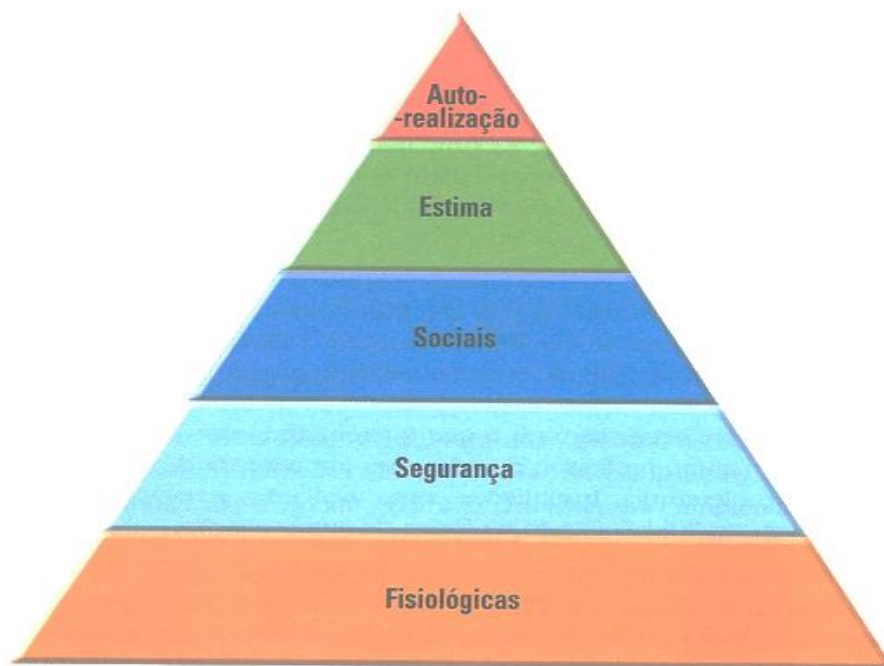


Figura 6 - Pirâmide das Necessidades de Maslow

Com base na figura acima apresentada a satisfação das necessidades cumpre com a seguinte sequência:

- As **necessidades fisiológicas**, que se encontram na base da pirâmide e, representam as necessidades relacionadas com o organismo. Ou seja, as necessidades fisiológicas incluem as necessidades vitais para a sobrevivência e são de ordem biológica. São exemplos de necessidades fisiológicas, a alimentação, o sono, entre outros. Segundo Tavares *et. al* (2007), estas necessidades “(...) dizem respeito à sobrevivência mais imediata do indivíduo e da espécie, constituindo pressões fisiológicas que levam o indivíduo a buscar ciclicamente a sua satisfação.” (Tavares *et. al*, 2007, p.123).
- As **necessidades de segurança** surgem a seguir às necessidades fisiológicas e, representam a necessidade de auto-preservação. São exemplos de necessidades de segurança, a proteção contra a violência, a proteção para saúde, entre outros. Tavares *et. al* (2007) afirmam que este tipo de necessidades leva “(...) o indivíduo

a proteger-se de qualquer perigo (...)” e, tal como as necessidades fisiológicas, as necessidades de segurança “(...) também estão relacionadas com a sobrevivência do indivíduo.” (Tavares *et. al*, 2007, p.123).

- As **necessidades sociais** estão relacionadas com os fatores que um indivíduo precisa para viver em sociedade. Isto é, são necessidades que o indivíduo de interagir com os outros indivíduos. São exemplos de necessidades sociais, a integração nos diferentes grupos, as emoções, entre outros. Quanto às necessidades sociais (ou de afeto e pertença), Tavares *et. al* (2007), referem que “o indivíduo procura o afeto e a aprovação nas relações íntimas e nos grupos em que se insere.” (Tavares *et. al*, 2007, p.123).
- As **necessidades de autoestima** surgem como as penúltimas necessidades hierárquicas da Pirâmide de Maslow e representam o reconhecimento próprio do indivíduo e dos outros face à capacidade de adequação às funções que desempenhamos em sociedade. São exemplos de necessidades de autoestima, a confiança, o respeito pelos outros, o reconhecimento, entre outros. Tavares *et. al* (2007) referem que as necessidades de autoestima estão “relacionas com o ego” de cada individuo. (Tavares *et. al*, 2007, p.123).
- As **necessidades de autorrealização** que surgem no topo desta pirâmide hierárquica, representam essencialmente o sentimento de maximizar o potencial de cada indivíduo. São exemplos de necessidades de autorrealização, a moralidade, o autodesenvolvimento, entre outros. Relativamente a este tipo de necessidades, Tavares *et. al* (2007) reconhecem que estas estão “relacionadas com o desejo de cumprir a tendência que cada um tem de realizar o seu potencial (...)” (Tavares *et. al*, 2007, p.123).

A Pirâmide de Maslow encontra-se agrupada em dois grandes grupos, tais como, as necessidades primárias e as necessidades secundárias. Tal como Vieira *et. al* (2005) referem que as necessidades primárias (necessidades fisiológicas e necessidades de segurança) são influenciadas por estímulos externos e as necessidades secundárias (necessidades sociais, necessidades de autoestima e necessidades de autorrealização) são influenciadas por estímulos internos.

Ainda que existam críticas relacionadas com a teoria humanista de Abraham Maslow - pois acredita-se que o indivíduo pode ser motivado através de diferentes necessidades e, que estas não são estanques, mas interligam-se entre si – esta teoria tem contribuído significativamente para a compreensão da motivação.

Teorias Cognitivas

A perspectiva cognitiva da motivação tem sido alvo de um crescente interesse, nos dias de hoje, onde são valorizados os processos cognitivos. Nesta perspectiva existem dois grandes psicólogos, Jean Piaget (1896 -1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), referem que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, logo deve-se encará-la como um sujeito e não como um objeto do processo educativo. Assim sendo, nesta teoria, o seu interesse foca-se:

(...) na motivação intrínseca para a realização, nas atribuições, ou seja, nas perceções que os indivíduos têm acerca das causas do fracasso e sucesso, nomeadamente na perceção do próprio esforço e as crenças acerca do controlo que se pode ter sobre os acontecimentos. (Weiner, 2005; Tavares *et al.*, 2007, citados por Pereira, 2013, p.451).

Esta perspectiva refere que a aprendizagem é vista como um processo de armazenamento de informações, que procura definir e descrever como os indivíduos compreendem, direcionam e coordenam as suas interações com o meio envolvente. Segundo Bandura (1997, citado por Pereira, 2013), esta perspectiva considera de extrema importância “(...) de delinear e atingir objetivos, bem como de planificar e registar o processo para atingir as metas e os objetivos.” (Bandura, 1997, citado por Pereira, 2013, pp.451-452).

Como tal, esta perspectiva salienta que os alunos devem estar mais atentos, bem como, ter a oportunidade e responsabilidade de controlar os seus resultados do desempenho, valorizando a motivação dos mesmos através de incentivos internos em vez de externos.

Teorias Sociais

A perspectiva sociocultural da motivação teve como principal pioneiro Albert Bandura (1925), que segundo a mesma “(...) as pautas do comportamento podem aprender-se através da experiência própria (aprendizagem directa) e mediante a observação do comportamento de outras pessoas (aprendizagem por observação).” (Barros *et. al*, s.d., p.271).

A aprendizagem por observação foca-se na modelagem, que segundo Conceição (2016) traduz-se “(...) na construção de uma representação mental do objecto de aprendizagem (o que se pretende aprender e como; e.g. aprender a cumprimentar alguém), integrando-o e agindo com base no modelo observado (e.g. outro significativo, como os pais, pares, colegas).” (Conceição, 2016). Assim sendo, podemos afirmar que o meio social em que o indivíduo se insere contribui significativamente para o seu desenvolvimento da aprendizagem.

Por outras palavras, nesta perspectiva é de extrema importância a motivação dos indivíduos, uma vez que estes “(...) são motivados para aprender os valores e as práticas da comunidade, mantendo a sua identidade com membros da mesma.”. (Pereira, 2013, p.452).

1.2. A influência da relação professor–aluno na motivação no processo de aprendizagem

Seja qual for o ciclo que um professor esteja a lecionar, este tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e, por sua vez na motivação dos mesmos. Tal como refere Jesus (1996):

(...) torna-se ainda mais relevante se tivermos em consideração a imprescindibilidade da motivação dos professores para a motivação dos seus alunos, para a qualidade do ensino, para a concretização dos processos de reforma do Sistema Educativo e para o desenvolvimento pessoal e profissional do professor. (Jesus, 1996, p.14).

Assim, podemos dizer que uma das grandes responsabilidades de um professor é proporcionar momentos didáticos, lúdicos e com consistência de forma que os alunos se desenvolvam tanto a nível pessoal como social. Almeida (2012) salienta que o professor deve “(...) facilitar a construção do processo de formação.” (Almeida, 2012).

A relação professor-aluno é de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, esta relação pode variar conforme o professor e o aluno se comunicam entre si. Por isso, a comunicação é fundamental para a mesma e, por isso é necessário que o professor seja dinâmico, comunicativo, afetuoso, capaz de transmitir conhecimentos, de educar, incluindo também, estratégias, métodos e valores de extrema importância para os alunos. Estes valores passam pela compreensão, pelo respeito pelo outro, a valorização das relações e o respeito pela diferença. Quanto às aprendizagens, deve-se conseguir despertar e desenvolver o espírito crítico, a reflexão, estimular a curiosidade, a criatividade, entre outras.

Neste sentido, o professor tem um papel fundamental no processo de aprendizagem dos seus alunos uma vez que este influencia o aluno de várias formas, causando ou não um grande impacto na sua relação com os alunos. Para que haja uma boa relação professor-aluno é de extrema importância que o professor motive os seus alunos ao longo da construção das suas aprendizagens e, desta forma, os alunos aprendem a transformar o saber (o conhecimento) em saber fazer (aplicar o conhecimento). Segundo Pérez (2009) é importante que “na sala de aula, durante todo o processo de ensino-aprendizagem, os benefícios pertencem ao aluno e são da sua responsabilidade, sendo que ambos, professor e aluno, devem partilhar a responsabilidade desse processo, actuando como sócios. O facto de o beneficiário principal ser o aluno, não deverá impedir ao professor que este dê o melhor de si, durante todo o processo de ensino.” (Pérez, 2009, citado por Martins, 2011, p.30).

No entanto, é de se salientar que em qualquer relação de professor-aluno, antes de mais o professor deve conhecer cada um dos seus alunos, tal como refere Martins (2011) “uma das formas de um professor conhecer bem os seus alunos, isto é, saber as suas histórias de vida é através do contacto que este estabelece com a família.” (Martins, 2011, p.30). O professor e a família são dois agentes educativos fundamentais na educação e formação dos alunos e, por isso, devem trabalhar em parceria, assumindo a responsabilidade em relação aos mesmos. Para Martins (2011) a relação entre escola

e família permite “(...) a troca de conhecimentos, o que resultará em aprendizagens e educações significativas” e, por sua vez, o professor ao ter acesso às vivências dos seus alunos, conseguirá conhecer mais facilmente os seus alunos criando assim, uma relação com eles, bem como deve “(...) criar aulas mais enriquecedoras e significativas para cada aluno.” (Martins, 2011, p.30).

Para finalizar, podemos dizer que é de suma importância que a relação professor-aluno de forma a criar o processo de ensino-aprendizagem significativo para ambas as partes, sendo que o professor ao ter conhecimento de como são os seus alunos e o meio onde estão inseridos poderá compreender melhor o desenvolvimento de cada um deles. Ou seja, uma vez que os alunos e os professores passam grande parte do seu tempo em contexto de sala de aula, estes interagem entre si. Isto é, “os professores interagem com os alunos, e os alunos com os professores; os alunos interagem uns com os outros e com vários materiais escolares. À medida que estes alunos trabalham uns com os outros, desenvolve-se um grupo” quando que cada grupo, na opinião dos professores, cada grupo “(...) adquire uma «personalidade distinta», com base nas necessidades e nos interesses dos alunos que constituem esse grupo. (Arends, 1995, p.109).

De acordo com as linhas anteriores, “os alunos e professores devem ser considerados parceiros, buscando sempre o equilíbrio para o desenvolvimento intelectual principalmente para o aluno, objetivando o êxito escolar.” (Almeida, 2012).

1.3. Estratégias utilizadas pelos professores do 1.ºCiclo para os alunos em diferentes áreas curriculares

Ao longo do processo de ensino-aprendizagem, deve-se ter em conta a forma como o professor ensina e os alunos aprendem. Como tal, é necessário que o professor planeie e desenvolva tarefas de ensino-aprendizagem que estimulem no aluno crenças motivadoras que sejam favoráveis ao seu envolvimento, empenho e compartimento com o trabalho na sala de aula permitindo um bom desempenho escolar. (Bockarcrts, 2002).

Assim sendo, o processo de ensino-aprendizagem “(...) é o conjunto de acções em que se articulam as actividades de transmissão e de aquisições de informações e de

conhecimentos” (Martins, 2011, p.7). Por isso, o professor não pode limitar-se apenas ao transmitir o saber, mas também, deve facilitar e orientar a aprendizagem, despertando o interesse e apoiar os alunos na interação entre os problemas, os conhecimentos e as experiências.

Sendo as estratégias de ensino-aprendizagem uma das temáticas de grande interesse para a educação, estas destacam-se como sendo um “(...) elemento constitutivo do processo educativo, fundamentalmente para propiciar a realização de aprendizagens por parte dos alunos” (Martins, 2011, p.7). Assim, podemos afirmar que as estratégias no processo de ensino-aprendizagem são um conjunto de ações do professor ou do aluno orientadas que permitem favorecer o desenvolvimento de determinadas competências de aprendizagem que se têm em vista.

Nesta linha de pensamento e, tendo em conta que as metas de aprendizagem são um instrumento de gestão curricular que apoia o trabalho dos professores, pois explicita com clareza os resultados de aprendizagem obtidos pelos alunos no final de um percurso curricular, deve-se apoiar os professores a programar estratégias de ensino-aprendizagem e de avaliação. Por esta razão, adaptamos como conceito de estratégia de ensino-aprendizagem, tal como é definido por Roldão (2009):

A estratégia enquanto concepção global de uma acção, organizada com vista à sua eficácia (...): o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem. (Roldão, 2009, p.57).

Com base nas linhas anteriores, um professor deve fazer uma boa seleção de tarefas, tendo em conta as necessidades de cada aluno da turma. Para Estanqueiro (2010, p.15) “os professores sensatos procuram o equilíbrio nas tarefas propostas aos alunos” dado que as tarefas extremamente exigentes para os alunos, poderão levar ao bloqueio da inteligência e, por sua vez poderá levar à indisciplina e ao insucesso escolar dos alunos. Em contrapartida, quando as tarefas demonstram ser demasiado fáceis, estas também se tornam desmotivantes pois o facilitismo produz nos alunos o desinteresse ao longo das suas aprendizagens, bem como, sentem-se subestimados quanto às suas capacidades e competências. Por isso, é necessário que os professores saibam:

(...) dosear as dificuldades e o ritmo de trabalho, propondo objetivos concretos e tarefas estimulantes, estejam ao alcance do aluno e, ao mesmo tempo, ponham à prova as suas capacidades. Cada aluno tem de ser desafiado a desenvolver gradualmente as suas potencialidades, a competir consigo mesmo, a dar o seu melhor, na conquista do sucesso. O importante não é ser melhor do que os outros, é ser o melhor possível. (Estanqueiro, 2010, p.16).

Neste sentido, é importante que o professor crie um ambiente de sala de aula com base nas características sociais, psicológicas e emocionais dos seus alunos que são fundamentais para a motivação dos mesmos, ou seja, o professor deve conhecer cada aluno da sua turma, identificando os pontos fortes e os pontos fracos para que assim saiba de que forma é que pode intervir para ajudar de forma adequada e motivadora os seus alunos. Para Arends (1995) um ambiente de sala de aula deve ser:

(...) caracterizado por um clima geral onde os alunos se sentem a si próprios e aos seus colegas de forma positiva onde as suas necessidades individuais devem ser satisfeitas de forma a que eles persistem nas tarefas escolares e trabalhe, cooperativamente com o professor e onde os alunos possuem as competências interpessoais e grupais indispensáveis para cumprir as exigências da vida na sala de aula. (Arends, 1995, p.129).

1.4. O papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem

Toda e qualquer criança começa por desenvolver as suas capacidades no seio familiar. E, tal como os docentes, a família tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Para além das competências e conhecimentos que um aluno adquire em contexto escolar, este tem acesso aos mesmos através da participação indispensável da família e do meio em que se encontra inserido uma vez que são transportados para sala de aula o que aprendem fora do contexto escolar.

Para que haja um bom desenvolvimento do aluno, deve existir uma boa relação entre a escola e família. Logo, é fundamental que a família participe do dia-a-dia escolar dos seus filhos. Ou seja, é extremamente importante para o aluno, a presença da família nos diversos momentos do seu percurso escolar. Segundo Marujo *et. al* (1998), “o

envolvimento de pais e mães na educação escolar dos filhos é um direito, tanto como uma responsabilidade e um valor.” (Marujo *et. al*, 1998, p.11).

Deve existir uma parceria entre a família e a escola uma vez que esta é crucial para um bom desenvolvimento e uma boa formação dos alunos enquanto futuros cidadãos. Neste sentido, Bartolomeis (1976) afirma que “a escola deve colocar-se ao lado da família na obra de auxílio, aprontando (...) estímulos, ocasiões de desenvolver actividades, tarefas, instrumentos proporcionados às necessidades e às capacidades da criança” (Bartolomeis, 1976, p.22).

Segundo Reis (2008), o papel dos pais deve ser de:

(...) autoridade/cuidador, não forçosamente pedagógico, e o papel da escola é o pedagógico, sem perder o seu carácter de autoridade e sem se esvaziar na componente técnica. Já o objectivo de ambos, junto do aluno, é o seu sucesso académico, ou melhor, a aquisição de competências! E é aqui que se pode encontrar algo de comum. (Reis, 2008, p.59).

A família (os pais) e a escola são como um puzzle, completam-se para o futuro sucesso escolar dos alunos - **Figura 7**⁷.



Figura 7 - Família e Escola como parceiras

Neste ponto de vista, Azcue (2012) salienta que a parceria entre a escola e a família “(...) implica obrigações e responsabilidades para ambas as partes.”

⁷ Figura elaborada pela investigadora.

(Azcue, 2012, p.32). Por isso, e como já fora referido, é importante que ambas as partes trabalhem em conjunto de modo a que os alunos tenham um futuro brilhante.

E para que os pais possam estimular a motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem, estes deveriam seguir cinco princípios:

1. Proporcionar em casa um ambiente variado e com novidades.
2. Proporcionar experiências nas quais as crianças podem afectar e modificar os seus ambientes.
3. Proporcionar ambientes que respondam às acções da criança.
4. Responder positivamente às perguntas das crianças e simultaneamente encorajá-las a descobrirem as suas próprias soluções.
5. Recompensar frequentemente as crianças com elogios, dando-lhes um sentido de competência. (Sprintahll e Sprintahll, 1997, p.508).

Estes princípios devem estar envolvidos num ambiente familiar coerente, estável com amor, compreensão, tolerância e com regras devidamente estabelecidas.

Porém, nem sempre tal acontece visto que cada vez mais verifica-se que os alunos nem sempre estão motivados e, por sua vez, demonstram desinteresse em aprender. Quando tal acontece, o professor procura compreender o porquê da desmotivação em aprender e existem vários fatores para tal, tais como “(...) comumente a culpa incide no aluno, porque não estuda, ou porque o professor não motiva, ou os conteúdos não são atractivos ou podem não estar adaptadas à realidade de cada um. Culpa essa, que por vezes também recai sobre os pais que não dão a devida atenção aos seus filhos.” (Martins, 2011, p.30). Esta falta de atenção por parte dos pais, é cada vez mais verificada pelos docentes do 1.ºCiclo do Ensino Básico.

Ou seja, com base nestas entrevistas, é importante que os pais acompanhem os filhos e que estes influenciam a sua aprendizagem. Mas hoje em dia torna-se cada vez mais difícil para os pais despenderem um tempo para os filhos devido a uma série de razões como o horário laboral, as tarefas domésticas a fazer após o trabalho e que não lhe permitem disponibilizar o tempo que os filhos precisam, o meio onde estão inseridos, se têm ou não estudos de modo a estarem e ajudarem os seus filhos, entre outros. Todas estas razões podem afetar a aprendizagem dos alunos e levá-los à desmotivação ao longo da mesma. No entanto, é possível, no pouco tempo que os pais

têm com os seus filhos, que estes, de uma forma construtiva e significativa contribuam para a aprendizagem e sucesso escolar dos seus filhos.

Assim, podemos dizer que os pais têm um papel crucial para a motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem, que pode contribuir ou não para o sucesso escolar dos mesmos.

CAPÍTULO 2 - PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

O presente capítulo refere de forma detalhada os princípios metodológicos da investigação realizada, justificando os métodos escolhidos de acordo com os objetivos definidos para este estudo.

Este capítulo está organizado em seis partes: (2.1.) Problema, objetivos e questões de investigação, (2.2.) Paradigma, (2.3.) Estudos Exploratórios, (2.4.) Participantes, (2.5.) Recolha de dados: técnicas e instrumentos e (2.6.) Procedimentos.

2.1. Problema, objetivos e questões de investigação

Atualmente, existe uma maior preocupação na forma como os alunos que frequentam o 1.ºCiclo do Ensino Básico adquirem as suas aprendizagens. Para tal, é de extrema importância que os professores procurem refletir e aplicar diferentes estratégias de aprendizagem, motivando, assim, os seus alunos ao longo da mesma.

Neste sentido, o problema que deu origem a esta investigação é quais os fatores que influenciam a motivação dos alunos que frequentam o 1.ºCiclo do Ensino Básico. A formulação de um problema consiste “(...) no objetivo da investigação, a meta que se pretende atingir, a pergunta científica para a qual queremos resposta.” (Sousa, 2005, p.44). Assim, emergiram as seguintes questões de pesquisa:

- 1) Quais as estratégias que são utilizadas pelos professores do 1.ºCiclo para os alunos, em diferentes áreas curriculares?
- 2) A relação professor-aluno tem influência na motivação no processo de aprendizagem?
- 3) Na perspetiva dos professores, qual o papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem?

Com o desenvolvimento deste trabalho de investigação pretendeu-se atingir os seguintes objetivos: perceber a relação professor-aluno ao longo da sua aprendizagem

bem como perceber a forma como o(a) professor(a) utiliza estratégias para motivar os seus alunos ao longo da sua aprendizagem.

2.2. Paradigma

Quando se realiza uma investigação, é de extrema importância a escolha da metodologia que se pretende adotar. O problema, os objetivos e as questões de investigação levantadas após a identificação do problema, são indispensáveis para se decidir que escolhas metodológicas se devem seguir.

Ao pretendermos compreender a motivação para aprender em alunos que frequentam o 1.ºCiclo do Ensino Básico, bem como, quais os fatores que a influenciam em contexto pedagógico, podemos afirmar que vamos utilizar uma abordagem interpretativa no decorrer desta investigação. Segundo Lessard-Hébert *et. al* (2005) a investigação qualitativa interpretativa “(...) tem como objetivo a compreensão do significado ou da interpretação dada pelos sujeitos inquiridos.” (Lessard-Hébert *et. al*, 2005, p. 175).

A abordagem interpretativa qualitativa possibilita a integração do investigador uma vez que esta “(...) centra-se na descrição e compreensão do indivíduo (...)” (Ramos e Naranjo, 2014, p.37) e, desta forma, permite ao investigador interpretar as ações dos participantes de acordo com o que os rodeia.

Nesta linha de pensamento, Afonso (2005) define a investigação qualitativa como “(...) a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspectos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade.” (Afonso, 2005, p.14).

Assim sendo, com esta investigação pretendemos estudar e/ou interpretar a forma como os docentes motivam os seus alunos ao longo da sua aprendizagem.

2.3. Estudos Exploratórios

Tal como já fora referido, optou-se por uma metodologia de cariz qualitativo cujo estudo se designa de estudo exploratório. Os estudos exploratórios visam “(...) examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não foi abordado.” (Ramos e Naranjo, 2014, p.53). Ou seja, este tipo de estudo serve:

(...) para nos familiarizarmos com fenómenos relativamente desconhecidos, ou para termos informação obre a possibilidade de levar uma investigação mais completa sobre o contexto particular da vida real, para investigarmos problemas do comportamento humano que se considerem cruciais, para identificarmos conceitos ou variáveis promissoras, para estabelecermos prioridades para investigações posteriores ou sugerir afirmações (postulados) verificáveis. (Ramos e Naranjo, 2014, p.54).

Assim, considera-se que o estudo em causa, é desta tipologia, uma vez que coaduna-se com o que se pretende estudar com esta investigação.

2.4. Participantes

Para a realização deste estudo de investigação consideramos como participantes do mesmo, doze professores de 1.ºCiclo que se encontram a exercer a sua profissão. Como tal, neste estudo, teve-se em conta para a escolha dos participantes: o contexto educativo em que os entrevistados se encontram a lecionar, a formação académica e profissional do entrevistado e o conhecimento antecedente sobre a prática exercida por cada um deles.

Gostaríamos de salientar que dos doze participantes deste estudo seis trabalham no ensino privado e os restantes seis trabalham no ensino público.

Ao realizar cada uma das entrevistas, possibilitou o conhecimento sobre uma diversidade de percursos profissionais, benéfica para a viabilidade do estudo em causa. Neste sentido, consideramos indispensável não só a escolha de professores de 1.ºCiclo formados em diferentes locais e de sexos opostos, mas que exercessem em contextos educativos diferentes.

Todos os participantes deste estudo são identificados pela palavra entrevistada(o) e um número.

2.5. Recolha de Dados: Técnicas e Instrumentos

Os instrumentos de recolha de dados constituem elementos essenciais uma vez que da utilização destes advém a qualidade e o êxito de um trabalho de investigação. Assim, no presente estudo, a recolha de dados foi feita exclusivamente pelo investigador, baseando-se fundamentalmente na pesquisa bibliográfica e nas entrevistas. A recolha de dados consiste na elaboração de um instrumento de observação que tem como objetivo “(...) recolher ou reunir concretamente as informações determinadas junto das pessoas ou das unidades de observação incluídas na amostra” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 183).

Na mesma linha de pensamento, Bogdan e Biklen (1994) referem que os investigadores qualitativos “(...) não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstracções são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.” (Bogdan e Bliken, 1994, p. 50).

2.5.1. Recolha Documental

A recolha documental utilizada para este estudo fora realizada com o intuito de recolher informações sobre ao assunto abordado, explicando e orientando o estudo, respondendo às perguntas de partida colocadas tendo em conta os objetivos da investigação. Neste ponto de vista, Lüdke e André (2005), referem que a recolha documental permite enriquecer a informação resultante de outros instrumentos de recolha de dados.

Para este estudo considerou-se como recolha documental todos os documentos utilizados no enquadramento teórico, bem como as entrevistas realizadas.

2.5.2. Entrevistas

Tendo em conta o âmbito da pesquisa procurou-se recolher a informação através das técnicas já enunciadas, como a entrevista. A entrevista consiste numa conversa intencional entre duas pessoas, sendo dirigida por uma dessas pessoas, tem como finalidade desenvolver ideias sobre a forma como os sujeitos interpretam aspetos do mundo. Assim podemos afirmar que, a entrevista é a “(...) recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspetos, os intervenientes do processo.” (Estrela, 1994, p.342).

O tipo de entrevista utilizada foi a entrevista semidiretiva devido às suas potencialidades, tais como: adaptar as questões e reorientar o guião de entrevista conforme o rumo que a conversa foi tomando, permitindo assim, consequentemente perceber algumas pistas não-verbais e esclarecer algumas dúvidas que foram surgindo. Por outras palavras, numa entrevista semidiretiva,

(...) o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação por parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. (Bogdan e Biklen, 1994, p.192).

Neste sentido, devido ao seu cariz semidiretivo, a entrevista foi orientada por um guião construído para o efeito, tendo por base as questões e os objetivos do estudo, bem com o referencial teórico que os sustenta.

Durante a elaboração do guião da entrevista teve-se a preocupação de evitar a introdução de tópicos para perguntas que possibilitam respostas limitadas tais como “sim” ou “não”, mas sim de carácter exploratório que pudessem revelar pormenores e detalhes particulares.

2.6. Procedimentos

Para melhor compreender quais os procedimentos realizados ao longo desta investigação, decidiu-se dividir as atuações realizadas em dois grandes pontos, tais como os procedimentos efetuados no decorrer da recolha de dados e os procedimentos de tratamento e análise de dados, que ocorreram ao longo da investigação e após o fim da mesma.

Assim podemos afirmar que os procedimentos são uma forma de progredir em direção a um determinado objetivo, isto é, os procedimentos estão relacionados com a descrição de “(...) princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação.” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p.25).

2.6.1. Procedimentos de Recolha de Dados

2.6.1.1. Elaboração do Guião das Entrevistas

Tal como já fora referido, consideramos pertinente utilizar como técnica de recolha de dados a entrevista uma vez que esta permite recolher informações sobre os mais diversos assuntos. Para tal, foi necessário a elaboração de um guião pré-definido que exige uma pesquisa sobre técnicas diferenciadas para a recolha de dados obtidos, realizando um trabalho de seleção e contacto com os entrevistados, acordando pormenores importantes como o tempo de duração da entrevista, o local e a data em que se irá realizar a mesma.

Numa primeira fase, é de extrema importância informar os entrevistados sobre os objetivos do estudo, salientando as razões que levaram a abordar este tema, estimulando uma participação motivada do(a) entrevistado(a).

Assim sendo, o guião da entrevista foi elaborado de acordo com os temas principais neste estudo, definidos por categorias, sistematizando uma ordem específica encadeada. Seguidamente, foram formuladas questões relacionadas com cada uma dessas categorias estabelecidas, estruturando o guião da seguinte maneira: numa primeira parte surgiram questões relacionadas com a formação do(a) entrevistado(a) e,

posteriormente, surgiram questões relacionadas com tema em si, ou seja, questões sobre a importância de motivar os alunos ao longo da sua aprendizagem. É de salientar que para a realização das entrevistas e de modo a facilitar no futuro o seu tratamento, recorreu-se à gravação áudio das mesmas. Para melhor compreender as linhas anteriores, apresentamos a **Tabela 1**⁸, que representa o guião da entrevista.

⁸ Tabela elaborada pela investigadora.

Tabela 1 – Guião da Entrevista

Blocos	Objetivos	Tópicos para perguntas	Exemplos de pergunta
BLOCO A Legitimação do(a) Entrevistado(a) e a sua Motivação	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informar, em traços gerais, aos entrevistados, sobre o trabalho de investigação: A motivação para aprender em alunos que frequentam o 1.ºCiclo. Que fatores a influenciam em contexto pedagógico. 2. Pedir a colaboração do professor uma vez que o seu contributo é imprescindível para o êxito do trabalho. 3. Assegurar que as informações recolhidas são de carácter confidencial. 4. Referir que para facilitar a recolha de dados irá gravar-se a entrevista. 5. Agradecer uma vez mais a colaboração do entrevistado. 	<p>Bom dia, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista.</p> <p>Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.</p> <p>Como já lhe tinha dito por telefone ou pessoalmente esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação para aprender em alunos que frequentam o 1.ºCiclo do ensino Básico.</p>

<p>BLOCO B</p> <p>Caracterização dos Entrevistados</p>	<p>Caracterizar o/a entrevistado/a quanto à sua formação.</p>	<p>1. Pedir ao/à entrevistado/a que fale sobre a sua formação académica e a importância desta para a sua profissão.</p>	<p>Para começar, fale-me um pouco de si:</p> <p>1. Qual é a sua habilitação académica?</p> <p>2. Onde tirou o seu curso? E quanto tempo durou o mesmo?</p> <p>3. Há quanto tempo está a exercer a função de docente?</p> <p>3.1. (CONSOANTE A RESPOSTA DADA, PERGUNTAR...) Se começou a trabalhar assim que terminou o curso?)</p> <p>4. O estabelecimento de ensino onde se encontra a trabalhar é público ou privado?</p> <p>4. Ao longo da sua carreira de docente, o/a professor(a) já trabalhou nos dois setores de ensino (privado e público)?</p> <p>5. Ao longo da sua carreira profissional, frequentou ações de formação continuada?</p> <p>6. Que áreas lhe suscitam mais interesse?</p>
---------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>BLOCO C</p> <p>A Importância de Motivar para Aprender</p>	<p>Verificar o quão importante é para os professores motivar os alunos ao longo da sua aprendizagem.</p>	<p>1. Pedir aos professores que expliquem o porquê de se motivar os alunos na sua aprendizagem.</p> <p>2. Compreender que estratégias os professores do 1.ºCiclo utilizam na aprendizagem de diferentes áreas curriculares.</p> <p>3. Compreender se a relação professor-aluno tem influência na motivação do processo de aprendizagem.</p> <p>4. Averiguar, qual o papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem, na perspetiva dos professores.</p>	<p>1. Uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?</p> <p>2. Considera que é importante a motivação dos alunos ao longo da sua aprendizagem? Porquê?</p> <p>3. De que forma é que verifica que os alunos se sentem motivados?</p> <p>4. Em que áreas curriculares é que sente que os alunos estão mais motivados? Porquê?</p> <p>5. Enquanto docente do 1.ºCiclo que tipo de estratégias utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares?</p> <p>6. Considera que a relação professor-aluno tem influência na motivação do processo de aprendizagem?</p>
-----------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			7. Na sua perspectiva qual o papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem?
BLOCO D Agradecimentos Finais	Agradecer ao(s) entrevistado(s) pela sua colaboração e disponibilidade para a realização desta entrevista.	1. Reconhecer a importância do papel que o(s) entrevistado(s) tiveram na realização desta entrevista.	A sua participação foi fundamental para a realização do estudo em questão.

2.6.1.2. Realização das Entrevistas

Para a realização das entrevistas nos dois estabelecimentos de ensino (privado e público), foi necessário elaborar dois pedidos de colaboração para recolha de dados, sendo que estes, encontram-se em anexo – **Anexos I e II**.

A realização da entrevista foi feita de forma informal com cada um dos entrevistados e num ambiente descontraído, em que o entrevistador colocou todas as perguntas registadas no guião elaborado, reformulando algumas delas com base nas respostas dadas e, alterando por vezes a ordem das perguntas se necessário.

O entrevistador preocupou-se em conduzir a entrevista de modo a compreender claramente todas considerações feitas por cada um dos entrevistados. Com base nas linhas anteriores, o entrevistador “(...) poderá pedir uma clarificação no caso do respondente mencionar algo que lhe pareça mais estranho, utilizando frases como: “O que quer dizer com isso?” “Não tenho a certeza se estou a seguir o seu raciocínio.” “Pode explicar melhor?”.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 136).

As entrevistas foram realizadas em diferentes espaços dos estabelecimentos de ensino, sendo estes escolhidos pelos entrevistados, bem como, utilizou-se para a gravação das entrevistas a gravação de voz, sem interferir e interromper o raciocínio lógico de cada entrevistado. Segundo Bogdan e Bliklen (1994) “(...) o gravador deverá ser visto como uma terceira presença que não se consegue ver.” (Bogdan e Bliklen, 1994, p.139).

Gostaríamos ainda de salientar que as doze entrevistas foram realizadas entre 6 de junho de 2017 e 22 de junho de 2017.

2.6.2. Procedimentos de Tratamento e Análise de Dados

Na sequência de recolha de dados feita através das entrevistas realizadas, procurou-se iniciar a análise dos mesmos. A análise de dados é um processo que procura sistematizar de forma organizada os dados obtidos, recorrendo à transcrição das entrevistas efetuadas para estudo. Nesta linha de pensamento, Bogdan e Bliklen (1994) referem que a análise de dados “(...) envolve o trabalho com dados, a sua organização,

divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” (Bogdan e Bliken, 1994, p.205).

2.6.2.1. Transcrição das Entrevistas

Após a realização das entrevistas foi necessário transcrevê-las para analisar as informações recolhidas – **Anexos III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV**. Para cada entrevista foi feita uma revisão de todas as páginas transcritas, enumerando cada linha para facilitar a análise de conteúdo, tendo em conta as inferências dos entrevistados, bem como os seus comportamentos registados e a linguagem verbal traduzida depois para o suporte escrito. Esta transcrição foi feita apenas pelo investigador de forma a possuir uma ideia completa sobre o que foi dito e mencionado pelos entrevistados.

Ao transcrever cada uma das entrevistas, o investigador foi capaz de analisar com mais precisão as considerações feitas por cada entrevistado, segundo uma linha de pensamento lógica, encontrando nas palavras de cada um deles, ideias semelhantes e diferenciadas sobre o tema falado, registando notas relevantes para a análise subsequente dos dados empíricos.

2.6.2.2. Análise de Conteúdo das Entrevistas

Nesta investigação, os dados recolhidos através das entrevistas foram tratados com recurso à análise de conteúdo. Através da análise de conteúdo, o investigador procura compreender e esclarecer o conteúdo dos dados recolhidos, bem como analisar e conhecer fenómenos da vida social que, de outra forma seriam inatingíveis. Para Bardin (2004), a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos

relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 2004, p. 42).

A análise de conteúdo das entrevistas foi desenvolvida através de um sistema organizado que divide os dados por categorias, separando cada ideia transmitida de acordo com as questões colocadas. Após caracterizar cada tópico abordado, foram reconhecidos padrões ou ideias diferenciadas descodificando os dados obtidos através de uma leitura pormenorizada das entrevistas transcritas. Assim sendo, as gravações de voz/áudio tiveram diferentes durações e foram transcritas na íntegra constituindo-se assim o *corpus* da análise.

Durante a análise das entrevistas foram definidas as seguintes unidades de análise: a unidade de registo (U.R.) e a unidade de contexto (U.C.). As unidades de registo são palavras que contribuem para a elaboração de categorias e subcategorias. Por outras palavras, as unidades de registo correspondem ao

segmento de texto que é objeto de “recorte”, isto é, de seleção para análise. Geralmente, o critério de definição das unidades de registo deverá ser semântico (uma unidade com significado específico e autónomo) e não formal (por exemplo, uma palavra, uma linha, uma frase ou um parágrafo). (Lima, 2013, p.9).

As unidades de contexto são parágrafos ou excertos de mensagem utilizados como unidades de compreensão para identificar as palavras que foram definidas como unidades de registo. Para Vala (1986), as unidades de contextos consistem num “segmento mais largo de conteúdo que o analista examina quando caracteriza uma unidade de registo.” (Vala, 1986, p.114).

Uma vez definidas as unidades de análise, iniciou-se o processo de categorização. As categorias constituem uma espécie de classes que permitem agrupar as unidades de registo de acordo com um determinado critério. Cada uma das categorias são definidas operacionalmente pelos seus indicadores, cujo levantamento se deve proceder de forma exaustiva. Deste modo, Estrela (1994) refere que “(...) a determinação das categorias deverá obedecer a critérios de coerência, homogeneidade, exclusividade recíproca e exaustividade.” (Estrela, 1994, p.456).

É de salientar que neste processo “(...) o que importa ao analista são conceitos, e a passagem dos indicadores aos conceitos é, portanto, uma operação de atribuição de sentido cuja validade importará controlar.” (Vala, 1986, p.111).

Com base nas linhas anteriores e, tendo em conta, as questões de estudo formuladas procedeu-se à análise das entrevistas que organizámos em duas grandes categorias: a Caracterização dos Participantes no que respeita à sua formação e percurso profissional, que por sua vez se divide em quatro subcategorias, e a Perspetiva dos Professores sobre a importância da motivação no processo de aprendizagem, que se divide em sete subcategorias. Ao organizarmos a análise de cada uma das entrevistas através deste sistema de categorias e subcategorias, foi possível responder às questões deste estudo.

Assim sendo, o capítulo que se segue, apresenta cada uma das categorias e respetivas subcategorias que constituem a análise detalhada de cada uma das entrevistas, respondendo assim às questões de estudo formuladas.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo apresenta uma análise reflexiva sobre os resultados obtidos neste processo de investigação de acordo com o enquadramento teórico previamente apresentado, evidenciando os aspetos mais relevantes das entrevistas realizadas.

Como tal, neste capítulo, a análise de conteúdo de cada uma das entrevistas realizadas, apresenta duas grandes categorias: (3.1.) a Caracterização dos Participantes no que respeita à sua formação e percurso profissional e (3.2.) a Perspetiva dos Professores sobre a importância da motivação no processo de aprendizagem.

Da primeira categoria, gostaríamos de destacar quatro das seis subcategorias: (3.1.1.) Tempo de Serviço dos Entrevistados, (3.1.2.) Contexto de Ensino em que se inserem, (3.1.3.) Formação Contínua e (3.1.4.) Áreas de Interesse dos Entrevistados.

Relativamente à segunda categoria, esta divide-se em sete subcategorias: (3.2.1.) Interesse na Motivação em Aprender (o que sente), (3.2.2.) Importância da Motivação dos Alunos, (3.2.3.) Áreas Curriculares que Motivam os Alunos, (3.2.4.) Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e a sua Motivação em Aprender, (3.2.5.) Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares, (3.2.6.) Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem e (3.2.7.) Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos.

Gostaríamos de salientar que, para analisar cada uma das entrevistas, foi necessário criar uma tabela de análise de conteúdos – **Tabela 2⁹**.

⁹ Tabela elaborada pela investigadora, tendo por base as questões colocadas ao longo das entrevistas.

Tabela 2 – Tabela de Análise de Conteúdos da Entrevista

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias		
		Ensino Superior		
		Tempo de Serviço		
		Ensino Privado ou Público		
		Formação Contínua		
		Áreas de Interesse		
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?)		
		Importância da Motivação dos Alunos		
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos		
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)		
		Motivação dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)		
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares		
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem		
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos		

Relativamente às análises de conteúdos das entrevistas realizadas, estas encontram-se em anexos - Anexos **XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV e XXVI**.

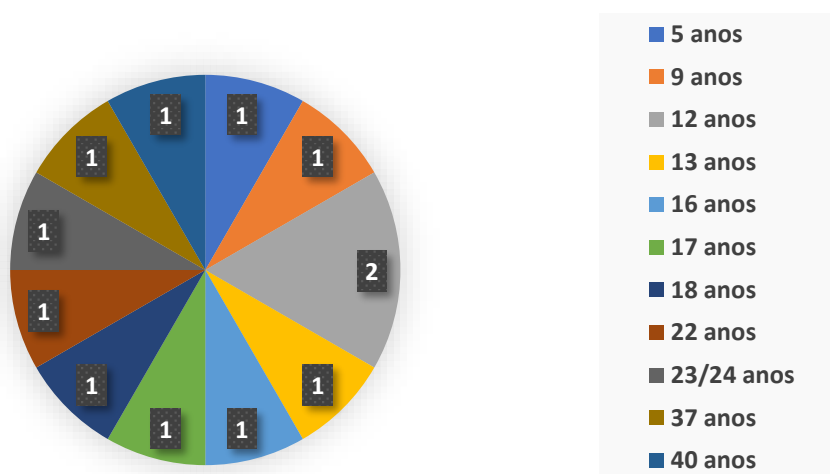
3.1. Caracterização dos Participantes

Esta categoria designa-se de Categoria Profissional e está relacionada com a formação académica e experiência profissional de cada um dos participantes deste estudo.

3.1.1. Tempo de Serviço dos Entrevistados

De acordo com a análise desta categoria podemos afirmar que todos os entrevistados têm formação na área do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, como tal, estes exercem a função de docente do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no mínimo há cinco anos e no máximo há quarenta anos, tal como se pode verificar no seguinte gráfico – **Gráfico 1**¹⁰.

Gráfico 1 – Tempo de Serviço dos Entrevistados



¹⁰ Gráfico elaborado pela investigadora tendo em conta as respostas dadas pelos entrevistados.

Com este gráfico verificamos que dois dos doze entrevistados têm doze anos de serviço e os restantes dez entrevistados correspondem, cada um deles a um tempo de serviço.

3.1.2. Contexto de Ensino em que se inserem

Tal como já foi referido no capítulo anterior, estas entrevistas foram realizadas aos docentes do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico que trabalham quer no ensino privado quer no ensino público. Através da análise de cada uma das entrevistas, verificamos que dos doze participantes, alguns destes, sempre trabalharam ou no ensino público ou no ensino privado e outros que já trabalharam nos dois tipos de ensino. Ou seja, cinco dos doze entrevistados sempre trabalharam no Ensino Privado; quatro dos doze entrevistados sempre trabalharam no Ensino Público e três dos doze entrevistados já trabalharam tanto no Ensino Privado como no Ensino Público.

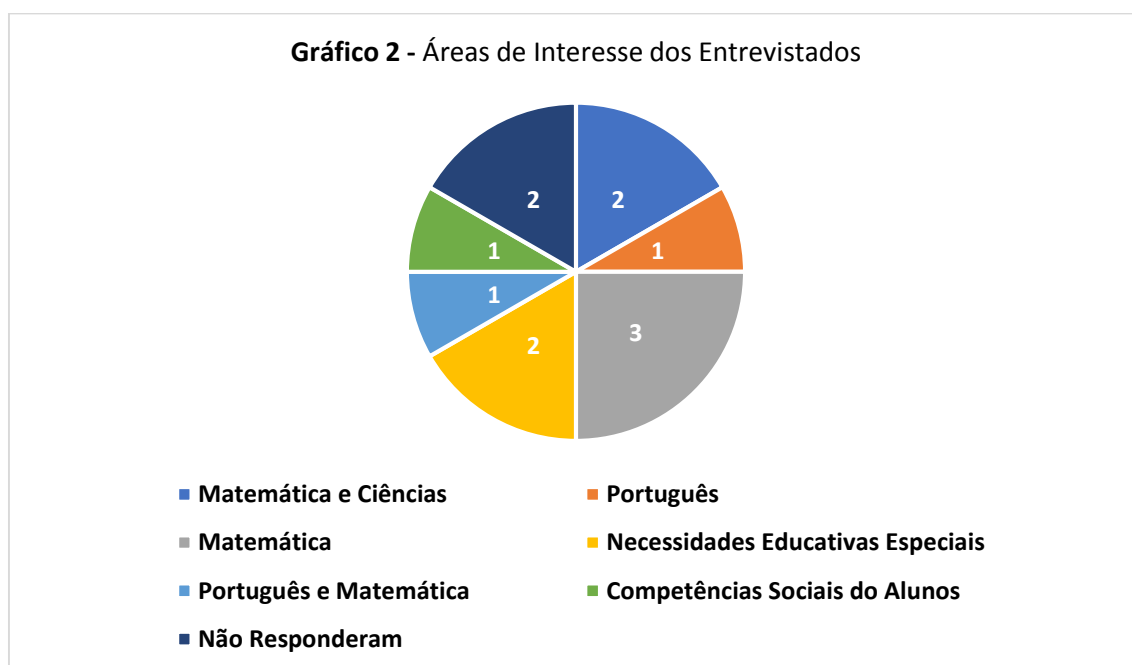
3.1.3. Formação Contínua

Com base nas entrevistas realizadas, todos os entrevistados deste estudo afirmaram que têm feito, ao longo da sua carreira profissional, formações contínuas nas mais diversas áreas relacionadas com a educação, uma vez que estas servem de complemento para a sua formação inicial bem como permite-lhes inovar o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Patrício (1992, p.39) a formação contínua é uma “(...) uma continuação natural da formação inicial de um professor.”. O mesmo autor acrescenta que “(...) o professor faz parte integrante da cadeia de produção e difusão do conhecimento.” (Patrício, 1992, p.39). Ou seja, o professor sabe, devido à sua experiência que é de extrema importância para si, enquanto docente, “(...) estar em permanentemente em contacto com as fontes de conhecimento constituinte (...)”, sendo estas “(...) as de investigação científica e tecnológica e a da própria realidade social.” (Patrício, 1992, p.39).

É de salientar que as formações realizadas pelos entrevistados, são formações que foram surgindo e que podiam ou não estar relacionadas com a sua área de interesse, tal como refere a Entrevistada 1 “(...) foram as formações também as oportunidades que foram surgindo e depois por áreas de interesse.” (Anexo III, linha 57-58 - Bloco B). Para além disso, estas formações não eram obrigatórias, tal como refere a Entrevistada 2, “(...) não eram obrigatórias, mas faziam-se para que nós pudéssemos usufruir daqueles conhecimentos pois era e é sempre uma mais-valia para toda a gente.”. (Anexo IV, linhas 118-120 - Bloco B).

3.1.4. Áreas de Interesse dos Entrevistados

Durante as entrevistas realizadas, foi questionado aos entrevistados, quais seriam as suas áreas de interesse, ou seja, quais as áreas essas relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem. Como tal, elaboramos um gráfico - **Gráfico 2**¹¹ que representa as áreas de interesse dos entrevistados.



¹¹ Gráfico elaborado pela investigadora tendo em conta as respostas dadas pelos entrevistados.

Tal como se pode verificar no gráfico acima, dos doze entrevistados apenas dois não responderam a esta questão.

As áreas da Matemática e Ciências, são duas áreas de interesse de dois entrevistados, sendo que a Entrevistada 12 refere que “Matemática e Ciências são duas áreas que me dão mais gosto em trabalhar e daí a minha formação.” (Anexo XIV, linhas 50-51 -Bloco B).

Para a Entrevistada 10, a área do Português é a sua área de interesse e, como tal, refere que é uma área de

(...) gosto pessoal e isso depois reflete-se naquilo que se transmite aos alunos. E é uma área extremamente importante para a leitura e a escrita. Se trabalharmos bem o Português, isso depois vai refletir na Matemática e no Estudo do Meio e em todas as outras áreas. Então aqui neste meio o Português é extremamente importante. (Anexo XII, linhas 51-55 - Bloco B).

A área da Matemática é uma área de grande interesse para três dos doze entrevistados. As Entrevistadas 2 e 3 afirmam gostar desta área e daí o seu interesse. A Entrevistada 3 refere ainda que a Matemática é uma “(...) área onde existe maior possibilidade de exploração de materiais. A Matemática como eu costumo dizer está em todo o lado, mas o Português também está.” (Anexo V, linhas 72-74 - Bloco B). Para a Entrevistada 9, esta área é aquela que mais gosta de trabalhar, mas considera que os alunos “(...) precisam de trabalhar mais as Artes.” (Anexo XI, linhas 61-62 - Bloco B).

A área das Necessidades Educativas Especiais é uma área de interesse de dois dos doze entrevistados que afirmam gostar imenso da mesma pois é uma área com a qual trabalham cada vez mais em contexto escolar. A Entrevistada 4 refere que, quando tem alunos com Necessidades Educativas Especiais são

(...) diferentes dos comuns, interessam no sentido em que gosto de poder ajudá-los, portanto a formação de ensino especial também serviu um pouco para isso. Nem foi tanto para exercer a função de professora de Ensino Especial, mas mais para poder ajudar os meus alunos porque em contexto profissional vai sempre surgindo na tua turma alunos que precisem mais de ti. (Anexo VI, linhas 96-101 - Bloco B).

Para a Entrevistada 7, o Português e a Matemática são as suas áreas de interesse devido ao meio em que encontra a trabalhar. Ou seja, tal como a mesma refere,

Eu acho que tem muito a ver com o meio em que eu trabalho. Ora nós temos um currículo para dar e as crianças têm muita dificuldade em Português e daí nós queremos criar crianças autónomas pois precisam do Português para trabalhar as outras áreas daí nós aplicamos muito tempo nessas áreas. É também quase uma obrigação e daí eu dedicar mais tempo a essas áreas e as outras áreas acabam por ficar um pouco mais de lado, especialmente no primeiro e segundo ano. (Anexo IX, linhas 53-59 - Bloco B).

No que diz respeito à área das Competências Sociais dos Alunos, a Entrevistada 6 refere ser a área que mais gosta de trabalhar com os seus alunos em contexto de sala de aula. No seu entender, ao trabalhar esta área com os seus alunos “(...) ajuda-os, torna-os melhores seres humanos, espero eu. Mas isso ajuda na dinâmica de sala de aula, o respeito pelo outro, a interajuda, o trabalho em (...)” (Anexo VIII, linhas 86-88 - Bloco B).

3.2. Perspetiva dos Professores sobre a importância da motivação no processo de aprendizagem

Esta categoria designa-se de Perspetiva do Professor e que está relacionada com o tema deste estudo, tal como já fora referido anteriormente. Ao longo desta categoria iremos apresentar os aspetos mais relevantes sobre a importância da motivação em aprender em alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no ponto de vista dos entrevistados.

3.2.1. Interesse na motivação em aprender (o que sente)

Ao longo deste estudo, verificamos que os entrevistados demonstram um crescente interesse na motivação em aprender, uma vez que existe uma preocupação na forma como irão ensinar os seus alunos de modo a adquirirem aprendizagens significativas e, por conseguinte, obterem sucesso escolar.

Motivar para aprender é, sem dúvida, um constante desafio e nem sempre é fácil. Para a Entrevistada 1, “(...) é uma área cada vez mais desafiante porque cada vez

mais é difícil captar a atenção deles e prende-los (...).” (Anexo III, linhas 69-70 - Bloco C). Neste sentido, a Entrevistada 3 acredita que é de extrema importância, os professores valorizarem os conhecimentos dos alunos e, se assim o fizerem, estarão a estimular o que eles sabem e a partir daí, os alunos estarão mais motivados e adquirem novas aprendizagens, bem como desenvolvem as suas capacidades e competências. Ou seja, segundo esta entrevistada, os alunos ao serem desafiados, irão sentir “(...) que tudo aquilo que eles podem aprender e que podem sempre aprender mais e enquanto eles se sentirem desafiados vão estar sempre motivados. (...)” bem como, terão em mente que “não é aprender porque a escola quer ensinar, mas aprender porque eu quero aprender porque isto é importante para eu conseguir fazer determinadas coisas.” (Anexo V, linhas 88-95; linhas 103-105 - Bloco C).

Sendo um grande desafio, os entrevistados consideram que é necessário criar formas de motivar os seus alunos para aprender. De acordo com a Entrevistada 5, “é essencial que nós arranjemos estratégias de motivação para eles (...)” mas nem “(...) sempre é fácil, mas pelo menos temos de ter essa preocupação como professores.” (Anexo VII, linhas 154-158 - Bloco C).

3.2.2. Importância da Motivação dos Alunos

Com base no ponto anterior e nas análises de conteúdos das entrevistas que realizamos, podemos afirmar que todos os entrevistados consideram de extrema importância a motivação dos seus alunos ao longo das suas aprendizagens, sendo que estas terão um grande impacto na vida dos mesmos. Ou seja, através das aprendizagens adquiridas em contexto escolar, os alunos poderão aplica-las no seu dia-a-dia, de acordo com o meio que os rodeia. Porém, a Entrevistada 1 refere que se os alunos “(...) não estiverem motivados é mais difícil de aprenderem.” (Anexo III, linhas 70-72 - Bloco C).

Como tal, considera-se necessário criar estratégias de forma a motivar os alunos durante a sua aprendizagem. Estas estratégias devem ser variadas, bem como devem ir ao encontro dos interesses e necessidades de cada aluno e, por sua vez, adaptar os mesmos, aos conteúdos de cada área curricular. Desta forma, os alunos estarão mais motivados para aprender. Assim sendo, a Entrevistada 4 salienta que os professores se

tentarem “(...) trazer coisas que tem haver com as suas vontades, os seus gostos, com aquilo que os anima e que os motiva, é mais fácil predispor-los para a aprendizagem (...)” (Anexo VI, linhas 112-116 - Bloco C). Tal como a Entrevistada 4, a Entrevistada 12 acredita que é importante trabalhar a motivação dos alunos através dos seus interesses sem esquecer dos conteúdos que têm de trabalhar nas diferentes áreas curriculares. Ou seja, para esta entrevistada, os professores devem conseguir “(...) cativar os alunos, motivá-los para aprender, tentando tocar nos interesses, nos gostos, tentando diversificar estratégias, procurando abordar os temas, os conteúdos, sem necessitar de necessariamente seguir a ordem que vem nos manuais, tentando englobá-los naquilo que vai ao gosto deles ou que naquele momento os perturba (...)” (Anexo XIV, linhas 111-118 - Bloco C).

Já para a Entrevistada 6, o professor deve arranjar estratégias diferentes para cada aluno, mas estas surgem a partir da forma “(...) como tu te relacionas com os teus alunos” pois é importante criar uma boa relação com cada um deles. (Anexo VIII, linha 127 - Bloco C). Esta entrevistada acrescenta ainda que todos os dias, deve-se “(...) criar uma situação com cada um deles de maneira a que eles confiem em mim e naquilo que lhes vou dizer.” (Anexo VIII, linhas 128-129 - Bloco C).

A Entrevistada 10 considera, também, de extrema importância a motivação dos professores uma que se os professores estiverem motivados ao longo do processo de ensino-aprendizagem, os alunos também estarão e, por sua vez, obterão sucesso escolar. Ou seja, esta entrevistada afirma que se sente “(...) muito motivada para ensinar os alunos (...) para depois poder transmitir isso às crianças. (...)” (Anexo XII, linhas 65-67 - Bloco C).

No entanto, alguns dos entrevistados, como é o caso da Entrevistada 3, que apesar de considerar importante a motivação dos seus alunos ao longo da aprendizagem, afirma que se pode aprender sem estar motivado. Ou seja, os alunos, na sua aprendizagem, “(...) podem aprender muito mais e melhor se estiverem motivados”, mas aprender sem motivação “(...) não é tao enriquecedor.” (Anexo V, linhas 110-111 - Bloco C).

No entanto, alguns dos entrevistados, como a Entrevistada 9 refere que é importante, mas, os alunos, atualmente não se encontram motivados para aprender.

Para esta entrevistada, a escola precisa de mudar. Esta entrevistada acredita que a escola

(...) vai mudar na forma como interage com as comunidades, na forma como as crianças aprendem, na forma e nos conteúdos que são ensinados porque aquilo que nós hoje ensinamos (...). (...) Mas crianças precisam de aprender coisas que hoje não praticam como comunicar oralmente, a área da criatividade, a área da assertividade...tudo isso não é trabalhado e são essas coisas, essas competências que vão ser essenciais para a vida profissional dos nossos alunos por daqui a vinte anos. (Anexo XI, linhas 73-75; linhas 77-81 - Bloco C).

Desta forma, podemos concluir que é necessário motivar os alunos para as suas aprendizagens, sendo que se deve motivá-los para a descoberta recorrendo a diversas estratégias que levem ao seu conhecimento. Assim sendo, consideramos que motivar consiste no interesse em aprender pois se o indivíduo estiver motivado e interessado em algo, terá a necessidade de querer aprender, tal como refere a Entrevistada 6.

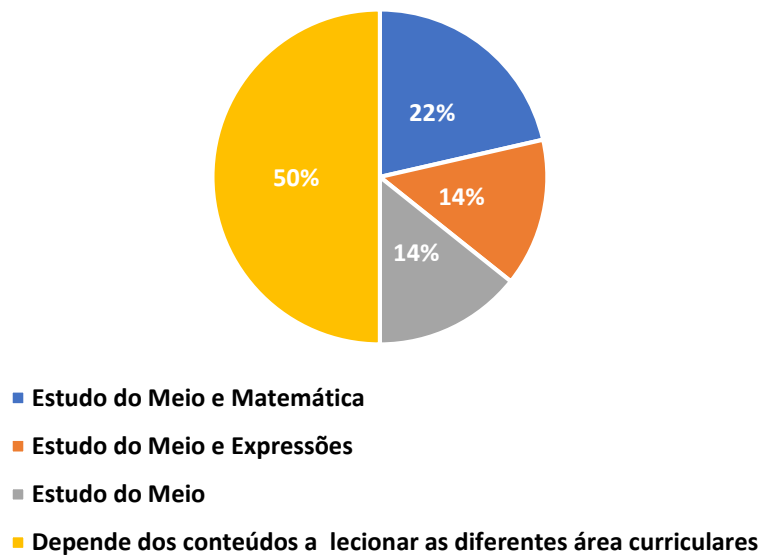
3.2.3. Áreas Curriculares que Motivam os Alunos

Tal como já fora referido nos pontos anteriores, é de extrema importância, que o professor tenha em conta, os interesses e necessidades de cada aluno, para que possa lecionar os conteúdos de cada área curricular.

Neste sentido, consideramos pertinente questionar os entrevistados sobre as áreas curriculares que motivam os seus alunos. Tendo em conta as respostas obtidas, elaboramos um gráfico - **Gráfico 3**¹², que representa as áreas curriculares que mais motivam os alunos ao longo das suas aprendizagens.

¹² Gráfico elaborado pela investigadora tendo em conta as respostas dadas pelos entrevistados.

Gráfico 3 - Áreas Curriculares que motivam os alunos



De acordo com o gráfico acima apresentado, as áreas curriculares de maior interesse e, que por sua vez, motivam os seus alunos são o Estudo do Meio, a Matemática e as Expressões. Para os entrevistados, estas áreas são áreas que fazem parte do quotidiano e, como tal, os alunos demonstram um maior interesse nas mesmas.

Porém, estes entrevistados referem ainda que em cada área curricular, existem diferentes conteúdos e que há uns que suscitam maior interesse do que outros. Logo, quando estão a lecionar os conteúdos de uma determinada área curricular, os professores podem verificar se os seus alunos estão ou não motivados para aprender os mesmos. Os entrevistados afirmam que através da participação dos alunos em contexto de sala de aula, a estrutura familiar e o meio onde estão inseridos podem influenciar a motivação dos alunos nas diferentes aprendizagens.

3.2.4. Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e a sua motivação em aprender

No decorrer das entrevistas, surgiu uma questão relacionada com a motivação em aprender dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.), ao qual os entrevistados responderam que, ao longo das suas carreiras profissionais têm integrado nas suas turmas, alunos com N.E.E. No entanto, nem sempre é fácil trabalhar com este tipo de alunos devido às Necessidades Educativas Especiais que cada um tem, mas não é impossível, a superação das dificuldades de cada um deles que permitirá a obtenção de sucesso escolar destes mesmos alunos. Segundo Bárrios *et. al* (s.d.) consideram um aluno com Necessidades Educativas Especiais “(...), quando, por qualquer razão (deficiências físicas, psíquicas ou sensoriais, emigração, grupos desfavorecidos, etc.) tem maiores dificuldades de aprendizagem do que os restantes alunos, o que o habilita a uma atenção especial.” (Bárrios, *et. al*, s.d., p.444).

Ao analisarmos esta questão, verificamos, que existe uma grande diferença entre o Ensino Privado e o Ensino Público, no que diz respeito ao trabalho com os alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Das entrevistas realizadas no Ensino Privado, pode-se afirmar que os seus alunos interagem muito bem uns com os outros, independentemente de terem ou não dificuldades, assim como, os professores adaptam as estratégias de ensino-aprendizagem consoante o tipo de dificuldades de aprendizagem que cada aluno tem. A Entrevistada 3 considera de extrema importância a integração dos alunos com ou sem Necessidades Educativas Especiais, bem como afirma que o professor deve valorizar o que cada aluno sabe, independentemente de ser ou não um aluno com N.E.E. Ou seja, enquanto professor é importante

(...) valorizares o que ele sabe em determinados momentos em que outros alunos não saibam. (...) Portanto, tentar fazer com que eles percebam que todos nós erramos e (...). (...) Portanto, é por aí, por um lado a valorização daquele que erra mais vezes e por outro lado a punição daquele que critica o outro que erra e fazê-lo entender que o colega erra, mas que ele próprio também erra em algumas coisas. Portanto vou por aí. (Anexo V, linhas 187-188; linhas 190-193; linhas 203-205 - Bloco C).

É, ainda, de salientar que os entrevistados do Ensino Privado, valorizam o Projeto Educativo do estabelecimento de ensino onde trabalham, uma vez que este projeto tem como objetivo trabalhar o ensino através da arte. Este projeto é uma proposta educativa criada pela instituição que tem como objetivo dar respostas à educação das crianças e/ou alunos através das artes e foi criado por toda a comunidade educativa (docentes, não docentes, alunos e respetivas famílias). Sendo um documento de trabalho orientador, este é válido durante cinco anos. Assim sendo, este projeto educativo desenvolve um conjunto de competências na área pessoal e social, usando para isso as artes (Dança, Música, Teatro e Expressão Plástica). Ou seja, os docentes deste estabelecimento de ensino, acreditam que é a melhor estratégia para a área pessoal e social e, assim contribui significativamente para um bom desenvolvimento nas diferentes áreas curriculares. (Colégio Cesário Verde, 2014).

Relativamente às entrevistas realizadas no Ensino Público, constatamos que os docentes sentem enormes dificuldades em ter numa turma, alunos com N.E.E., uma vez que não existem recursos educativos (agentes de educação, materiais, entre outros) suficientes para que estes possam superar as suas dificuldades de aprendizagem. O Entrevistado 8 refere que “a escola pública não está preparada para receber estas crianças pois temos falta de recursos pois não temos psicólogos, terapeutas da fala, nós não temos toda uma rede de agentes que deve de estar numa escola.” (Anexo X – 1.ª frase da 11.ª resposta - Bloco C). Para além disso, o meio onde se insere um estabelecimento de ensino pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com e sem N.E.E.

Apesar das diferenças entre estes dois tipos de ensinos, os entrevistados consideram que jamais se deve distinguir os alunos uns dos outros, independentemente, de serem ou não alunos com Necessidades Educativas Especiais. Ou seja, os professores devem tratar todos os alunos por igual, independentemente das suas dificuldades de aprendizagem. E, quando tiverem alunos com N.E.E., ou aplica-se o mesmo tipo de estratégias ou adaptam-nas de acordo com as necessidades desses alunos. A isto chama-se educação integradora, que segundo Bárrios *et. al* (s.d) é um “sistema educativo que tem como objectivo oferecer uma formação básica e polivalente a todos os alunos, sem fazer distinção entre eles.” (Bárrios *et. al*, s.d., p.444).

3.2.5. Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares

Ao analisar esta questão, relativa ao tipo de estratégias que um docente deve utilizar durante as aprendizagens dos alunos em diferentes áreas curriculares, verificamos que os entrevistados consideram que ao planear uma aula de uma determinada área curricular, devem ter em conta as estratégias que irão trabalhar ao longo da mesma, de forma a enriquecer as aprendizagens dos alunos. Estas estratégias devem ser diversificadas e adaptadas ao grupo de alunos com que se irá trabalhar. Pérez (s.d.) define a estratégia como “conjunto de processos de passos de pensamento”, ou seja, a estratégia “(...) é o caminho para desenvolver destrezas que desenvolvem valores, através de conteúdos (formas de saber) e métodos (formas de fazer).” (Pérez, s.d., p.8).

Para estes entrevistados, nos dias de hoje, não basta um quadro, uma mesa, um papel e uma caneta, não basta para que possam trabalhar com os alunos cada uma das áreas curriculares. A Entrevistada 5 refere que é preciso “(...) conseguir materiais manipuláveis, que consigam ver, que consigam descobrir. Porque só os manuais, só as fichas, só isso não os motiva grandemente. Pode ser muito engraçado porque é um livro novo, uma ficha nova, mas não passa por aí.” (Anexo VII, linhas 178-183 - Bloco C). Quando se fala em materiais manipuláveis, a Entrevistada 4 afirma que “tudo o que envolve coisas práticas motiva-os mais e o que os motiva muito mais gera aprendizagem significativa.” (Anexo VI, linhas 168-169 - Bloco C).

De um modo geral, os entrevistados acreditam que as estratégias utilizadas no decorrer das aprendizagens dos alunos, depende de cada área curricular e do conteúdo. Segundo a Entrevistada 3 as “(...) estratégias vêm um bocadinho de acordo com os conteúdos, não é? Se calhar há conteúdos em que eles precisam de se sentar e manipular algum material, se calhar há conteúdos em que têm de olhar para a rua primeiro e ver...não sei. Depende mesmo dos conteúdos.” (Anexo V, linhas 156-159 - Bloco C).

Assim sendo, para qualquer área curricular, é necessário criar estratégias diferentes que vão de acordo com os conteúdos programáticos bem como os interesses

e necessidades de cada aluno, para que os alunos tenham uma aprendizagem enriquecedora e significativa. Para melhor compreender esta questão, apresentamos a **Figura 8**¹³.

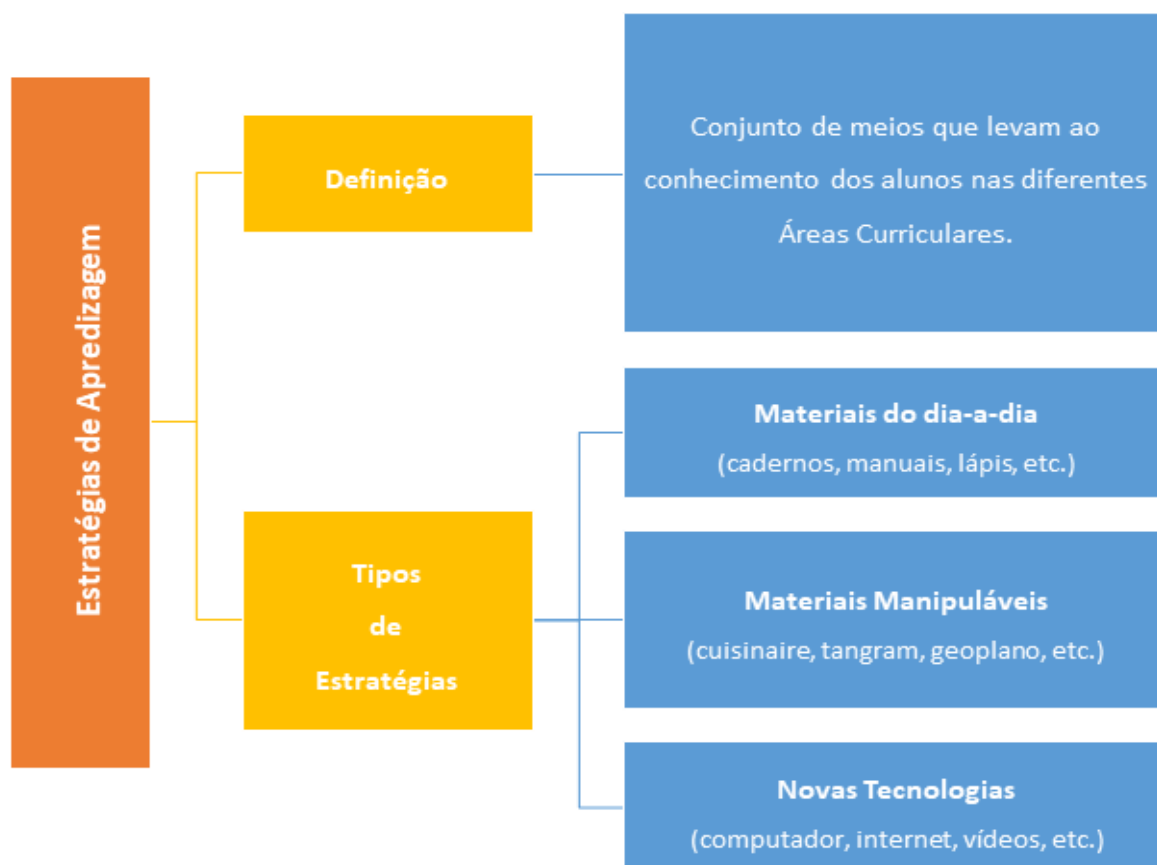


Figura 8 – Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos nas diferentes áreas curriculares

Uma vez que os docentes do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico preocupam-se, cada vez mais, com o sucesso escolar dos seus alunos, estes procuram criar estratégias que motivem os alunos durante as suas aprendizagens nas diferentes áreas curriculares. Assim, as estratégias de aprendizagem definem-se como sendo “(...) um conjunto de procedimentos utilizados numa situação de aprendizagem. Trata-se de sequências integradas de procedimentos ou actividades que se escolhem com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento e utilização da informação.” (Bárrios *et. al*, s.d., p.454).

¹³ Figura realizada com base nas respostas dadas pelos entrevistados.

3.2.6. Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem

Sendo a relação professor-aluno fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, os entrevistados acreditam que esta pode influenciar a motivação destes intervenientes ao longo deste processo. Venâncio (2005) refere que

O processo de aprendizagem requer, de forma implícita, interação e mediação, no meio escolar. Deste modo, a interação e o papel ativo do professor, enquanto mediador, é fundamental para uma boa prática, ajudando a atingir o principal objetivo da aprendizagem – formar cidadãos capazes. (Venâncio, 2015, p.13).

Nesta linha de pensamento, a Entrevistada 3 afirma que o professor é uma referência para os alunos. E sendo uma referência para os alunos, é importante que os professores criem uma boa relação com os seus alunos para que este processo de ensino aprendizagem se torne significativo para ambas as partes (Anexo V, linha 210 - Bloco C).

Para a Entrevistada 5, a relação professor-aluno “(...) tem de ser boa. O professor tem de se relacionar bem com os alunos.” (Anexo VII, linhas 243-246 - Bloco C). A Entrevistada 6 considera elementar, criar uma boa relação com cada um dos seus alunos, pois acredita que se “todos os dias criar uma situação com cada um deles de maneira a que eles confiem em mim e naquilo que lhes vou dizer.” (Anexo VIII, linhas 128-129 - Bloco C).

No entanto, para a Entrevistada 2, acredita que esta relação pode ou não influenciar a motivação no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, para esta entrevistada, a motivação no processo de ensino-aprendizagem pode influenciar ou não, a relação de professor-aluno uma vez que

(...) depende das turmas, mas, também, dentro da turma há vários alunos e todos eles são diferentes. Portanto, não estão todos motivados da mesma forma. Eu acho que ninguém pode ter ilusões, que consegue motivar todos os seus alunos da mesma maneira pois não é verdade. Para mim não há fórmulas. (...) Eu tenho de arranjar ali um meio-termo para se estar à vontade na aula e isso é um meio caminho andado para os miúdos. O estarem à vontade permite que eles tirem dúvidas, dá azo para falarem de tudo e sobre qualquer tema, dá azo para que venham falar comigo sobre assuntos que os preocupem, assuntos esses

relacionados com o exterior à escola. Portanto, nós temos de ter uma relação com os miúdos em que eles sintam o nosso apoio pois também estamos todo o dia com eles. (Anexo IV, linhas 225-228; linhas 239-244 - Bloco C).

Com base na análise de conteúdos de cada entrevista podemos constatar que para um melhor desenvolvimento e formação dos alunos é importante que exista uma relação de proximidade entre estes e os docentes com quem contactam no seu dia-a-dia. Neste sentido, podemos afirmar que entrevistados deste estudo, procuram ter uma boa a relação de professor-aluno. Ou seja, procuram sempre ir ao encontro das necessidades e interesses dos seus alunos, permitindo assim um bom desenvolvimento e aprendizagem.

3.2.7. Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos

O papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo das suas aprendizagens é considerado pelos entrevistados, de extrema importância. A importância do envolvimento dos pais na vida escolar dos seus filhos, reflete-se na relação que estes têm com a escola, pois a família e a escola ao trabalharem em conjunto podem promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que realmente vão de encontro às necessidades e demandas dos alunos e de ambos os agentes educativos. Nesta linha de pensamento, Monnier (1987) refere que a relação entre a família e a escola é importante uma vez que estes agentes educativos são um "(...) contexto do desenvolvimento dos indivíduos com papéis complementares no processo educativo cujo significado cultural, económico e existencial (...) reside no encontro dinâmico das realidades, valores e projectos de cada uma destas unidades sociais." (Monnier, 1987, citado por Menezes, 1990, p. 83).

No entanto, os entrevistados deste estudo afirmam que atualmente, podemos verificar que os pais podem desenvolver atitudes distintas e ambíguas face à sua participação na educação dos seus filhos, que oscilam entre o desinteresse e a enorme vontade de participarem. A Entrevistada 2, ao comparar os pais de antigamente com os pais de hoje, afirma que

A maioria dos pais não eram assim há uns anos atrás pois eram pais preocupados, que vinham falar connosco, queriam inteirar-se das coisas para ajudar os filhos. Havia uma interajuda entre escola-pais. Hoje em dia, a maioria não é assim. (Anexo IV, linhas 310-313 - Bloco C).

Tendo os pais um papel importante na vida escolar dos seus filhos, os entrevistados consideram que é necessário que os pais compreendam a importância da escola e as respetivas funções da mesma, bem como devem colaborar ativamente com a mesma e, por sua vez, demonstrar aos seus filhos que a escola é importante e, por sua vez, motivá-los para aprender. Segundo a Entrevistada 6 “os pais têm de perceber e respeitar qual é o nosso papel enquanto professores, escola e afins assim como nós devemos compreender a estrutura familiar de cada aluno e procurar um equilíbrio pois senão quem sofre, é a criança.” (Anexo VIII, linhas 289-292 - Bloco C).

Assim sendo, podemos perceber que a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos é essencial uma vez que estes fazem parte do desenvolvimento integral dos mesmos. Ou seja, é importante que os pais acompanhem os seus filhos ao longo do seu percurso escolar, tendo um papel mais ativo e de parceria com eles e com a escola. A **Figura 9¹⁴** representa o papel dos pais na motivação dos seus filhos.

¹⁴ Figura elaborada com base nas respostas dadas pelos entrevistados.

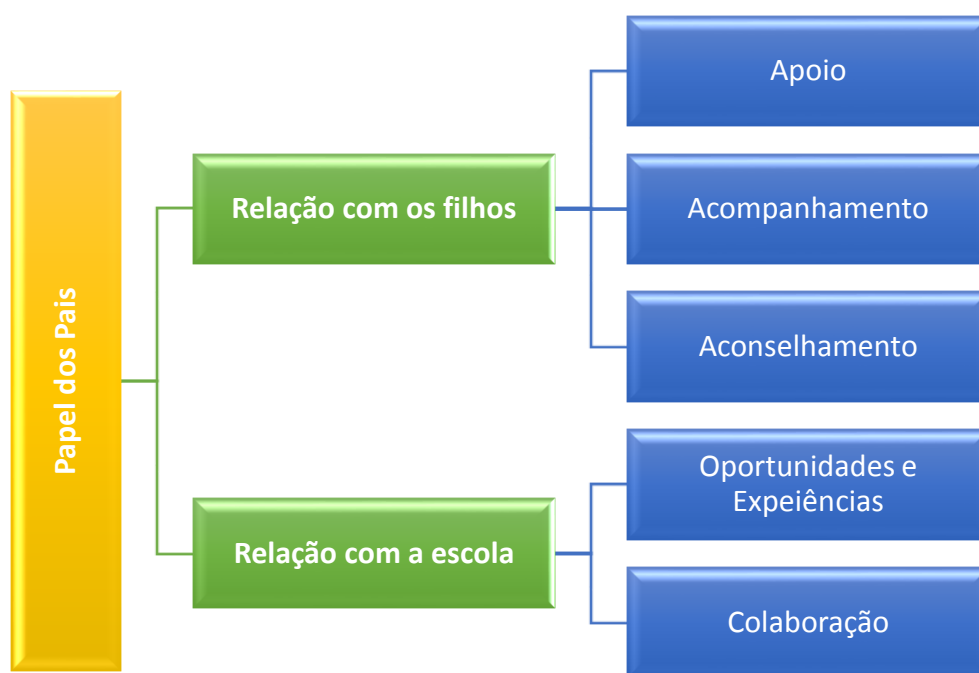


Figura 9 – O papel dos pais na motivação dos seus filhos

Finalizando este capítulo, compreendemos que motivar para aprender em alunos que frequentam o 1.º Ciclo do Ensino Básico, na perspetiva dos participantes deste estudo, é essencial para que os alunos possam obter aprendizagens significativas ao longo do seu percurso escolar e, por sua vez, aplicá-las nos seu dia-a-dia, tendo em conta, o meio onde estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto, pretende-se fazer uma reflexão geral sobre o estudo em questão, na qual iremos responder às questões de investigação colocadas. De seguida, será apresentada uma pequena reflexão sobre o estudo, identificando algumas limitações e sugestões para investigações futuras.

Síntese sobre as respostas às questões de investigação colocadas

Com este estudo, pretendeu-se apresentar uma reflexão crítica e uma análise sobre a perceção dos entrevistados relativamente à importância da motivação para aprender em alunos que frequentam o 1.º Ciclo de Ensino Básico, bem como, que fatores a influenciam em contexto pedagógico.

Como tal, surgiram três questões de investigação que orientaram este estudo e que passamos a apresentar em seguida, com as respetivas respostas encontradas através da análise de conteúdos das entrevistas.

Questão 1: *Quais as estratégias que são utilizadas pelos professores do 1.ºCiclo para os alunos, em diferentes áreas curriculares?*

Verificamos que a importância da motivação para aprender em alunos que frequentam o 1.ºCiclo do Ensino Básico é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Para tal, é necessário criar estratégias diversificadas que possam ser utilizadas nas diferentes áreas curriculares.

Assim sendo, todo o professor deve realizar o desenho curricular das suas aulas de forma a organizar as aprendizagens dos seus alunos e também dar um sentido condutor aos conteúdos a serem aprendidos e as metas a atingir. Para Arends (2008), a planificação também é vital para o ensino. (Arends, 2008, p.92). Neste sentido, um professor quando planifica uma aula, deve ter em conta que esta planificação deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, assim como é um instrumento que todos os docentes devem possuir, sendo esta uma orientação para os mesmos. Segundo Zabalza

(2000), planificar “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de ação.” (Zabalza, 2000, p.47). As planificações devem ser adequadas ao grupo-alvo que cada docente tem, ou seja, os docentes devem perceber quais as necessidades dos seus alunos, identificando os problemas da turma e adequando as estratégias necessárias, de forma a superar com sucesso as dificuldades encontradas.

Em suma, quando um professor planifica uma aula, está a organizar as ideias e intenções e transformá-las em estratégias que se pretendem desenvolver e aplicar em contexto de sala de aula, para que os alunos tenham uma aprendizagem enriquecedora e significativa.

Questão 2: *A relação professor-aluno tem influência na motivação no processo de aprendizagem?*

Através das considerações feitas pelos entrevistados, é sua perspetiva que a relação professor-aluno tem um grande impacto na aprendizagem do aluno. Uma boa relação entre professor e aluno permite despertar no aluno um interesse crescente em aprender. Através desta relação, o aluno sentirá mais favorável ao seu sucesso se encontrar no professor confiança e uma expectativa positiva face aos seus esforços de aprendizagem. (Morgado, 1997, p.38).

Por isso, a relação professor-aluno é importante para o processo de aprendizagem dos alunos e deve ser vista como pelos professores como um “ponto chave para o pleno desenvolvimento da criança.” (Silva e Navarro, 2012, p.96).

É de salientar ainda que, ao desenvolver relações positivas entre professor e aluno, o professor proporciona a cada aluno uma confiança transformadora capaz de estimular o desenvolvimento das suas capacidades e aptidões.

Questão 3: *Na perspetiva dos professores, qual o papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem?*

Compreendemos através das considerações feitas pelos entrevistados que, na sua perspetiva, os pais têm um papel crucial na motivação dos seus filhos ao longo da sua aprendizagem.

A participação dos pais na educação dos seus filhos é, sem dúvida, um aspeto fundamental para o sucesso escolar dos mesmos. Ao mostrarem-se participativos no desenvolvimento e na aprendizagem dos seus educandos, os pais mostram-se interessados por tudo o que se passa na escola, participando ativamente no projeto educativo da mesma.

Sendo os pais os primeiros educadores dos seus filhos, estes são os primeiros responsáveis pela educação e bem-estar dos seus filhos. Os professores são parceiros insubstituíveis na responsabilidade da educação e bem-estar dos alunos. Como parceiros devem reconhecer a existência de um mesmo bem comum e partilhar de objetivos e opiniões em prol dos alunos. (Marques, 2001, p. 12).

Tendo em conta as diferentes formas de ensinar um determinado conteúdo e, partindo do princípio que todos os professores são diferentes, é importante que os pais estejam a par da forma como o professor ensina os seus filhos. Neste ponto de vista, Marques (2001) refere que

(...) o envolvimento dos pais não traz só benefícios ao aproveitamento escolar dos alunos. Aumenta a motivação dos alunos pelo estudo, ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores. Melhora a imagem social da escola. Reforça o prestígio profissional dos professores. Ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis, ou seja, incentiva os pais a serem melhores pais. Da mesma forma, estimula os professores a serem melhores professores. (Marques, 2001, p.20).

Posto isto, podemos afirmar que a relação escola-família tem vindo a ganhar visibilidade, havendo atualmente, uma consciência alargada sobre a importância e a necessidade de os pais se envolverem ativamente na escolaridade dos seus filhos. Conforme Lima (2002) refere que o envolvimento dos pais leva "(...) a uma maior motivação, mais aproveitamento escolar e um melhor comportamento disciplinar" dos alunos na escola." (Lima, 2002, p.287).

Tal como refere o autor supracitado, o envolvimento dos pais na escola leva a uma melhoria da sua autoestima e ao acesso à informação que lhes é útil para orientar os seus filhos, conduzindo-os muitas vezes a prosseguir na sua própria formação académica. Já para os professores, este envolvimento dos pais pode tornar o seu

trabalho mais facilitado e, por sua vez, bem-sucedido, além de melhor compreendido pelos pais. (Lima, 2002, p.287).

Investigações futuras a partir deste trabalho e possíveis reformulações

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de responder de forma clara e pertinente às questões de investigação inicialmente formuladas, tendo por base a informação recolhida para a elaboração do enquadramento teórico que, por sua vez, permitiu a realização de instrumentos que permitissem melhor compreender o tema em estudo. Neste sentido, procurámos abordar os principais tópicos referentes à motivação em aprender, no entanto, tem-se a consciência de que estes poderiam ter sido mais aprofundados. Assim sendo, esta foi uma das limitações sentidas ao longo da elaboração deste trabalho.

Outra das limitações sentidas durante a realização deste trabalho, foi a análise de conteúdos que se realizou para cada uma das entrevistas aplicadas como instrumento deste estudo. Ou seja, sendo a análise de conteúdos uma forma de sintetizar os pontos relevantes de cada uma das entrevistas, não foi de todo fácil, conseguir selecionar esses mesmos pontos relevantes para depois serem apresentados no capítulo referente aos resultados e discussão.

Ainda assim, considero que este trabalho poderá servir como um ponto de partida para outros estudos mais aprofundados. Neste sentido, propõe-se que em futuras investigações se adotem diferentes técnicas de recolhas de dados, a fim de ter uma visão mais global e credível da problemática e implementar não só alguns projetos de intervenção como também mais ações de formação dirigidas aos profissionais da área da educação.

Porém, e apesar das limitações acima referidas, considero que este trabalho de investigação retrata de uma forma clara toda esta problemática, deixando-nos certos de que é uma área que necessita de ser mais estudada, de modo a permitir, aos docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico, progredir e melhorar a sua prática, avaliando e justificando a sua ação e os seus ideais pessoais.

Contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional

A realização deste trabalho contribuiu de forma considerável para a compreensão da motivação em aprender dos alunos que frequentam o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que permitiu-me adquirir aprendizagens significativas tanto a nível pessoal como profissional. Através da curiosidade sobre este tema e dos conhecimentos que adquiri através das leituras de grandes autores e das entrevistas realizadas para este estudo, permitiu-me tomar conhecimento sobre formas de trabalhar a motivação dos alunos ao longo da sua aprendizagem.

A aprendizagem obtida na elaboração deste trabalho, permitiu que este se tornasse num trabalho exigente e rigoroso, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da nossa capacidade reflexiva e investigadora.

Acreditamos que este trabalho possa vir a servir de instrumento útil e potenciador de capacidades reflexivas sobre a prática, promovendo uma melhor qualidade na motivação em aprender dos alunos. Esperemos que através deste estudo, os docentes e os futuros docentes se interroguem sobre a forma como irão motivar os seus alunos do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico nas suas aprendizagens. Neste ponto de vista, gostaríamos de salientar que não nos devemos esquecer que o mundo está em constante mudança, e que há sempre mais a aprender. Como nos lembram Alarcão e Tavares (1987):

a formação de um professor não termina, porém, no momento da sua profissionalização; pelo contrário, ela deve prosseguir na formação contínua. Se é certo que a figura do supervisor pode desaparecer e muitas vezes desaparece, a realidade [da] supervisão não deve desaparecer, embora assuma novas formas. (Alarcão e Tavares, 1987, p.131).

Relativamente a este ponto, Estrela e Estrela (1977), referem que:

A formação permanente é hoje uma necessidade geral das sociedades modernas. O ritmo de desenvolvimento das ciências e das técnicas, originando uma rápida mutação das condições socioeconómicas, exige ao homem do nosso tempo uma constante actualização do saber e do saber-fazer, além de uma atitude de disponibilidade e de adaptação às situações novas. (Estrela e Estrela, 1977, p.69).

|

REFERÊNCIAS

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Almeida, D. L. (2012). *A importância da motivação em sala de aula*. Consultado a 10 de setembro em <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-motivacao-em-sala-de-aula/83576/>.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Editora McGrand-Hill de Portugal.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Editora McGrand-HILL de Portugal.
- Azcue, J. (2012). *A escola onde se aprende*. Parede (Lisboa, Portugal): Princípia.
- Bárrios, A., Fernandes, F., Guerreiro, I., Marques, F., Pacheco, R. e Ribeiro, J. O. S. (s.d.). *Enciclopédia Geral da Educação. Psicologia da Educação. Tutoria e Orientação*. (Volume 2). Alcabideche: Oceano Grupo Editorial.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. (3ª edição). Lisboa: Edições 70.
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e Orientação: objetivos, instrumentos e métodos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bockacrts, M. (2002). *Motivation to learn*. International Academy of Education. Educational Practices Series-10, p.1-26.

Bogdan, R. e Bliken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria dos métodos*. Porto: Porto Editora.

Colégio Cesário Verde (2014). *Projeto Educativo*. Lisboa: Colégio Cesário Verde

Conceição, C. V. (2016). *Teoria de Aprendizagem Social*. Consultado a 21 de janeiro de 2018 em <http://knoow.net/ciencsocioishuman/psicologia/teoria-da-aprendizagem-social/>.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.

Estrela, M. T. & Estrela, A. (1977). *Perspetivas actuais sobre a formação de professores*. Lisboa: Editorial Estampa.

Fenouillet, A. L. (1997). *Motivação e o Sucesso Escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

Gonçalves, M. O. B. (2001). *Aprender com sucesso*. Coimbra: Livraria ALMEDINA.

Jesus, S. (1996). *A motivação para a profissão docente*. Colecção da Educação e Desenvolvimento Humano, N. 14. Aveiro: Estante Editora.

Léssard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas* (2.ª ed.) (M. J. Reis, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, J. A. (2002). *Pais e professores – Um desafio à cooperação*. Porto: Porto Editora.

- Lima, J. A. (2013). *Por uma Análise de Conteúdo Mais Fiável*, Revista Portuguesa de Pedagogia, 47 (1), 7-29.
- Lüdke, H., & André, M. (2005). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas* (9.ª ed.). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Magalhães, I. C. T. (2015). *Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Educação do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação.
- Martins, A. F. M. A. (2011). *Adequação de estratégias de ensino-aprendizagem numa turma reduzida: Estudo de Caso*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.
- Martins, A., I. M. C. C. (2011). *Relatório de Estágio. A Motivação no Sucesso Educativo: Dinâmicas em Contexto Pré-Escola e 1.ºCiclo*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Departamento de Ciências da Educação.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais. Ensinar a aprender, 19*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. e Perloiro, M. F. (1998). *A Família e o Sucesso Escolar – Guia para Pais e outros Educadores*. Lisboa: Presença.
- Menezes, I. (1990). *O Desenvolvimento no Contexto Familiar*. In Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens. Vol. I, Universidade Aberta, Lisboa.
- Morgado, J. (1997). *A relação pedagógica. Ensinar e Aprender, 13*. Lisboa: Editorial Presença.

- Patrício, M. F. (1992). *A Formação de Professores. À luz da Lei de Bases do Sistema Educativo*. Coleção Educação Hoje, 4.ª Edição. Lisboa: Texto Editora, Lda.
- Pereira, A. (2013). *A Motivação na Aprendizagem e Ensino in Psicologia da Educação. Teoria, Investigação e Aplicação, Envolvimento dos Alunos na Escola*. Veiga, F. H. (coord.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de aprendizagem na aula: desenho e avaliação: seminário internacional II*. Madrid: Universidad Complutense.
- Ramos, S. T. C., & Naranjo, E. S. (2014). *Metodologia da Investigação Científica*. Angola: Escolar Editora.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A Relação entre Pais e Professores: Uma Construção de Proximidade para uma Escola de Sucesso*. Tese de Doutoramento Inédita. Universidade de Málaga, Departamento de Investigação e Intervenção Psicopedagógica.
- Ribeiro, F. (2001). *Motivação e aprendizagem em contexto escolar*. Consultado a 7 setembro de 2017 em http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/es_05_03_FR.htm.
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Silva, O. G. e Navarro, E. C. (2012). *A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem*. Revista Eletrônica Interdisciplinar, 2(8), 95-100.
- Simão, R. I. P. (2005). *A Relação entre Actividades Extracurriculares e Desempenho Académico, Motivação, Auto-Conceito e Auto-Estima dos Alunos*. Monografia de Licenciatura em Psicologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA.

Sprinthall, R. e Sprinthall, N. A. (1997). *Psicologia Educacional*. Coleção: McGraw-Hill - Ciências da Educação.

Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Tavares, J.; Pereira, A. S.; Gomes A. A.; Monteiro, S. M.; Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora Lda.

Vala, J. (1986). *A análise de conteúdo*. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.

Venâncio, A. I. A. (2015). *A relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem*. Lisboa: Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Vieira, C. B.; BOAS, A. A. V.; Andrade, R. O. B.; Oliveira, E. R. (2001) *Motivação na Administração Pública: considerações teóricas sobre a aplicabilidade dos pressupostos das teorias motivacionais na esfera pública*. Revista ADMPG Gestão Estratégica. Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 1-18, 2011.

Quivy, R., & Campenhout, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular da escola*. Porto: Edições Asa.

ANEXOS

ANEXO I

Pedido de Colaboração de Recolha de Dados (Ensino Privado)

PEDIDO DE COLABORAÇÃO PARA A RECOLHA DE DADOS

Exm^o Diretor Pedagógico do Colégio Cesário Verde

Eu, Sharika Mahomadali Mahomed, aluna do Curso do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Instituto Superior de Educação e Ciências, estou a realizar um estudo de investigação que tem como objetivos compreender a relação professor-aluno ao longo da sua aprendizagem e perceber a forma como o(a) professor(a) utiliza estratégias para motivar os seus alunos ao longo da sua aprendizagem.

Venho por este meio solicitar a colaboração dos professores de 1.ºCiclo da V. prestigiada instituição, no sentido de realizar recolha de dados para fins de investigação já referida e que está sob a orientação da Doutora Susana Costa Ramalho. Os dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa.

Desde já, agradeço a vossa compreensão e colaboração.

Lisboa, 5 de junho de 2017

A aluna

Sharika Mahomadali Mahomed

(Sharika Mahomadali Mahomed)

ANEXO II

Pedido de Colaboração de Recolha de Dados (Ensino Público)

PEDIDO DE COLABORAÇÃO PARA A RECOLHA DE DADOS

Exm.^a Diretora Pedagógica da EB1 e JI Padre José Manuel Rocha e Melo,

Eu, Sharika Mahomadali Mahomed, aluna do Curso do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Instituto Superior de Educação e Ciências, estou a realizar um estudo de investigação que tem como objetivos compreender a relação professor-aluno ao longo da sua aprendizagem e perceber a forma como o(a) professor(a) utiliza estratégias para motivar os seus alunos ao longo da sua aprendizagem.

Venho por este meio solicitar a colaboração dos professores de 1.º Ciclo da V. prestigiada instituição, no sentido de realizar recolha de dados para fins de investigação já referida e que está sob a orientação da Doutora Susana Costa Ramalho. Os dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento da instituição não será posto em causa.

Desde já, agradeço a vossa compreensão e colaboração.

Lisboa, 30 de junho de 2017

A aluna

Sharika Mahomadali Mahomed

(Sharika Mahomadali Mahomed)

ANEXO III

Transcrição da Entrevista (1)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (1)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Privado

Duração da Entrevista: 12 min. 10 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 1 (E1)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Bom dia, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Mas antes falar propriamente do tema dito gostaria de saber um pouco sobre si. Qual é a sua habilitação académica?

Entrevistada (E1): “Sou licenciada no Ensino Básico do 1.ºCiclo.”.

Entrevistadora (E): E já tirou há muito tempo o curso?

Entrevistada (E1): “Há doze anos.”.

Entrevistadora (E): Há doze anos. Então começou logo a exercer?

29 **Entrevistada (E1):** “Comecei sim. Quer dizer tirei há treze, portanto e depois comecei logo a
30 seguir...já há doze anos.”.

31

32 **Entrevistadora (E):** E já agora por curiosidade onde é que tirou o curso?

33

34 **Entrevistada (E1):** “Na E.S.E. de Lisboa.”.

35

36 **Entrevistadora (E):** Tirou o curso há treze anos e começou logo a exercer e apesar de este
37 estabelecimento ser privado onde se encontra a trabalhar, já trabalhou em alguma escola
38 pública?

39

40 **Entrevistada (E1):** “Não, só a nível de estágio. Depois comecei logo aqui. Estou aqui há doze
41 anos.”.

42

43 [Risos da Entrevistadora e da Entrevistada 1]

44

45 **Entrevistadora (E):** Ao longo da sua carreira profissional frequentou alguma formação
46 contínua ou não? Há quem faça isso!

47

48 [A partir deste momento surge um barulho de fundo – vozes de crianças/alunos, vinda do
49 corredor uma vez que a porta da sala encontrava-se encostada e que decorre até ao final da
50 entrevista]

51

52 **Entrevistada (E1):** “Sim, fiz algumas formações. A nível da Matemática, do Português...”.

53

54 **Entrevistadora (E):** Então, podemos dizer que essas áreas cuja formação tirou são as que lhe
55 suscitam mais interesse ou tirou só por complemento?

56

57 **Entrevistada (E1):** “Não, foram as formações também as oportunidades que foram surgindo
58 e depois por áreas de interesse. Mas daquilo que foi surgindo...”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Sim. Ora bem, falando propriamente do tema em si uma vez que como já lhe disse existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto? Ou seja, da experiência que já tem como é que se sente?

Entrevistada (E1): “Em relação à motivação?”.

Entrevistadora (E): Sim.

Entrevistada (E1): “É assim, é uma área cada vez mais desafiante porque cada vez mais é difícil captar a atenção deles e prende-los e pronto. E, temos mesmo que perceber, não é, que formas é que temos para os motivar “aaahhh” [pensativa] para que de facto eles [os alunos] aprendam com motivação. Não é fácil porque eles [os alunos] hoje em dia, estão muito ligados às novas tecnologias e tudo o que for fora disso, eles [os alunos] dispersam-se com muito mais facilidade. Por isso, acho que o truque ou o segredo está mesmo aí, recorrer ao máximo às novas tecnologias, a tudo o que seja interativo porque o trabalho só de secretária e o quadro, já não é suficiente.”.

Entrevistadora (E): Então, partindo daquilo que me diz, considera que é extremamente importante motivá-los devido a isso?

Entrevistada (E1): “Não, isso sim, claro. Até porque se eles [os alunos] não estiverem motivados [a Entrevistadora tosse] é mais difícil aprenderem. Se bem que temos que perceber que nós “aaahhh” [pensativa] há áreas em que não estamos motivados para tudo aquilo que nos é proposto aprender. Nós também passamos por isso, não é? Para fazermos aquilo que nos gostamos, tivemos de passar “né”, por alguns conhecimentos para os quais não estávamos tão motivados. Portanto, também faz parte não é, não podemos achar que vamos gostar sempre de tudo aquilo que nos colocam à frente. Claro que, depois vamos ter

sempre que arranjar formas de os motivar [os alunos] sempre que conseguimos, mas nem sempre é... eles [os alunos] também têm áreas também, por isso...”.

Entrevistadora (E): Falando em áreas de interesse deles [dos alunos]. Quais são as áreas que acha que eles [os alunos] sentem mais motivados em trabalhar?

Entrevistada (E1): “Em termos de disciplinas?”.

Entrevistadora (E): Exatamente.

Entrevistada (E1): “É ... depende. Sabes que é muito específico para cada aluno.”.

Entrevistadora (E): Também tem haver muito com a temática em si, com a matéria em si que estão a trabalhar em cada área ou não?

Entrevistada (E1): “Bem...sim. Mas há alunos que têm mais motivação para o Português, [A Entrevistadora tosse] outros que não gostam. Tem haver um bocadinho às vezes também com aquilo que é mais nato neles [nos alunos], não é. Aquilo que eles [os alunos] têm mais facilidade “aaahhh” [pensativa], eles [os alunos], normalmente, gostam mais.”.

Entrevistadora (E): Eu já percebi que tem aqui uma aluna com Necessidades Educativas Especiais, tanto que foi a menina que esteve a fazer a apresentação de teatro que fomos assistir há uns tempos atrás. [à medida que a Entrevistadora vai falando, a Entrevistada 1, acena com a cabeça confirmando o que está a ser dito].

Entrevistada (E1): “Exatamente. Até tenho três alunos com...”. [a Entrevistada 1 dá entender que tem três alunos com Necessidades Educativas Especiais].

Entrevistadora (E): Eu sei que ela...pronto, eu só sabia dela porque...

118 **Entrevistada (E1) [interrompe]:** “Ela de facto é quem tem mais necessidades, portanto, dos
119 três, ela é quem tem necessidades educativas mais profundas.”.

120

121 **Entrevistadora (E):** E, como é que eles [os alunos] acabam por estar dentro da turma? Ou
122 seja, eu sei que tenta motivar de forma geral os alunos, independentemente das suas
123 dificuldades, mas claro que tendo alunos com mais dificuldades, ou seja, com N.E.E.’S, como
124 é que faz relativamente a eles [com alunos com N.E.E.’S]?

125

126 **Entrevistada (E1):** “Não percebi a questão. Em relação à “D.” [aluna com Necessidades
127 Educativas Especiais]?”.

128

129 **Entrevistadora (E):** Sim, aos meninos [os alunos] em geral. [refere-se alunos com
130 Necessidades Educativas Especiais].

131

132 **Entrevistada (E1) [interrompe]:** “Ah...! A estes alunos como é que eu faço!? [refere-se alunos
133 com Necessidades Educativas Especiais].”.

134

135 **Entrevistadora (E):** Sim, em termos gerais como é que faz? [refere-se alunos com
136 Necessidades Educativas Especiais]. É um esforço se calhar maior porque uma vez que eles
137 [os alunos] têm dificuldades acabam por se sentir ainda mais desmotivados, sentem-se
138 inferiores, se calhar, digo eu!

139

140 **Entrevistada (E1):** “Eles [os alunos], aqui nesta turma, não. É uma característica que eles [os
141 alunos] têm desde o início, eles [os alunos] integram muito bem qualquer elemento que
142 apareça pelo caminho [a Entrevistadora tosse] independentemente de terem ou não
143 dificuldades. Por exemplo, eles com a “D.” [aluna com Necessidades Educativas Especiais], as
144 dificuldades que ela tem, para eles [os colegas] é uma coisa natural. Portanto, [os alunos] não
145 veem “ah, a “D.” coitadinha não percebe, não consegue”. Não! As dificuldades que ela tem,
146 eles [os alunos] encaram isso com naturalidade. Não apontam o erro, mas também não a
147 tratam como inferior. Portanto, é tão natural, ela [a “D.” aluna com Necessidades Educativas

148 **Especiais]** ter aquelas dificuldades como o precisar de óculos ou um aparelho auditivo, pronto.
149 Em termos, depois de diferenciação no trabalho, eles acompanham o trabalho **[os alunos com**
150 **Necessidades Educativas Especiais]**, ela **[a “D.” aluna com Necessidades Educativas**
151 **Especiais]** com muito apoio exterior, de terapeutas e tudo mais. Pronto, ela vai fazendo o
152 trabalho, eles fazem um trabalho igual **[os alunos com Necessidades Educativas Especiais]**.
153 Portanto, aquilo que eu faço para motivar os outros é igual...isso não faço nada de diferente
154 **[motiva de igual forma todos os alunos]**. Pois, depois, tenho em termos de avaliação
155 obviamente, sim há uma diferenciação e o acompanhamento do trabalho individual tem de
156 ter mais acompanhamento.”.

157

158 **Entrevistadora (E):** Eu perguntei isto porque muita das vezes, como acontece haver turmas
159 com alunos com estas necessidades, eles **[os alunos]** aproveitam-se do facto de terem isso
160 para também “ficar no...deixa andar, eles vão fazer por mim” percebe onde quero chegar?

161

162 **Entrevistada (E1):** “Sim, sim. A “D.” não é o caso. Pelo contrário, acaba por fazer tudo mesmo
163 que ela não consiga, ela quer fazer o que os outros estão a fazer, nunca se encosta. Por
164 exemplo, já o colega, é de se encostar, não tem tantas dificuldades ao nível da compreensão,
165 mas às vezes encosta-se pois ele acha que também tem essas dificuldades e não vale a pena.
166 Mas a “D.” e a “C.” **[os alunos com Necessidades Educativas Especiais]** não.”.

167

168 **Entrevistadora (E):** E quais são as estratégias que utiliza para além do computador e da
169 secretária, que já não é o suficiente **[a Entrevistada 1 interrompe dizendo sim]** como disse
170 ainda há pouco para conseguir cativar os alunos, ou seja, motivá-los? Porque é muito
171 complicado nos dias de hoje, recorrer apenas à secretária, ao quadro **[a Entrevistada 1 acena**
172 **com a cabeça e diz “hm hm”]** ... quais são as outras estratégias que utiliza se é que as tem,
173 de forma a conseguir cativa-los?

174

175 **Entrevistada (E1):** “Para além das projeções que nós fazemos também **[a Entrevistadora**
176 **interrompe, respondendo que “sim”]** recorrer às tecnologias, aos computadores e também
177 aos trabalhos práticos, experimentarem muito e fazerem as coisas como fizeram no metro

178 quadrado não é: perceber o que é o decímetro quadrado, construir o metro quadrado...fazer
179 atividades em que eles [os alunos] têm de experimentar, têm de fazer [a Entrevistadora
180 tosse]. Também, pegar em exemplos do dia-a-dia, dar-lhes sempre a noção da aplicação
181 prática das coisas, para quê que aquilo serve não é, aonde é que aquilo se reflete no dia-a-dia,
182 de modo a fazer algum sentido.”.

183
184 **Entrevistadora (E):** Agora fiquei com uma curiosidade, uma vez que aqui o colégio tem um
185 projeto muito específico, que é o ensino pela arte e que não se vê em outras escolas...como
186 é que acha que este ensino vem de certa forma puxar ainda mais pelos interesses e
187 curiosidades dos alunos, ou seja...como é que eu hei-de explicar isto? [pensativa]. Ou seja,
188 o ensino pela arte é importante [a Entrevistada 1 interrompe, respondendo que “sim, claro”]
189 e eles acabam por fazer muitas coisas ligadas à arte [a Entrevistada 1 volta a interromper,
190 respondendo que “sim”] e a comparar com outros projetos que não este, acha que este
191 acaba por ser mais cativante na forma como os alunos aprendem ou não?

192
193 **Entrevistada (E1):** “Sim. Conseguimos captar muito mais os alunos, muito também através
194 destes trabalhos que fazemos com eles [os alunos] onde integramos a arte. Conseguimos
195 chegar muito mais a eles [aos alunos] e puxar também pela criatividade, pelo lado
196 de...desenvolvem-se além da criatividade não é, o interesse cultural e outras competências.
197 Acho que é uma área importante para motivarmos os alunos, trabalharmos com eles através
198 da arte.”.

199
200 **Entrevistadora (E):** E relativamente à relação professor-aluno, acha que esta acaba por ter
201 influência na motivação no processo de ensino-aprendizagem?

202
203 **Entrevistada (E1):** “Ah, sim! Claro que sim!”.

204
205 **Entrevistadora (E):** E quanto a sua perspetiva relativamente ao papel dos pais na motivação
206 dos seus filhos? Muitas vezes o que acontece é que os pais poem de manhã os filhos na
207 escola e só os vêm buscar ao final do dia e acaba por haver muito pouco tempo de interação

208 entre pais e filhos, principalmente, relativamente à escola...no que toca aos estudos. Qual é
209 que acha aqui que deve ser o papel dos pais?

210

211 **Entrevistada (E1):** “Os pais devem, não é, acompanhar os filhos. Eu sei que hoje em dia cada
212 vez é mais difícil, pelos horários, lá está, de trabalho que têm [os pais], eles [os alunos] estão
213 cada vez mais tempo na escola connosco, mas é necessário acompanhar. E, o acompanhar
214 não é sentar-me ao lado a fazer os trabalhos de casa...é falar um bocadinho sobre aquilo que
215 eles fizeram na escola...portanto, claro que também ajudar na realização dos trabalhos de
216 casa, tirando dúvidas, mas mais neste sentido de conversar, de perceber o que é que eles [os
217 seus filhos] andam a fazer na escola. Muitas vezes, os pais não têm a noção do que é que se
218 passa aqui [na escola]. Eles passam a maior parte...durante a semana estão mais horas
219 connosco do que com os pais. [a Entrevistadora interrompe, reforçando o que a Entrevistada
220 1 diz “Lá está!"]. Os pais, a maior parte do tempo, durante a semana, são mais as horas que
221 estão a dormir e as outras são para a aquelas tarefas de higiene, de jantar, portanto [a
222 Entrevistadora tosse] e pronto, muitas vezes é... Mas consegue-se sempre, com boa vontade,
223 arranjar momentos de partilha não é, nem que seja no trânsito...naquele tempo em que estão
224 no trânsito, falar um bocadinho sobre a escola, de uma forma construtiva. Normalmente, é
225 sempre ou na maior parte das vezes, é para apontar o dedo ou criticar.”.

226

227 **Entrevistadora (E):** Uma coisa que por acaso eu vi ao longo destes dois anos, em que fiz aqui
228 o estágio, vocês ao criarem projetos em que os alunos participam, fazem com que os pais
229 participem e venham à escola. Eu vejo muitas vezes que em muitas das escolas isso não
230 acontece e aqui é uma coisa que acaba por acontecer, correto?

231

232 **Entrevistada (E1):** “Sim, nós temos essa preocupação. Não só porque é o nosso projeto que
233 queremos dar visibilidade sobretudo a componente das artes, mas também é uma forma de
234 os envolver. Algumas apresentações assistem e outras delas interagem, também têm um
235 papel ativos nas apresentações.”.

236

237

238

BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS

239

240 **Entrevistadora (E):** Quero agradecer mais uma vez a sua participação para a realização deste
241 estudo.

242

243 **Entrevistada (E1):** “De nada e boa sorte.”.

ANEXO IV

Transcrição da Entrevista (2)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (2)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Privado

Duração da Entrevista: 30 min. 33 s.

Legenda	
Entrevistadora (E)	Entrevistada 2 (E2)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista decorreu numa das salas de aula do 2.ºAno e que fora disponibilizada pela professora da mesma uma vez que a sala de aula da Entrevistada 2 encontrava-se ocupada com aulas de outras áreas não lecionadas pela mesma.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Antes de mais gostaria de saber um pouco mais sobre si, antes falar propriamente do tema dito. E, como tal gostaria de saber qual é a sua habilitação académica?

Entrevistada (E2): “Sou professora de 1.ºCiclo [do ensino Básico].”.

29 **Entrevistadora (E):** Sei que já tirou há bastante tempo o curso.

30

31 **Entrevistada (E2)** [interrompe]: “Sim.”.

32

33 **Entrevistadora (E):** E por ter tirado há bastante tempo, não sei tem a ver com o estar
34 relacionado com as antigas licenciaturas de Pré-Bolonha ou...

35

36 **Entrevistada (E2)** [interrompe]: “Ah, isso já foi há muito tempo. Isso não tem nada a ver com
37 Bolonha pois já foi há 40 anos, filha.”.

38

39 **Entrevistadora (E):** Há 40 anos. Mas basicamente é como se fossem as licenciaturas Pré-
40 Bolonha?!

41

42 **Entrevistada (E2):** “Pois, eram quatro anos só.”.

43

44 **Entrevistadora (E):** Como já disse, já lá vão 40 anos e...

45

46 **Entrevistada (E2)** [interrompe]: “Vamos lá ver...a minha formação académica não é a do
47 Magistério.”.

48

49 **Entrevistadora (E):** Pois, era isso que eu queria saber.

50

51 **Entrevistada (E2):** “Não, não é. A minha formação académica é o que corresponde hoje ao
52 12.º ano e depois tenho a frequência de três anos, mas no fundo dois, três [anos] se fosse
53 completo, de Gestão [a Entrevistadora interrompe, salientando a área de frequência que a
54 Entrevistada 2 referiu “Gestão”]. Da faculdade, só tenho três anos de gestão [A
55 Entrevistadora interrompe, afirmando que “sim”], pronto. Entretanto, antes de entrar em
56 Gestão, na altura, já o Ministério [refere-se ao Ministério da Educação] passava diplomas
57 para o 1.º Ciclo, a pessoas como 12.º, o que equivale hoje ao 12.º Ano, pronto [último ano do
58 Ensino Secundário] [a Entrevistadora interrompe, afirmando que “sim”]. E, portanto, eu pedi

para ir dar aulas para um colégio de uma amiga, de uma pessoa amiga e eu nem sabia disso, ela é que me disse para eu tirar, para pedir no Ministério [refere-se ao Ministério da Educação] e depois fazíamos formações, muitas formações. Nós [os professores] chegávamos a andar 15 dias em formações [a entrevistadora interrompe e diz “contínuas” referindo-se às formações que a Entrevistada 2 refere]. Sim, contínuas.”.

Entrevistadora (E): Para conseguir ser professora, ou era geral?

Entrevistada (E2) [interrompe]: “Não! Não era para conseguir. Era para nos inteirarmos daquilo que se passava a nível do 1.ºCiclo de Educação e para nos atualizarmos, pronto.”.

Entrevistadora (E): E assim que acabou isso, então começou logo a trabalhar na área?

Entrevistada (E2): “Sempre.”.

Entrevistadora (E): E sempre foi em colégio privado ou ...?

Entrevistada (E2): “Sempre em colégio privado porque nos não podemos concorrer ao público.”.

Entrevistadora (E): Por terem o curso que têm?

Entrevistada (E2) [apresenta-se um pouco pensativa]: “Por não termos o Magistério Primário [faz-se silêncio durante alguns segundos e depois sorri e acrescenta...] que era assim que se chamava antigamente.”.

Entrevistadora (E): Daí eu estar a perguntar pois sei que antes havia o Magistério, o Barchelato também, se não estou em erro.

88 **Entrevistada (E2):** “Pois, antigamente havia muitas coisas. Quando eu era pequena, havia
89 pessoas que com 4.ª Classe que davam aulas e que se chamavam regentes [assim se chamava
90 antigamente]. Quando eu estudei, já só era com segundo ano complementar dos liceus que
91 equivale hoje ao 12.º Ano [do Ensino Secundário] [a Entrevistadora interrompe por breves
92 segundos e responde que sim dando ênfase ao que a Entrevistada 2 fala]. E aí o Ministério
93 [refere-se ao Ministério da Educação] passava um diploma. Só que a pessoa tinha... aprender
94 com alguém, né? Então tínhamos formações todos os anos em todos os lados do país [a
95 Entrevistadora tosse] formações onde houvesse, no Porto, aqui...para todos os professores,
96 mas a grande maioria estava nos colégios, estava na minha situação. Portanto, as formações
97 eram mais validas para nós. Eram uma mais-valia para nós [os professores].”.

98
99 **Entrevistadora (E):** Então...uma vez que sempre só trabalhou no privado e mesmo antes de
100 começar a trabalhar e ter essas formações...depois disso e de começar a trabalhar teve
101 formações contínuas?

102
103 **Entrevistada (E2):** “Sim, sim, sim. Muitos anos [o telemóvel da Entrevistadora que era o
104 instrumento de gravação da entrevista vibra durante a resposta da Entrevistada 2.]. E ainda
105 temos de vez em quando. Ainda o ano passado tivemos duas sobre portefólios, sobre não sei
106 que mais, pois já não me lembro.”.

107
108 **Entrevistadora (E):** Mas aqui dentro do colégio?

109
110 **Entrevistada (E2):** “Sim, aqui dentro do colégio. As outras formações que nós íamos eram fora
111 do colégio. Eram fora das escolas. Ou era no Colégio Moderno, ou era no Porto, já não me
112 lembro do nome do colégio ou era ali nas freiras no Campo Grande que agora não me lembro
113 o nome. Não eram as Doroteias... [fica pensativa durante alguns segundos], era no São
114 Vicente Paula. Tínhamos muitas. No Sagrado Coração de Maria, também.”.

115
116 **Entrevistadora (E):** E eram obrigatórias?

118 **Entrevistada (E2):** “Não, não eram obrigatórias, mas faziam-se para que nós [os professores]
119 pudéssemos usufruir daqueles conhecimentos pois era e é sempre uma mais-valia para toda
120 a gente.”.

121
122 **Entrevistadora (E):** Eu pergunto isto pois como houve formações aqui dentro do colégio,
123 pensei que as que ocorrem fora do mesmo fossem obrigatórias.

124
125 **Entrevistada (E2):** “Não, pois ninguém obrigava ninguém. Só que se sentia na obrigação moral
126 de ir para aprender e pôr-se a par dos programas novos, para se atualizar. No fundo era isso.
127 Nós [os professores] até temos uma proposta para a direção do colégio [estabelecimento de
128 ensino onde se encontra a Entrevistada 2 se encontra a trabalhar] para irmos a uma
129 formação de três dias a Évora. Mas estamos à espera de uma resposta pois são três dias de
130 formação na Universidade de Évora.”.

131
132 **Entrevistadora (E):** E essa formação é sobre...?

133
134 **Entrevistada (E2):** “Matemática. A arte e a Matemática.”

135
136 **Entrevistadora (E):** Acaba por ser importante essa formação e faz todo o sentido que a façam
137 uma vez que o colégio tem como base o ensino através da arte. E de todas as áreas
138 curriculares que existem, quais são as que lhe suscitam mais interesse?

139
140 **Entrevistada (E2):** “Matemática [risos].”.

141
142 **Entrevistadora (E) [risos]:** E porquê?

143
144 **Entrevistada (E2):** “Porque sempre gostei muito de Matemática. A Matemática para mim era
145 e é um refúgio para tudo, para me acalmar. Quando estava muito aborrecida com algo ia me
146 acalmar com Álgebra...era um livrinho assim desta grossura [faz movimentos com as mãos
147 para demonstrar a grossura do livro]. Daí também ter feito o curso de Gestão que fiz [risos].”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando agora propriamente do tema em si e que me trouxe hoje aqui... eu acredito que nos dias de hoje existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, no entanto, das experiências que já tive em estágios anteriores e mesmo partilhando com colegas minhas e amigas também que estão dentro da área, vejo que são poucos os docentes que trabalham a motivação dos alunos, talvez porque seja de certa forma um “tabu” ou então não sabem o que fazer para conseguir cativar os seus alunos. Como se sente em relação a este assunto?

Entrevistada (E2): “É, assim...às vezes é difícil. Eu não sei se tu tens noção, mas eu tenho uma turma neste momento muito difícil pois tem sido difícil cativar a sua atenção. Lá está. A Matemática, eu começo sempre por abordar o assunto em forma de brincadeira ou de jogo e só depois é que transporto para a matéria real. Um ou dois dias antes começo a brincar com aquilo e eles [os alunos] depois ficam focados porque é mais um jogo para eles [os alunos] e o jogo leva-os às descobertas. E nisso eles [os alunos] são curiosos. O meu problema aqui é comportamental. Portanto, eu tenho de ter uma grande ginástica mental para os manter focados nas horas que eu quero que eles [os alunos] aprendam. E, por isso tenho de arranjar estratégias variadas. As estratégias são de momento, acontecem no momento.”.

Entrevistadora (E): Era uma questão que ia colocar mais à frente, mas já que fala em estratégias e por aquilo que já percebi e ouvi falar tentam não só ficar pelo quadro e a secretária.

Entrevistada (E2): “Não, isso não pode acontecer. Atualmente existem materiais bons, há a internet, há essas coisas todas. Nós, por acaso até temos muitos materiais que vêm com os nossos manuais e são interessantíssimos como por exemplo os vídeos que os cativam mais. Quando a pessoa vai trabalhar mais seriamente o assunto, eles [os alunos] já visualizaram aquilo tudo. Eu faço isto para todas as disciplinas. O Estudo do Meio é extraordinário que eles [os alunos] quase que nem precisam de estudar. As crianças [ou alunos] vendo...a memória

visual é muito boa nas crianças [ou alunos]. Eles [os alunos] vendo, aquilo fica lá a maior parte das coisas. E a Matemática também. Há conteúdos da Matemática que se consegue trabalhar perfeitamente também através de vídeos. Nós temos aí um programa que é a GeoGebra [programa de computador] para geometria que faz tudo, desde ângulos, a figuras entre outras coisas. E os alunos deliram com aquilo, como é lógico. É muito melhor do que eu estar a fazer no quadro e nos cadernos fica tudo mal feito. Eu prefiro fazer com eles [os alunos] assim e depois dar as imagens já feitas para colarem nos cadernos. Para além disso, deve existir um trabalho por trás, ou seja, devem saber usar a régua, o esquadro e outros materiais. Mas isso é, depois, um trabalho mais prático.”.

Entrevistadora (E): Então acredita que através disso os alunos acabam por se sentir mais motivados?

Entrevistada (E2): “Eu acho que sim.”.

Entrevistadora (E): Já percebi que a Matemática é o seu grande focus pois é a área que mais gosta. Mas de todas as áreas curriculares que são importantes, quais são as áreas em que os alunos se encontram mais motivados?

Entrevistada (E2): “Estudo do Meio e Matemática. Então, a área do Estudo do Meio tem uma enorme diversidade de materiais que eles [os alunos] mal precisam de estudar. Eu passo muitas horas de Estudo do Meio em projeções, em vídeos, em exercícios pois também há vídeos com exercícios. Este tipo de tarefas é algo que eles [os alunos] gostam muito para além de que estes materiais depois desperta-os para irem mais além. Só para teres uma noção, eu abordo um tema hoje e no dia seguinte eu tenho uns três ou quatro livros sobre esse tema. Não é que eu os peça. como eles [os alunos] gostaram muito de uma determinada temática e têm uma enorme curiosidade em saber mais, eles trazem para a sala livros sobre tal e quando temos tempo exploramos os mesmos.”.

207 **Entrevistadora (E):** Nestes casos, quando eles [os alunos] trazem e leem com a restante
208 turma, acabam por fazer algum trabalho com eles ou simplesmente ser um momento de
209 partilha e curiosidade?

210

211 **Entrevistada (E2):** “Se houver tempo faz-se um trabalho. Por exemplo, este período [refere-
212 se ao 3.º Período] demos coisas giras os solos, os astros, as rochas..., mas foi um período muito
213 pequeno que uma pessoa tem dificuldade em dar a matéria e não dou tempo para fazer
214 trabalho nenhum que se pudesse ver, mas faz-se. Do corpo humano, por exemplo, fiz o
215 aparelho digestivo com balões que teve na sala até os balões esvaziarem [risos], entre outros
216 trabalhos que agora não me lembro Sharika [nome da Entrevistadora].”.

217

218 **Entrevistadora (E):** Relativamente à relação professor-aluno considera que esta tem
219 influência na motivação em aprender? Ou seja, a relação professor-aluno pode ter vários
220 aspetos que sejam positivos ou negativos. No seu ver e devido à sua experiência, esta
221 relação acaba por ter uma influência positiva e faz com que eles [os alunos] consigam se
222 tornar motivados? Porque às vezes nós, por mais que tentamos [os professores] fazer as
223 coisas...

224

225 **Entrevistada (E2):** “Olha é assim...isso depende das turmas, mas, também, dentro da turma
226 há vários alunos e todos eles [os alunos] são diferentes. Portanto, não estão todos motivados
227 da mesma forma. Eu acho que ninguém pode ter ilusões, que consegue motivar todos os seus
228 alunos da mesma maneira, pois não é verdade. Para mim, não há fórmulas. E mais
229 especificamente com esta turma eu tenho tido dificuldades, mas consigo depois... “aaahhh”
230 como é que hei de te dizer isso... [fica pensativa por breves segundos] eu tenho de ter sempre
231 um pulso forte desde que entro até que saio, mas em algum momento tenho de quebrar em
232 algum momento para que... [fica pensativa por breves segundos] ... eles [os alunos] têm um
233 à vontade muito grande até exagerado, que chega a ser abusivo e eu isso não admito. Mas
234 tento motivá-los para que mantenham o interesse e não estejam sempre em cima deles [dos
235 alunos]. Eu até tenho de estar, mas não posso demonstrar que estou, entendes-me? Também,
236 tenho de aliviar as coisas um bocadinho, não é? [A Entrevistadora interrompe por segundos

237 e responde que “sim”). Eles [os alunos] são miúdos dos 6 aos 10 anos e eles [os alunos]
238 sentem tudo isso. Eles [os alunos] não podem sentir isso da minha parte pois se assim
239 acontecer, eles [os alunos] irão abusar. Eu tenho de arranjar ali um meio-termo para se estar
240 à vontade na aula e isso é um meio caminho andado para os miúdos. O estarem à vontade
241 permite que eles [os alunos] tirem dúvidas, dá azo para falarem de tudo e sobre qualquer
242 tema, dá azo para que venham falar comigo sobre assuntos que os preocupem, assuntos esses
243 relacionados com o exterior à escola. Portanto, nós temos de ter uma relação com os miúdos
244 em que eles sintam o nosso apoio pois também estamos todo o dia com eles [os alunos].”.

245

246 **Entrevistadora (E): De certa forma, a escola acaba por ser uma segunda casa para eles [os**
247 **alunos].**

248

249 **Entrevistada (E2):** “Sim, é isso mesmo. E, é isso que eu tento, aliás que todas nós tentámos
250 [as professoras], que os alunos sintam confiança em nós, para poder socorrer-se de nós
251 quando precisam. E isso tem acontecido ao longo dos anos, coisas graves ao ponto de ter que
252 chamar os pais à escola.”.

253

254 **Entrevistadora (E): Já agora uma curiosidade que eu tenho e com base nas em outras**
255 **entrevistas que já fiz e até em experiências que já tive, como é que faz para motivar os**
256 **alunos com Necessidades Educativas Especiais? Não sei se este ano tem ou não alunos com**
257 **N. E. E. 'S mas ...**

258

259 **Entrevistada (E2):** “Eu este ano não tenho, mas já tive em anos anteriores. E tive muitos no
260 antigamente. O trabalho com as crianças de ensino especial era feito em sala de aula, mas não
261 muito exaustivo porque eles [os alunos] tinham técnicas quase diárias dentro da sala de aula.
262 Estás a perceber? [a Entrevistadora interrompe por segundos e responde que “sim”]. A
263 relação humana era o que mais nos preocupava com esses miúdos. No fundo, nós tínhamos
264 uma preocupação muito grande de encontrarmos um elo de ligação com esses miúdos. Penso
265 que consegui sempre.”.

266

267 **Entrevistadora (E):** Eu também pergunto isto pois foi o que eu senti quando presenciei várias
268 situações, não estou a dizer que tenha sido aqui de todo, pois daquilo que aqui houve
269 sempre um grande apoio e nunca houve diferenças. Mas já ouvi e vi em outros
270 estabelecimentos de ensino que as crianças com N.E.E.'S acabam por saber que têm maiores
271 dificuldades que outros colegas, acabam por se retrair muito mais e depois ficam naquela
272 “eu não vou conseguir” ou “os outros que façam por mim” entre outras coisas.

273
274 **Entrevistada (E2):** “Vamos lá ver uma coisa, na minha aula nunca aconteceu! Falei sempre
275 com eles [os alunos], com a turma. E nunca aconteceu esses miúdos serem apontados seja
276 em que situação for, nunca. E tive autistas graves, Trissomias 21 graves, tive epilepsias
277 traumáticas graves...eu e as minhas colegas da minha idade. Nós chegamos a ter três ou
278 quatro [os alunos com N.E.E'S] dentro da sala de aula sendo que em oito salas havia trinta e
279 não sei quantos alunos. Estás a ver? Eram muitos por cada sala.”.

280
281 **Entrevistadora (E):** E mesmo assim acabava por aplicar o mesmo tipo de estratégias para os
282 motivar, não esquecendo que estas devem ser adaptadas às suas necessidades?

283
284 **Entrevistada (E2):** “Sim. Os programas até eram adaptados para eles [os alunos], claro. Até
285 porque nós tínhamos orientação dos professores do Ensino Especial que vinham à sala dar
286 aula. Às vezes, vinham de fora outras vezes eram os professores de ensino especial da escola
287 e até tivemos também terapeutas da fala. Portanto, nós reuníamos-nos, arranjávamos
288 métodos de trabalho, estratégias e...normalmente eles [os alunos] saíam a ler, a escrever
289 alguns, outros mal, mas escreviam, mas a ler quase todos saíram a ler. A Matemática era um
290 bocadinho mais difícil porque tinha de ser tudo concretizado, com materiais, mas mesmo
291 assim, às vezes...mas era muito difícil. Eles [os alunos] depois eram encaminhados para
292 instituições onde os ensinam as rotinas diárias para que eles consigam viver em sociedade. Há
293 uns anos atrás fiz uma formação na associação “Olhar 21”, no Restelo, onde até estavam ex-
294 alunos meus que me reconheceram e vieram falar comigo como se nada fosse pois tinham um
295 à vontade para fazerem isso. Mas o que é que eles [os alunos] foram para lá fazer, ora
296 aprender rotinas diárias como apanhar o autocarro, ir ao médico ou ir aos correios, entre

297 outras coisas, mas sempre acompanhados. Inicialmente este acompanhamento é feito lado a
298 lado, mas depois começa a ser à distância para que eles possam desenvolver essas
299 capacidades [toca o sinal do colégio e ouvem-se vozes vindas do corredor]. Mas estes são
300 todos encaminhados para que possam viver em sociedade. No que se refere aos meus alunos,
301 todos eles ou quase todos foram encaminhados. Alguns pelos pais...pois a preocupação deles
302 é não deixar os seus filhos dependentes de outros quando eles já cá não estiverem.”.

303

304 **Entrevistadora (E): Para finalizar gostaria de saber qual a sua perspetiva em relação ao papel**
305 **dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da aprendizagem e porquê? Eu acho que os**
306 **pais de hoje em dia têm um papel cada vez menos ativo na vida escolar dos filhos. Ou seja,**
307 **deixam os filhos na escola cedíssimo e são capazes de os vir buscar o mais tarde possível ou**
308 **então mandam alguém os vir buscar. E acaba por ser um pouco...**

309

310 **Entrevistada (E2) [interrompe]:** “Tens razão. A maioria dos pais não eram assim há uns anos
311 atrás pois eram pais preocupados, que vinham falar connosco, queriam inteirar-se das coisas
312 para ajudar os filhos. Havia uma interajuda entre escola-pais. Hoje em dia, a maioria não é
313 assim. Há pais assim, mas a maioria não é. Demite-se completamente e se está num colégio
314 eu pago, se está no colégio quem tem a obrigação é a professora. É só para chegar a casa, dar
315 banho jantar e deitar, mais nada. Também acho que hoje em dia os pais não dialogam com os
316 filhos. Não é a maioria felizmente. Hoje em dias, os miúdos têm solicitações, várias até e que
317 não havia antigamente e que os motiva para outras coisas. E os pais não estão preparados
318 para lidar com certas coisas. Ou não estão ou não querem. Dá-me a ideia que também há
319 situações que...eu tenho casos nesta turma cujos pais põem um tablet ou um telemóvel na
320 mão para não os ouvirem. E o diálogo com eles? Até são capazes de perguntar como é que vai
321 à escola e tal, mas não passa daí. Chegam a casa, isola-te, toma lá isto que é para não me
322 chateares. E isso nota-se perfeitamente nos miúdos. Depois nota-se os outros que no primeiro
323 ano, antes do Natal liam e até houve alguns miúdos que obrigaram os pais a inscreverem-se
324 nas bibliotecas porque o interesse da leitura e a sua descoberta era tanto que eles quando se
325 inscreveram na biblioteca iam buscar livro num abrir e fechar de olhos, mas só iam buscar um
326 novo quando terminavam de ler o que tinham levado. Mas são estes meninos que são

327 acompanhados, mas os outros não. E depois a culpa é sempre da escola, seja de uma
328 professora, de uma funcionária, seja da direção. Nunca é deles. E os filhos vão sendo
329 habituados assim. Os pais, alguns pais não transmitem o respeito pelo outro. E depois eles
330 não sabem...também é ceto que não nascem ensinados, mas...".

331

332 **Entrevistadora (E): Então daí também dizer que tem algumas dificuldades em lidar com estes**
333 **alunos?**

334

335 **Entrevistada (E2):** "Aliás, eu tenho desde que acompanho esta turma...desde o primeiro ano."

336

337 **Entrevistadora (E): Eu digo este ano como quem diz, com a turma com quem tem estado...**

338

339 **Entrevistada (E2):** "Sim, em 38 anos nunca tive uma turma assim só agora...muito difícil. Hoje
340 em dia, estão bons. Dentro da sala de aula comportam-se, mas assim que saem porta fora
341 parecem uns índios. E são sempre os mesmos. Mas não há muito o que possa fazer."

342

343 **Entrevistadora (E): Compreendo. Eu sei que o colégio promove várias atividades nas quais**
344 **os pais participem mais na vida escolar dos seus filhos, mas mesmo assim acha que não é**
345 **suficiente?**

346

347 **Entrevistada (E2):** "São poucos os meus que não fazem isso. Mas é uma minoria. Ainda há uns
348 tempos fizemos a Amostra CV [refere-se à Semana Cultural do Colégio = S.C.C.V.] em que os
349 pais vieram e até vieram muitos, mas participar nas atividades preparadas pelos alunos foram
350 muito poucos pois quando viram o que era ficaram naquela "foi para isto que eu vim?".

351

352 **Entrevistadora (E): Ao cabo tentaram criar momentos entre pais e filhos para que estes**
353 **pudessem acompanhá-los na sua vida escolar e depois têm estas reações.**

354

355 **Entrevistada (E2):** "Enfim, não se pode fazer milagres com pais assim."

356

BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS

357

358

359 **Entrevistadora (E):** Ora da minha parte é tudo, quero agradecer mais uma vez a sua
360 participação para a realização deste estudo.

361

362 **Entrevistada (E2):** “Não tens de agradecer.”.

ANEXO V

Transcrição da Entrevista (3)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (3)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Privado

Duração da Entrevista: 23 min. 24 s.

Legenda	
Entrevistadora (E)	Entrevistada 3 (E3)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista decorreu numa das salas de aula do 2.ºAno enquanto a sua turma se encontrava em aula de teatro com a professora especializada na área, no auditório. Durante esta entrevista tanto a Entrevistadora como a Entrevistada 3 estiveram sentadas numa das ilhas de mesas dos alunos. Durante esta entrevista, a Entrevistada 3 demonstrou-se à vontade uma vez que sorria constantemente e enquanto falava mexia as mãos. No entanto, por vezes demonstrava em ter pressa para terminar esta entrevista uma vez que segundo a Entrevistada 3 tinha muitos afazeres.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Antes de mais gostaria de saber um pouco mais sobre si, antes falar propriamente do tema dito. E, como tal gostaria de saber qual é a sua habilitação académica?

Entrevistada (E3): “Eu tirei o curso de Professora de 1.ºCiclo [do Ensino Básico] que corresponde à licenciatura Pré-Bolonha.”.

Entrevistadora (E): Onde é que tirou o curso e quanto tempo este durou?

Entrevistada (E3): “Na Escola Superior de Educação em Lisboa e durou 4 anos.”.

Entrevistadora (E): Há quanto tempo está a exercer a função de docente?

Entrevistada (E3): “Trabalhei os dois primeiros anos num centro de estudos com alunos do 1.º ao 4.ºAno [refere-se aos quatro anos do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] em que os ajudava na realização dos trabalhos de casa e dava-lhes apoio diário. Depois trabalhei quatro anos num colégio [de Ensino Privado] e só depois vim para este colégio trabalhar. Por isso, este é o meu nono ano de serviço.”.

Entrevistadora (E): Então, trabalhou sempre no ensino privado?

Entrevistada (E3): “Sim.”.

Entrevistadora (E): Ao longo da sua carreira profissional, frequentou ações de formação continuada?

Entrevistada (E3): “Sim. Uma vez que o programa [refere-se ao programa do 1.ºCiclo] vai sofrendo algumas alterações, fiz algumas formações relacionadas nomeadamente

relacionadas com a Matemática e algumas relacionadas com a área do Português. Fora isso, fiz formações em áreas de maior interesse, como por exemplo, a atuação em casos de crianças com uma determinada problemática ou às vezes, aquelas formações de materiais para usar no dia a dia como é o caso da Escola Virtual [programa informático], que convém estarmos atualizadas uma vez que este tipo de programa está relacionado com as novas tecnologias. No fundo quando nós tirávamos essa formação que era mais teórica logo as formações relacionadas com a nova tecnologia não foram tão dinamizadas. Portanto, tento estar sempre atualizada, tento estudar, isto é, temos de estar em constante aprendizagem.”.

Entrevistadora (E): Ainda há pouco referiu que tem um enorme interesse em saber lidar com crianças problemáticas, mas relativamente às áreas curriculares quais são as que suscitam maior interesse? E porquê?

Entrevistada (E3): “Matemática pois é a área de maior interesse uma vez que é uma área onde existe maior possibilidade de exploração de materiais. A Matemática como eu costumo dizer está em todo o lado, mas o Português também está. Mas a Matemática está efetivamente em todo o lado. E o que nós temos na nossa vida para resolver diariamente são problemas e construções seja o que for precisamos da Matemática, de um bom raciocínio matemático e que ao desenvolvermos este irá ajudar a trabalhar em outras áreas o raciocínio logico vem em grande parte desta estimulação matemática e, por isso eu acho que [risos] os meus alunos acabam por se interessar mais por esta área [refere-se à área da Matemática].”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando do tema em questão que é “Motivar para Aprender”, eu considero que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistada (E3): “Eu quando penso em motivação para aprender penso em os alunos estarem em constante desafio. Portanto, primeiro de tudo é valorizar aquilo que eles [os

89 **alunos]** sabem pois se nós **[professores]** começarmos por valorizar aquilo que os alunos
90 sabem estimulando o aquilo que eles sabem e a partir de aí desenvolverem coisas novas, eu
91 acho que eles **[os alunos]** sentem-se importantes e querem sempre saber mais qualquer coisa.
92 Isso é a primeira coisa, valorizar sempre tudo aquilo que eles **[os alunos]** nos trazem. E, depois,
93 os desafios, portanto, eles **[os alunos]** sentirem que tudo aquilo que eles **[os alunos]** podem
94 aprender e que podem sempre aprender mais e enquanto eles **[os alunos]** se sentirem
95 desafiados vão estar sempre motivados. Porque o que acontece muitas vezes é que se eles
96 **[os alunos]** tiverem sempre a fazer trabalho repetitivo, ou seja, ser mais do mesmo não é, eles
97 não estão motivados, não estão interessados e fazem as coisas só por fazer. Por isso, eu acho
98 que é estimular mais nesse aspeto, espicaçar “aí agora este é mais difícil, este é só para
99 aqueles que são campeões”. Portanto, é com estas pequeninas coisas que vamos dizendo no
100 dia-a-dia que os vamos mantendo sempre empolgados com a aprendizagem. Isso começa logo
101 no primeiro ano **[do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico]** quando é a descoberta da leitura e
102 da escrita, dar-lhes para eles **[os alunos]** lerem o sentido e escreverem e, portanto, ir-lhes
103 dando tarefas que os motivem e que eles queiram aprender, não é? Não é aprender porque a
104 escola quer ensinar, mas aprender porque eu quero aprender porque isto é importante para
105 eu conseguir fazer determinadas coisas.”.

106

107 **Entrevistadora (E):** Sem dúvida. E neste sentido, considera que a aprendizagem sem
108 motivação não é possível. Quer dizer é possível, mas...

109

110 **Entrevistada (E3)** **[interrompe]:** “Mas não é tao enriquecedor. Eles **[os alunos]** podem
111 aprender muito mais e melhor se estiverem motivados”.

112

113 **Entrevistadora (E):** De que forma é que verifica se eles estão ou não mais motivados pois
114 existem momentos do dia em que eles estão mais motivados e isso creio que tenha a ver
115 com as áreas de interesse deles.

116

117 **Entrevistada (E3):** “É, isso depende também das áreas de interesse deles, depende os alunos.
118 Eu não consigo achar que sejam partes do dia. Se calhar de manhã, eles **[os alunos]** estão mais

curiosos por ser um novo dia e “o que é que vamos fazer hoje?” e se calhar se nós [os professores] logo aí de manhã lançarmos logo um desafio ainda captámos a atenção deles todos porque é o início do dia. Mas depois depende das áreas de interesse deles pois há miúdos e depende dos miúdos, pois há miúdos que não têm interesse por nenhuma área, não é? Depende sempre dos alunos.”.

Entrevistadora (E): E de forma geral, eles acabam por se interessar mais por determinadas áreas, por vezes até pode ser a área pela qual a professora se sente mais à vontade de motivar. Isso acontece aqui na sua sala, ser a Matemática a área pela qual os alunos se interessam mais ou interessam-se por todas às áreas?

Entrevistada (E3): “Pelo *feedback* que eles dão, maioritariamente gosta da área do Estudo do Meio que também está em todo lado. Os alunos também se interessam bastante pela Matemática, que é uma coisa nunca tinha visto, alunos gostarem de Matemática. Por norma, a Matemática é a área que menos gostam. Mas talvez gostem mais por ser uma área pela qual eu também me interesso bastante e por isso é a área que estímulo mais. No entanto, a área do Estudo do Meio é a área que gostam mais por estar relacionada com o dia-a-dia deles, muitas vezes é mais fácil pois é contarem situações do dia-a-dia deles. Eles [os alunos] ainda estão numa fase ainda um pouco egocêntrica, não sei se terá a ver com isso. Para além disso, é uma fase onde fazem experiências, tudo o que envolva manipular de modo geral eles [os alunos] gostam bastante.”.

Entrevistadora (E): Falando na forma como se trabalha, nós devemos ter sempre em conta as estratégias que vamos implementar em sala de aula. Como professora de 1.ºCiclo, quais são as estratégias mais pertinentes para trabalhar qualquer área curricular?

Entrevistada (E3): “Depende da área, depende do conteúdo. Falando na Matemática e, como já te disse, eu valorizo bastante a utilização dos materiais para eles [os alunos] manipularem, para eles [os alunos] experienciarem as coisas. Isso acaba também por acontecer um

148 bocadinho na área do Estudo do Meio, quando fazemos algumas experiências. Mas não há
149 assim uma caixa mágica, não é?”.

150

151 **Entrevistadora (E):** Durante anos e anos e, em determinadas situações isto ainda acontece
152 de ser quadro e secretária, quadro e secretária, daí eu fazer-lhe esta questão porque lá está
153 e como disse ainda há pouco a aprendizagem torna-se mais interessante quando eles estão
154 motivados e para isso é necessário criar as estratégias [a Entrevistada tosse].

155

156 **Entrevistada (E3):** “Mas essas estratégias vêm um bocadinho de acordo com os conteúdos,
157 não é? Se calhar há conteúdos em que eles [os alunos] precisam de se sentar e manipular
158 algum material, se calhar há conteúdos em que têm de olhar para a rua primeiro e ver...não
159 sei. Depende mesmo dos conteúdos. A escrita, não por olharem para um quadro que eles [os
160 alunos] vão escrever melhor não. É preciso escrever, de trabalhar com a professora e precisam
161 de ser corrigidos. Por exemplo, na escrita eu tento identificar-lhe os erros, mas não os corrigir,
162 de forma que eles [os alunos] voltem para o lugar e detêm o erro na palavra. Eles não acham
163 uma seca. E ao detetarem o erro, eles [os alunos] estão a fazer uma aprendizagem na mesma.
164 Depende das situações, não é? Se calhar na Matemática quando os desafiamos e dizemos
165 “este eu não sei se vocês vão ser capazes de resolver”, sei lá a brincarmos um pouco assim
166 com eles, a picarmos um pouco eles tentem...depende dos conteúdos. Eu acho que não existe
167 uma única maneira de.... É claro que o quadro é importante, não é? Para garantir que a
168 mensagem é passada a todos, mas já sabemos que nem sempre é eficaz pois enquanto
169 estamos a passar a mensagem há alunos que nem sequer estão a ouvir-te ou fingem que
170 ouvem. Há ali alunos que precisam que a gente se sente ao seu lado, há uns que basta falar
171 para todos, há alunos que funciona muito bem o trabalho a pares não é, pois sentem ali um
172 apoio, nem que seja para perceber que o colega também tem falhas e não pensarem “sou só
173 eu que...” e então bora lá tentar...”.

174

175 **Entrevistadora (E):** Era mesmo aí que ia pegar um pouco...acaba mesmo por haver alunos
176 com mais dificuldade que outros, chegando a serem caracterizados como alunos com
177 Necessidades Educativas Especiais. Ora, pelo que eu já vi no passado e ouvi e, apesar de

178 ainda acontecer nos dias de hoje e, não quer dizer que seja o caso deste colégio, mas vejo
179 que há muitas crianças, e se calhar porque isto não é muito trabalhado, numa turma com
180 crianças com Necessidades Educativas Especiais e há outras que não têm e “hmmm... aquele
181 tem dificuldades eu sou superior” e vice-versa, está a ver aonde quero chegar? Se isso
182 acontecesse como é que trabalharia isso? Porque é algo que eles [os alunos] acabam por
183 sentir, apesar não haver aqui muito essa discrepância, apesar de todos saberem e ajudarem-
184 se mutuamente uns aos outros, ao cabo de certa forma sabem e sentem isso que são
185 inferiores porque estão sempre a solicitar...

186
187 **Entrevistada (E3):** “É assim, tu já deste a resposta que é tu valorizares o que ele [o aluno] sabe
188 em determinados momentos em que outros alunos não saibam. Sempre que existem este tipo
189 de situações, existem comentários como “o quê?” e quando alguém dá uma resposta
190 disparatada eu corto sempre. É uma coisa que aqui dentro da sala eu não deixo passar
191 comentários sobre o trabalho de alguém porque um aluno não sabe uma coisa e o outro aluno
192 não sabe outra coisa. Portanto, ninguém sabe tudo, não é? E eu tento sempre mostrar-lhes
193 isso, que todos nós enganamos, eu própria me engano. Quando eu escrevo uma palavra com
194 erro no quadro é por alguma razão, às vezes é por distração e eles [os alunos] próprios me
195 corrigem e tenho sempre o cuidado de lhes dizer “obrigada, ajudaste-me”. Portanto, tentar
196 fazer com que eles percebam que todos nós erramos e, há colegas que sim...estou a pensar
197 na “C.” que tem relativamente mais dificuldades e eles [os colegas/alunos] saberem isso, de
198 estarem cientes de que ela tem mais tempo de teste porque tem mais dificuldades. E, no caso
199 da “C.” ou de uma “R.” [alunos com Necessidades Educativas Especiais] especificamente
200 tentar sempre valorizar quando eles fazem uma coisa boa, não é? Porque eles [os alunos com
201 Necessidades Educativas Especiais] fazem muitas coisas boas. Tentar sempre lhes dar o dobro
202 ou triplo dos elogios do que tu darias a uma outra criança que faz as coisas com uma relativa
203 facilidade. Portanto, é por aí, por um lado a valorização daquele que erra mais vezes e por
204 outro lado a punição daquele que critica o outro que erra e fazê-lo entender que o colega erra,
205 mas que ele próprio também erra em algumas coisas. Portanto, vou por aí.”.

207 **Entrevistadora (E):** E em relação à relação professor-aluno, considera que esta tem
208 influência na motivação do processo de aprendizagem?

209

210 **Entrevistada (E3):** “Eu acho que sim. Nós [os professores] somos a referência deles. Eu acho
211 que a partir do momento em que nós passamos mais tempo com eles do que alguns pais
212 durante a semana. Qualquer coisa que nós façamos...tu notas isso quando um dia vens
213 trabalhar mais cansada e que tu sentes que eles próprios não estão motivados. O trabalho é
214 muito mais sem piada. Quando tu vens bem-disposta e sentes que tu estás a desafiar e que
215 estás motivada para...aliás a minha postura perante a Matemática influencia de certeza as
216 minhas aulas não é e a postura deles face à Matemática. Portanto, se nós estamos motivados
217 e se gostamos daquilo que estamos a fazer e se damos importância àquilo que estamos a
218 fazer, inevitavelmente isso vai passar para eles [os alunos]. Eles [os alunos] estão numa fase
219 que absorvem tudo e por isso acaba por ter influência, não é? Se tu tiveres perto do teu grupo
220 de amigos e tiverem todos numa grande festa e tu estiveres cabisbaixa se calhar vais arrebitar
221 um bocadinho, não é? E mesmo ao contrário isso acontece. Se tu estiveres muito bem-
222 disposta e os teus alunos muito tristes e cansados, se calhar não vais estar ali em festa sozinha,
223 não é? Vais te moldar um bocadinho ao temperamento em que eles estão e isso acaba por
224 acontecer um bocadinho em sala de aula.”.

225

226 **Entrevistadora (E):** Este colégio tem um projeto que é o ensino através da arte o que no
227 outro colégio [referindo-se ao outro colégio onde a Entrevistada 3 trabalhou] creio que não
228 tenha sido esse o projeto que esteja na base da aprendizagem dos alunos [a Entrevistada 3
229 interrompe respondendo que “sim”]. Acredita que este projeto vem facilitar ainda mais as
230 aprendizagens dos alunos ao longo do tempo mesmo para aqueles alunos que tenham mais
231 dificuldades?

232

233 **Entrevistada (E3):** “Sim, uma vez que os estimulamos para as diferentes áreas. Portanto, um
234 aluno que não é bom a Português nem a Matemática ou a Estudo do Meio, pode ser bom na
235 dança, ou pode ser bom no teatro ou pode ser bom na música não é. Ele [o aluno] está a ter
236 contacto com outras áreas que não apenas as áreas académicas. E isto é bom para eles [os

alunos]. E esta integração da música e de outra qualquer arte nas aprendizagens acaba por ter influência nas aprendizagens. No primeiro ano [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] nós fizemos um trabalho excecional e eu tenho a certeza que os meus alunos, aliás os nossos alunos do segundo ano [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] são fantásticos na parte da divisão silábica e da consciência fonológica e tudo deveu-se em parte a isto, a essa integração, a esse trabalho que foi feito.”.

Entrevistadora (E): Daí o projeto da silabas com os nomes deles, não é? [referindo-se a um projeto realizado no ano anterior].

Entrevistada (E3): “Sim, eu nunca tive uma turma que fizesse tão bem a divisão silábica. Aquilo foi numa altura tão essencial que fez com que tivesse influência até hoje. Portanto, a motivação para a leitura e a motivação para a escrita, e eles [os alunos] construírem as suas canções, construírem textos. Era aquilo que eu te estava a dizer inicialmente de haver um motivo para as coisas. Portanto, eu estou motivada porque aquilo que eu estou a fazer tem sentido ou faz sentido, não é? Tem sentido eu estar a trabalhar este livro “A girafa que comia estrelas” apesar de já não podermos ver a girafa à frente tem sentido [risos] tem sentido para a concretização e visualização deste projeto, tem sentido aprendermos mais sobre as savanas para a realização deste trabalho e era um trabalho feito em conjunto.”.

Entrevistadora (E): E não só a moral desta história os leva a pensar sobre aquelas pessoas que já não estão entre outras coisas.

Entrevistada (E3): “Sim, tudo isso está completamente integrado. E, lá esta eles [os alunos] acabam por explorar as diferentes artes, quando uma escola aonde eu estive, liamos o livro e pronto. Fazias um guião de leitura e pronto. Portanto não havia mais do que isto. E as crianças saem muito mais estimuladas.”.

265 **Entrevistadora (E):** Ainda há pouco falou dos alunos que passam muito tempo do seu dia
266 na escola. No seu ver qual é o papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da sua
267 aprendizagem?

268

269 **Entrevistada (E3):** “O que eu vejo ou o que deveria ser o papel dos pais?”.

270

271 **Entrevistadora (E):** As duas coisas.

272

273 **Entrevistada (E3):** “É assim, eu acho que a escola é muito importante e os pais em casa
274 deveriam transmitir essa mensagem aos seus filhos de modo a que os filhos respeitassem a
275 escola, a professora, não a professora “C.M.” [referindo-se a ela própria] mas sim o papel do
276 professor e que os incentivassem e que os motivassem para que eles [os alunos] na escola
277 estivessem despertos para aprender. Em casa, isso muitas vezes não acontece. Mas que em
278 casa deveria ser em termos académicos uma continuação, mas no sentido de lhes darem
279 ferramentas para que eles sejam cada vez mais autónomos e com aquilo que tu aprendeste o
280 que é que tu podes fazer mais, não é? Espera...esqueci-me da tua pergunta, qual era?

281

282 **Entrevistadora (E):** Tinha a ver com o papel dos pais na motivação em aprender dos seus
283 filhos.

284

285 **Entrevistada (E3):** “É isso mesmo. Os pais devem incentivar os alunos a perceberem qual é o
286 papel da escola. Porque depois a escola tenta fazer o seu papel muito bem feito que é motivar
287 e etc. Para os pais motivarem ah...pois não sei. Eu acho que, hoje em dia, a sociedade está um
288 pouco naquela da compensação. Eles passam tão pouco tempo juntos e acabam por
289 compensá-los. Eu por acaso eu até tenho caso de pais que até deixam a mochila na escola
290 porque já fizestes os trabalhos de casa e depois estudar os testes. E eu acho que não deveria
291 ser só isso, deveria ser mais qualquer coisinha. Portanto, o ler com eles, o pedir que ele conte
292 o que está a aprender, que explique...ou seja, passar mais tempo mediante o tempo que têm
293 com os seus filhos. Eu não tenho queixas em relação a isso. Tenho alguns pais que sim, que
294 sei que só estudam para os testes ou que não lhes veem os trabalhos de casa. Eu acho que o

295 papel dos pais deveria ser esse, de se interessar por aquilo que o filho fez na escola e depois
296 ver o que ele fez. Não é fazer por ele como é caso de uma situação que aqui tenho em que a
297 mãezinha faz pelo menino. Que bonito, não é? Em vez disso, devem os ajudar e de saber o
298 que eles fizeram na escola bem como tentarem achar coisas boas que os seus filhos fazem nas
299 escolas...”.

300

301 **Entrevistadora (E): Ao cabo é terem um papel mais ativo na escola.**

302

303 **Entrevistada (E3):** “Sim. Mas eu não tenho queixas nesse aspeto. Os meus pais até são
304 bastante ativos. Portanto, é uma pergunta que para mim não...estou contente pois até são
305 pais ativos e interessados e que os estimulem para outras coisas. Não tenho nada a dizer.
306 Podiam ser todos assim. Eu acho importante que nunca falem mal da escola à frente dos seus
307 filhos e que os estimulem no sentido do que é que a escola pode dar e porquê. “Ah” e outra
308 coisa que eu acho importante é que os pais com as aprendizagens que eles vão tendo lhes
309 mostrem a aplicação no dia-a-dia.”.

310

311 **Entrevistadora (E): Sim e que é fundamental. E lá está, aquilo que ainda há pouco dizia as**
312 **áreas curriculares acabam por estar em todo o lado no nosso dia-a-dia. E isso é importante.**

313

314 **Entrevistada (E3):** “Sem dúvida. Se estás a trabalhar as horas, perguntar-lhes que horas são e
315 tal. Não é dizer “olha agora vamos trabalhar as horas”, mas sim dizer “oh filho, vai lá ver as
316 horas ao pai” coisas assim, não é? O dinheiro, fazer os trocos, fazer coisas assim que vão
317 estimulando as aprendizagens que eles vão tendo e que lhes vão dando importância, vão
318 ajudá-los, mas nesse sentido, nesse aspeto. E desta forma eles verem a tal aplicação e
319 perceberem que não andam só aqui a preencher livros, não é?”.

320

321 **Entrevistadora (E): Mas é essa a ideia de muitos pais, não é? Que a escola é só para**
322 **preencher livros...**

323

324 **Entrevistada (E3):** “Pois, mas na verdade a escola não é isso. Os pais têm de perceber que
325 cada semana que passa eles sabem mais alguma coisinha que depois vão aplicar lá fora.
326 Porque eu costumo lhes dizer isso, nós não andamos cá para aprender...por exemplo, ainda
327 hoje estivemos a aprender as medidas de massa e estava lhes afazer perguntas “se for meio
328 quilo? E se for não sei o quê?” e em seguida estávamos a falar da capacidade, garrafa de litro
329 e meio e houve alguém que precisamente perguntou “quantas garrafas de água íamos precisar
330 para encher um garrafão de 5litros?” então eles começaram a dizer “oh professora
331 precisávamos de 4” e eu disse-lhes “então vamos lá ver, duas garrafas de litro e meio fazem
332 três litros, 3 garrafas fazem 4 litros e meio e 4 fazem seis litros. Então eu perguntei-lhes 4
333 garrafas enchem o garrafão?” ao qual eles responderam que não e que ia sobrar e eu
334 perguntei-lhes que parte não íamos utilizar ao qual um aluno responde-me “só vamos precisar
335 um terço da garrafa”. Eu achei isto fantástico e até lhes disse “estão a ver, tudo aquilo que
336 andamos a aprender para trás é para vocês aplicarem. Portanto, nós não aprendemos aqui as
337 coisas só para vocês saberem. Fazemos as coisas para depois serem aplicadas no dia-a-dia. E
338 é isto. Pronto vou me calar [risos]”.

339

340 **BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS**

341

342 **Entrevistadora (E):** Pode continuar a falar se quiser pois estava a gostar de ouvir. Mas uma
343 vez tudo dito, resta-me agradecer-lhe pela sua disponibilidade participação para este
344 estudo.

345

346 **Entrevistada (E3):** “Obrigada eu e boa sorte.”.

ANEXO VI

Transcrição da Entrevista (4)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (4)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Privado

Duração da Entrevista: 19 min. 24 s.

Legenda	
Entrevistadora (E)	Entrevistada 4 (E4)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Bom dia, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito por várias vezes, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista decorreu numa das salas de aula do 2.ºAno enquanto a sua turma se encontrava em aula de dança com a professora especializada na área, no auditório. Durante esta entrevista, tanto a Entrevistadora como a Entrevistada 4 estiveram sentadas na mesa de atividades livres. A Entrevistada 4 demonstrou-se à vontade uma vez que sorria constantemente e até brincava com um elástico que tinha no pulso [passando o elástico de um pulso para o outro]. Para além disto, enquanto falava a Entrevistada 4 ia apontado para alguns trabalhos feitos pelos alunos e que estavam expostos na parede. A Entrevista 4 foi a minha professora cooperante ao longo deste ano letivo [2016/2017] e, como tal, também deixou-me à vontade para realizar esta entrevista].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

[A Entrevistadora durante a entrevista apresentou uma voz rouca]

Entrevistadora (E): Mas antes de falar do tema propriamente dito. Gostaria de saber um pouco mais sobre si. Pelo que já me disse anteriormente tem a Licenciatura em Educação Básica e tirou na ESE de Coimbra. E já lá vão quanto anos?

Entrevistada 4 (E4): “Acabei o curso em 2004.”.

Entrevistadora (E): Em 2004 e começou logo a exercer enquanto docente?

Entrevistada 4 (E4): “Eu comecei a exercer em 2005. Não foi logo em 2004 pois tive um ano a dar explicações num centro de estudos, entre setembro de 2004 e junho de 2005. E só comecei a dar aulas, no sentido que tu conheces aqui em 2005.”.

Entrevistadora (E): Eu sei que atualmente está a trabalhar no ensino privado, mas também já trabalho no ensino público. Como é que é trabalhar nestas duas vertentes?

Entrevistada 4 (E4): “Olha, eu já trabalhei no privado aqui no Cesário Verde, mas também num colégio particular em Camarate [uma das auxiliares do colégio bate à porta e entra com a permissão da Entrevistada 4 onde coloca uns papeis em cima da secretária da professora]. Portanto, este colégio estava inserido numa área muito problemática e que as pessoas pagavam de acordo com o seu rendimento mensal. Não era bem uma I.P.S.S., mas era algo que tinha um acordo com o Estado e como já disse estava inserido numa área muito problemática. No público, trabalhei em Camarate, trabalhei num bairro do chamado “Fim do Mundo” que fica ali em Cascais. Eu como trabalhei sempre como contratada, fui sempre parar a sítios muito complicados. Como contratado, tu vais para a sítios onde as pessoas não querem se estabelecer como profissionais. Há áreas mais fáceis e há áreas mais difíceis. Nas áreas mais difíceis há sempre mais colocações no público. As diferenças são essencialmente a nível de

condições de vida das famílias e dos alunos. E, pronto, o que é queres que eu diga mais? **[Diz em tom de brincadeira/risos da Entrevistada 4 e da Entrevistadora]** Enfim, há diferenças, muitas diferenças. Eu trabalhei em sítios onde a violência era muito visível, os alunos eram muito agressivos, a relação era muito mais complicada, entre outras coisas. Aqui os alunos são muito amorosos, abraçam-se muito, são muito carinhosos, muito atenciosos...”.

Entrevistadora (E) [interrompe]: Aqui existe mais afetividade.

Entrevistada 4 (E4): “Sim, as relações fluem de uma maneira muito natural. São miúdos que não têm assim grandes problemas, não é? Eu trabalhei em sítios onde havia fome em casa, onde havia falta de dinheiro, havia dificuldades sérias. E isto, portanto, afeta em tudo pois as crianças são afetadas logo nas suas relações entre si, nas suas relações com os adultos. Eu trabalhei em Camarate, onde havia famílias que viviam em barracas. Portanto, era diferente.”.

Entrevistadora (E): Então era algo muito complicado de conseguir lidar!?

Entrevistada 4 (E4): “É mais difícil tu chegares perto. Mas quando chegas, quando eles **[os alunos]** percebem que podem confiar em ti, também há o outro lado, não é? Porque mesmo as famílias e às vezes nó aqui **[refere-se à instituição de ensino privado onde trabalha atualmente]** somos chamados à atenção por tudo e por nada ter pais muito exigentes porque o menino fez isto ou a menina fez aquilo. Enquanto que ali **[referindo-se ao estabelecimento de ensino público]** a partir do momento que percebem que és uma pessoa de confiança e percebem que podem contar contigo e depois tens as famílias que são um elemento fundamental para a educação dos seus filhos, não é? Eu sou uma entrevistada muito complicada pois eu falo muito **[diz em tom de brincadeira]** **[entretanto surgem risos por parte da Entrevistada 4 e da Entrevistadora]**.”.

Entrevistadora (E): Fala aquilo que tem de falar [risos]. Mas diga-me uma coisa, após terminar o seu curso fez alguma formação ou formações continuas ou não?

Entrevistada 4 (E4): “Sobre uma qualquer? Fiz imensas. Fiz uma sobre o acordo ortográfico, fiz uma sobre dislexia, disortografia e disgrafia. E ainda fiz uma Pós-graduação em Educação Especial.”.

Entrevistadora (E): Essa não sabia. É uma caixinha de surpresas [referindo-se à Entrevistada 4] mas é sempre bom fazer esse tipo de formações. Dessas formações todas e das áreas curriculares que existem quais são as que suscitam mais interesse?

Entrevistada 4 (E4): “Eu gosto das Necessidades Educativas Especiais [N.E.E]. Ou seja, os alunos que chegam aqui à minha sala de aula e têm Necessidades Educativas Especiais [N.E.E] diferentes dos comuns interessam no sentido em que gosto de poder ajudá-los, portanto a formação de ensino especial também serviu um pouco para isso. Nem foi tanto para exercer a função de professora de Ensino Especial, mas mais para poder ajudar os meus alunos porque em contexto profissional vai sempre surgindo na tua turma alunos que precisem mais de ti. Olha o caso da minha turma este ano e neste momento temos a “C.M.” [aluna com Necessidades Educativas Especiais] e eu acho que para o ano vamos ter também o “D.” e o “L.”.”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando agora do tema propriamente dito, havendo um crescente interesse em motivar os alunos como é que se sente em relação a isso?

Entrevistada 4 (E4): “Como é que eu me sinto? Hmmm...o que é que eu sinto sobre a necessidade de os motivar? Se é importante ou não? É assim, isso é fundamental pois eles [os alunos] têm de estar motivados porque um aluno desinteressado não liga a nada. E se nós [os professores] formos tentando trazer coisas que tem haver com as suas vontades, os seus gostos, com aquilo que os anima e que os motiva, é mais fácil predispô-los para a aprendizagem claro a motivação...e isso também acontece com os adultos, não é?”.

118 **Entrevistadora (E):** Isso é verdade. No entanto, quando está à frente de uma turma seja ela
119 qual for como é que verifica se os alunos estão ou não motivados para...?

120

121 **Entrevistada 4 (E4):** “Às vezes, tu percebes que eles [os alunos] estão a gostar muito e há
122 outras vezes em que tu vês que eles estão longe. E, quando eles [os alunos] estão longe, às
123 vezes, é preciso mudar de estratégia toda. Por exemplo, já me aconteceu ter uma aula
124 planeada de uma determinada maneira e estar a ver que eles não estão nem aí, que ninguém
125 está a ligar nenhuma e que está tudo distraído longe daqui. Às vezes, mais vale mudar e digo-
126 lhes “olhem vamos fazer uma coisa completamente diferente”. Ainda aconteceu algo assim
127 do género a sexta-feira à tarde que passou e depois de uma semana de testes e de ensaios e
128 de não sei o quê, eu peguei neles e fomos para a rua ler “A girafa que comia estrelas” para
129 treinar a leitura em voz alta. Portanto, o que eles [os alunos] estavam a fazer era um trabalho
130 de Estudo do Meio, estavam barulhentos, estavam longe daqui e eu virei-me e disse “fechem
131 os livros e vamos lá para fora” e foi meio caminho andado para eles [os alunos] ficarem
132 contentes e irem de fim-de-semana felizes. Por que senão, às vezes tu também entras naquela
133 coisa de começar a ralhar. Outras vezes, tu nem tens mesmo a possibilidade de fazer isso aí,
134 vamos fazer outra coisa qualquer” pois tens matéria para dar, um currículo a cumprir e às
135 vezes tens de andar ali contra a corrente e às vezes tens de ver que existem matérias que
136 suscitam muito menos interesse e vês os alunos ali a vacilar.”.

137

138 **Entrevistadora (E):** Mas em termos de áreas curriculares? É certo que existem matérias
139 como ainda há pouco disse que são menos apelativas para não dizer aborrecidas. Mas das
140 áreas em geral quais são as que lhes suscitam mais interesse?

141

142 **Entrevistada 4 (E4):** “Normalmente, é o Estudo do Meio. Eles [os alunos] ficam muito
143 contentes quando trabalham o Estudo do Meio e quando têm coisas práticas à frente. Na
144 Matemática, também vejo que é fácil fazer atividades práticas e é fácil motivá-los. Por
145 exemplo, nós este ano fizemos aqui em aula...o meu objetivo era...pronto este ano aqui no
146 colégio estabelecemos todos um objetivo. Cada professor estabelecia o seu objetivo. E o meu
147 era trazer a arte para dentro da sala de aula porque a arte como o colégio “C.V.” [iniciais do

148 **nome do colégio]** tem o ensino através da arte, eu achei que devia trazer a arte para dentro
149 das minhas aulas. E então fui trazendo assim aos bocadinhos e tu também trouxeste a arte
150 para dentro da minha sala. E, então, quando trabalhamos as figuras poligonais e não
151 poligonais trabalhei o Kindinsky. Por exemplo, isso eles **[os alunos]** nunca mais esqueceram
152 porque foi prático, viram a imagem do quadro original, e...”.

153

154 **Entrevistadora (E) [interrompe]:** Isso eu não poso dizer que se esqueceram pois quando
155 trabalhamos aquelas obras de arte ali **[aponta para o armário onde estão expostos os**
156 **trabalhos feitos através das obras de arte durante a sua intervenção]** havia um grupo, se
157 não estou em erro era o grupo do “J.B.” e da “L.P.”, também lhes calhou uma obra de um
158 Kindinsky e disseram-me “isto aqui não nos é estranho”.

159

160 **Entrevistada 4 (E4):** “Sim, sim, eu achei que isso foi muito motivante para eles **[os alunos]**.
161 Por exemplo, terem tentado reproduzir, terem tentado pintar o quadro diferenciando as
162 figuras poligonais das figuras não poligonais recorrendo à plasticina. E pronto, tudo o que
163 envolve os alunos em trabalhos mais práticos é sem dúvida mais motivante. Enquanto que,
164 por exemplo na gramática, tens gramática para dar e não tanto para fazeres atividades
165 práticas. Então é uma área, não tanto aqui no 1.º e 2.ºano **[do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino**
166 **Básico]** mas quando entrarmos no 3.º e no 4.º ano **[do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico]**
167 já se começa a tornar mais maçudo, vê-se mesmo que eles **[os alunos]** têm menos afinidade
168 e interesse. Tudo o que envolve coisas práticas motiva-os mais e o que os motiva muito mais
169 gera aprendizagem significativa.”.

170

171 **Entrevistadora (E):** Eu ia lhe fazer uma questão, mas já acabou por fazer, como é que lida
172 com as diferentes áreas e dentro delas as diferentes estratégias...acaba por trazer materiais
173 palpáveis e...

174

175 **Entrevistada 4 (E4):** “Sim, mas lá está, há sempre aquela matéria que não dá para fazeres isso.
176 E eles **[os alunos]** têm de se habituar que ao longo da vida, haverá aquele momento mais
177 formal. Nem tudo pode ser uma grande brincadeira nem tudo pode ser “ora vamos aqui

178 motivá-los vamos trazer aqui um grande folclore” não pode ser. Não pode ser sempre, não é?
179 E eles [os alunos], às vezes têm de perceber que têm de estar sentados a ouvir com mais
180 calma e que isso também é uma maneira de aprender. Portanto, nós [os professores] não
181 temos de estar sempre, julgo eu...sinto que não posso estar sempre a trazer coisas diferentes
182 e exuberantes porque depois eles [os alunos] acabam por “descambar...deixa de ter interesse
183 logo deixa de ser motivante.”.

184

185 **Entrevistadora (E): Acaba por ser uma rotina!**

186

187 **Entrevistada 4 (E4):** “Exatamente. Eu acho que deve haver aqui alguma formalidade no
188 ensino. Eu acho que deve haver sempre aquele momento formal do género “olha fez-se isto,
189 fez-se aquilo,”, pode-se introduzir com algo diferente ou pode-se trabalhar com algo
190 diferente. Mas eu acho que ou no início ou no fim, como introdução ou conclusão, tem de
191 haver sempre ali uma formalidade, de qualquer conteúdo para que eles [os alunos] também
192 tenham a noção do que é que fizeram. Às vezes, as atividades diferentes também podem gerar
193 brincadeira a mais pode não gerar em aprendizagem.”.

194

195 **Entrevistadora (E): Claro. E relativamente à relação professor-aluno, considera que esta
196 acaba por influenciar a motivação dos alunos em aprender?**

197

198 **Entrevistada 4 (E4):** “Sim, claro. Se eles [os alunos] não gostarem de ti, vão sentir resistência
199 em aprender.”.

200

201 **Entrevistadora (E):** Relativamente aos alunos, eu já percebi que já teve a oportunidade em
202 trabalhar em vários contextos [quer no ensino público quer no ensino privado] e como é
203 que é trabalhar com alunos com Necessidades Educativas Especiais? Como é que
204 conseguimos motivá-los? Porque eu já li muito, já vi muito e cheguei até a ver, não aqui
205 nesta instituição, mas acho que existem alunos com algumas dificuldades que são
206 consideradas crianças com Necessidades Educativas Especiais e aproveitam-se de certa
207 forma para “hmm eu tenho este problema, eu sou inferior aos outros, então vou deixar

208 andar, não quero saber” e depois há colegas também que “aahhh ele tem dificuldades...”
209 está a perceber ate onde quero chegar?

210

211 **Entrevistada 4 (E4):** “Sim, sim que os colegas acabam por colocá-los mais de parte. Nesse
212 momento tem de ser um trabalho do professor e tentar que a turma respeite a criança que
213 realmente tem Necessidades Educativas Especiais. Por exemplo, aqui no caso da “C.M.” [aluna
214 com Necessidades Educativas Especiais]. Eu acho que ela é bastante respeitada pelos colegas.
215 Ela, no ano passado, demorou muito mais tempo a adquirir a leitura e a escrita. Ela só
216 conseguiu agora no início deste ano letivo [2016/2017] enquanto que os outros ali em
217 dezembro [de 2015] já estavam a ler e a escrever apesar de ainda não termos terminado o
218 primeiro ano. Mas em dezembro [de 2015] já tinha quase todos a ler e a escrever. E a “C.M.”
219 [aluna com Necessidades Educativas Especiais] não só agora em outubro, novembro [de
220 2016] é que começou a escrever e a ler melhor. Os outros sempre compreenderam que a
221 “C.M.” [aluna com Necessidades Educativas Especiais] era diferente. Isto já foi algo que foi
222 trabalhado com a educadora “S.” [uma das educadoras do colégio] desde os quatro ou cinco
223 anos pois eles já conhecem a “C.M.” há muito tempo. A maioria do grupo já conhecia a “C.M.”
224 [aluna com Necessidades Educativas Especiais] e acho que depois ao longo do ano passado e
225 deste ano, eles [os alunos] percebem que ela tem dificuldades. Mas também é uma coisa que
226 se tem de falar abertamente sobre isso. Não é esconder. Ela tem dificuldades e nós vamos
227 ajudá-la. É preciso trabalhar isso. Por exemplo, no caso da “S.P” que não tem nenhuma
228 Necessidades Educativas Especiais, esta coisa de “termos de respeitar as diferenças, temos de
229 respeitar isto, temos de respeitar aquilo” acho que já não funciona tão bem. Porque elas têm
230 personalidades diferentes. A “C.M.” [aluna com Necessidades Educativas Especiais] é mais
231 calma, é mais amiga dos outros e isso também influencia que os outros a respeitem. Já a “S.P”
232 tem mais dificuldades em fazer isso, ela acaba por não ser tão aceite, apesar dela não ter
233 qualquer tipo de Necessidades Educativas Especiais, não é? Eu acho que o professor deve ir
234 estando atento também a isso. Tentar ajudar os miúdos de maneira a que eles percebam as
235 suas dificuldades e, portanto, isso não pode ser nunca um motivo para desistir. Tem que aqui
236 haver sempre um reforço por parte do professor “boa tu consegues, vais conseguir. Não

237 desistas” e também tem de haver uma conversa com todos os outros alunos para que não
238 haja segregação, não é?”.

239

240 **Entrevistadora (E):** É verdade. Agora uma coisa com a qual fiquei muito curiosa e que está
241 relacionado com o projeto educativo deste colégio que é o ensinar através da arte. Acha que
242 acaba por ser mais apelativo para os alunos trabalhar através das artes, todas as áreas
243 curriculares? É mais fácil para eles?

244

245 **Entrevistada 4 (E4):** “Sim, eu acho que é mais estimulante sim. Às vezes através da dança ou
246 através da plástica ou através da música, eu acho que sim, sem dúvida. Para eles [os alunos]
247 é uma questão de motivação.”.

248

249 **Entrevistadora (E):** E relativamente ao papel dos pais na motivação dos seus filhos ao longo
250 da sua aprendizagem? Qual é a sua opinião?

251

252 **Entrevistada 4 (E4):** “Também é importante, não é?”.

253

254 **Entrevistadora (E):** Mas nem sempre acontece...

255

256 **Entrevistada 4 (E4):** “Nem sempre acontece, sim. Às vezes, os medos dos pais refletem-se
257 muito nos alunos. pais muito ansiosos geram filhos com ansiedade, não é? Pais descontraídos,
258 mas que os estimulam para aprendizagem que os estimulam para as coisas, para experimentar
259 são crianças que se tornam alunos sem medos, não é?”.

260

261 **Entrevistadora (E):** Eu também pergunto isto porque eu pelo menos, no meu tempo, quando
262 era mais nova e, se calhar, no seu tempo, também, os pais eram pais mais presentes do que
263 atualmente. Podiam até não saber muito daquilo que se estava a passar dentro da escola,
264 mas também tentavam procurar saber e ajudar naquilo que podiam e estar mais presentes
265 na vida do aluno. Participavam mais na vida dos seus filhos. E atualmente creio que isso não
266 acontece.

267 **Entrevistada 4 (E4):** “Sim. Eu acho que as pessoas hoje em dia estão com horários muito
268 alongados nos seus empregos e tu vês que há miúdos que chegam às sete e meia da manhã e
269 depois só vêm lhes buscar às oito da noite. São muitas horas sem ver a família, não é? E às
270 vezes de certa maneira, os pais ficam tanto tempo fora que depois quando estão com eles,
271 querem compensá-los, dando-lhes atenção, dando aquilo que eles querem. Às vezes isto não
272 é fácil, não é? Olha tu fazes perguntas muito difíceis [diz em tom de brincadeira à
273 Entrevistadora].”

274

275 **Entrevistadora (E):** Eu não faço perguntas difíceis, eu faço perguntas pertinentes [responde
276 à Entrevistada 4 em tom de brincadeira e risos].

277

278 **BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS**

279

280 **Entrevistadora (E):** Ora eu não me vou alongar mais pois já fiz as questões todas que tinha
281 a fazer. Quero agradecer-lhe mais uma vez pela sua participação nesta entrevista, mas
282 também, por tudo aquilo que foi para mim ao longo deste ano letivo.

283

284 **Entrevistada 4 (E4):** “De nada [responde com um enorme sorriso na cara].”.

ANEXO VII

Transcrição da Entrevista (5)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (5)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Privado

Duração da Entrevista: 27 min. 44 s.

Legenda	
Entrevistadora (E)	Entrevistada 5 (E5)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Bom dia, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista decorreu numa das salas de aula do 1.ºAno, enquanto a sua turma se encontrava em aula de dança com a professora especializada na área, no auditório. Durante esta entrevista, tanto a Entrevistadora como a Entrevistada 5 estiveram sentadas na mesa junto à secretária da professora. A Entrevistada 5, enquanto falava mexia as mãos e por vezes sorria.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Caso não tenha dito da outra vez que aqui estive para marcar esta entrevista, mas esta surge no âmbito do estudo que estou a realizar cujo tema é “motivar para aprender em alunos que frequentam o 1.ºCiclo do Ensino Básico. Considerarei pertinente trabalhar esta tema devido às experiências que tive nos diferentes estágios profissionais.

Mas antes de falar do tema propriamente dito, gostaria de saber um pouco mais sobre si. Sei que é professora do 1.ºCiclo e como tal gostaria de saber onde é que realizou o seu curso uma vez que já foi há bastante tempo?

Entrevistada 5 (E5): “Sim, foi. Mas eu não tenho o curso porque na minha época...eu só posso exercer no ensino particular. Tenho um diploma que me habilita a exercer no ensino particular.”.

Entrevistadora (E): Tem o Magistério, então?

Entrevistada 5 (E5): “Não tenho o Magistério. Aqui há uns anos atrás, há uns bons anos atrás que eu comecei a exercer no colégio. Por volta de 1980/1981. Ou seja, a partir do momento em que tivéssemos o Ensino Complementar que era equivalente ao 12.ºAno, era passado um diploma que nos permitia exercer enquanto professores. E quem nos passava esse diploma era o Ministério da Educação. E eu tenho esse diploma que me habilita a dar aulas ao 1.ºCiclo [do Ensino Básico].”.

Entrevistadora (E): Ora, então é professora desde 1980?

Entrevistada 5 (E5): “Sim, mas nem sempre no 1.ºCiclo [do Ensino Básico] pois tive 6 anos como monitora da Telescola.”.

Entrevistadora (E): Telescola? Equivale ao A.T.L. [Atividades de Tempos Livres]? Isso é o quê?

Entrevistada 5 (E5): “Não, é um centro de estudos, mas sim o ensino através da televisão. Na altura começou por ser direto, ou seja, era um ensino diretamente transmitido pela televisão em que os alunos tinham de assistir às aulas e era à tarde. Depois, passou a ser gravado em cassetes. Isso já era no meu tempo. Eu já tinha cassetes. Era uma equipa do Ministério da Educação que programava e gravava essas aulas e nós como monitores nas aulas usávamos

59 essas cassetes. Tínhamos livros que eram feitos pelos próprios alunos com informações de
60 textos depois que também lhes forneciam e havia locais em que não era ministrado o ensino
61 direto, mas sim indireto. Portanto, era feito desta forma. E o colégio C.V. [referindo-se ao
62 colégio onde sempre trabalhou e ainda trabalha] começou a ter Telescola e não ensino
63 direto, ainda durante vários anos. O último ano foi em 1995, penso eu.”.

64
65 **Entrevistadora (E):** Eu nessa altura já era nascida, mas não me lembro de nada disso.

66
67 **Entrevistada 5 (E5):** “Nessa altura, foi uma maneira que o Ministério arranjou do 2.ºCiclo [do
68 Ensino Básico] chegar a localidades bem remotas. Era uma forma...era difícil das crianças se
69 deslocarem para as vilas ou cidades para frequentarem o Ensino Preparatório. Na altura, o 2.º
70 Ciclo [do Ensino Básico] era chamado de Ensino Preparatório. As aldeias tinham só a primária
71 [o que corresponde atualmente ao Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico], até à 4.ªClasse [o
72 que corresponde hoje ao 4.º ano do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico], e então foi uma
73 forma de conseguirem mais crianças até ao 2.ºCiclo, era só até ao 5.º e 6.ºano [de
74 escolaridade] que era assim. Não tinha conhecimento?”.

75
76 **Entrevistadora (E):** Não. Por acaso, nunca tinha ouvido falar nesse tipo de ensino. É a
77 primeira vez que oiço falar em tal ensino. Mas já agora irei pesquisar mais sobre isso pois
78 nunca é demais aprender...[risos]. Tal como disse nunca tinha ouvido falar e uma vez que
79 nasci em 89, nem me lembro de ter visto tal coisa na escola onde andei.

80
81 **Entrevistada 5 (E5):** “E aqui nos grandes centros eram poucos os locais. Só no ensino
82 particular. Portanto, havia escolas de 1.º, 2.º e 3.º Ciclos [do Ensino Básico] que não. Mas o
83 colégio [referindo-se ao colégio onde sempre trabalhou e ainda trabalha] por acaso tinha
84 esse ensino. E eu estive seis anos lá.”.

85
86 **Entrevistadora (E):** Mas quando começou a exercer começou aqui no colégio ou...

Entrevistada 5 (E5): “Não, comecei em outro colégio como professora de 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. Só que depois fui convidada para trabalhar aqui neste colégio como monitora da Telescola. E nos tínhamos a secção de ciências e a secção de letras. A secção de ciências era a Matemática, as Ciências da Natureza, a Expressão Plástica...isso era o que fazia parte da secção de Ciências. E enquanto eu trabalhei como monitora, trabalhei na área das ciências.”.

Entrevistadora (E): E a comparar com o agora...prefere este ensino ou o ensino da telescola?

Entrevistada 5 (E5): “Eu prefiro o ensino direto. Mas é assim, contudo o ensino da Telescola teve muitas vantagens na altura e principalmente, não digo tanto para estas crianças daqui destes meios maiores como é Lisboa que têm acesso a muita coisa. Não nos podemos esquecer que naquela altura não havia internet. Portanto, o acesso que hoje temos a todo o tipo de informação, não é? Havia a televisão e pouco mais. Dai a cassete, portanto! E as aulas permitiam...e essa gravação que nós tínhamos na cassete das aulas, essa equipa preocupava-se em gravar, em ir buscar vídeos. E então era extraordinário que nas Ciências da Natureza porque ia buscar vídeos da natureza mesmo, de tudo e de todos os fenómenos. E parecendo que não, miúdos que não vivenciavam isso, porque é difícil muitas vezes em ciências por exemplo, crianças aqui da cidade perceberem manifestações da natureza porque não vivem no campo noa é? É complicado não é, de perceberem...e então era tudo mais fácil vendo através do vídeo. Agora não! Neste momento nem se compreenderia porque com a internet temos acesso a tudo, a todo o tipo de informação. Agora não fazia qualquer sentido digamos. Na altura, eu achei que era bastante interessante e tinha bastantes vantagens em relação ao ensino direto, mas atualmente não [risos].”.

Entrevistadora (E): E ao longo do seu percurso profissional, realizou alguma formação contínua ou não?

Entrevistada 5 (E5): “Sempre. Fiz sempre. Na altura em que vim trabalhar para este colégio que não tinha esta direção, mas sim outra direção, nós tínhamos formações todos os anos. A Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular encarregava-se dessa formação.

118 Atualmente não, pelo menos do que tenho conhecimento. Mas nessa altura fazíamos
119 formações todos os anos, durante uma semana ou quinze dias, juntávamos. Fiz várias
120 formações em colégios, normalmente era em colégios. Eles convidavam vários professores,
121 inclusive do estrangeiro como professores de universidades espanholas que vinham ministrar
122 determinadas disciplinas. E isso foi muito bom. Essa época foi muito enriquecedora pelo facto
123 de todos os anos, em julho e setembro, normalmente fazíamos imensos cursos de formação,
124 várias formações. Essas formações não eram de muitas horas. Chegavam a ser de 4 a 5 dias.
125 Mas fazíamos sempre pois preocupavam-se com que nós fizéssemos as mesmas.”.

126

127 **Entrevistadora (E): E dessas formações que fizeram eram obrigatórias ou não?**

128

129 **Entrevistada 5 (E5):** “Não, pois na altura não eram obrigatórias. E eu sempre participei em
130 todas pois era uma mais-valia para mim.”.

131

132 **Entrevistadora (E): Daquilo que percebi a área das Ciências acaba por se a sua área de
133 interesse ou não?**

134

135 **Entrevistada 5 (E5):** “Sim [risos] acabou por ser a minha área de interesse por acaso, digamos
136 que sim. Mas gostei bastante.”.

137

138 **Entrevistadora (E): E isso deve-se à experiência que teve quando trabalhou através do
139 ensino Telescola?**

140

141 **Entrevistada 5 (E5):** “Sim, foi principalmente por isso. Gostei imenso.”.

142

143 **Entrevistadora (E): Matemática e Ciências são as áreas que me lhe interessam?**

144

145 **Entrevistada 5 (E5):** “Sim, sem dúvida”.

146

147

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Relativamente à temática que me trouxe hoje aqui e uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistada 5 (E5): “É essencial que nós [os professores] arranjemos estratégias de motivação para eles [os alunos] uma vez que cada vez mais a motivação...se estivermos à espera que eles [os alunos] estejam motivados só porque sim, é complicado. Tem de haver qualquer coisa que dê o clique, que os desperte, qualquer coisa. O que nem sempre é fácil, mas pelo menos temos de ter essa preocupação como professores.”.

Entrevistadora (E): E de que forma é que verifica que os alunos se sentem motivados?

Entrevistada 5 (E5): “Felizmente que nós [os professores] por sermos ensino particular nós temos a sorte de ainda ter um grupinho de alunos que estão motivados para aprendizagem. Portanto, isto tem a ver com o meio em que estão inseridos, não é? Com a família e com tudo mais. O que por vezes não chega. A motivação por si só não chega, não é?”.

Entrevistadora (E): Claro! E das áreas que são trabalhadas em sala de aula, quais são as que suscitam mais interesse nos alunos?

Entrevistada 5 (E5): “Olhe, o Estudo do Meio é para eles [os alunos] é qualquer coisa. Eles [os alunos] adoram Estudo do Meio. Também para eles [os alunos] é o que lhes parece mais fácil, não os exige tanto esforço...quanto a mim, é a área que mais interesse lhes desperta.”.

Entrevistadora (E): Como disse ainda há instantes não basta motivar os alunos para aprender, no entanto, que tipo de estratégias utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares?

178 **Entrevistada 5 (E5):** “Essencialmente, é necessário arranjar algumas estratégias que passam
179 muito pela...estou a agora a lembrar-me da...por exemplo, Matemática sei lá, atividades em
180 que eles [os alunos] possam manusear materiais. Portanto, conseguir materiais manipuláveis,
181 que consigam ver, que consigam descobrir. Porque só os manuais, só as fichas, só isso não os
182 motiva grandemente. Pode ser muito engraçado porque é um livro novo, uma ficha nova, mas
183 não passa por aí.”.

184

185 **Entrevistadora (E):** Ou seja, não basta um quadro e uma secretária!?

186

187 **Entrevistada 5 (E5):** “Não, de todo. Tem de existir algo que seja diferente, que lhes desperte
188 o interesse, que lhes desperte alguma surpresa, digamos assim. Começa por aí, é necessário
189 surpreende-los às vezes. Volto a dizer que nem sempre é fácil para alguns conteúdos, para
190 todos os conteúdos, nós irmos buscar atividades que...e às vezes depois nos surpreendemos
191 pois planeamos atividades espetaculares, porque achamos que são extraordinárias atividades
192 lúdicas, jogos, e arranjamos e achamos que eles [os alunos] estão motivadíssimos e
193 participaram imenso. E, entretanto, se não houver consolidação desses conteúdos que
194 começámos por introduzi-los com esse tipo de atividades que achamos motivadoras...se não
195 fizermos aquela consolidação tradicional, perde-se. A maior parte...há um grupo de alunos
196 que não passou do lúdico, principalmente aquelas crianças com menos concentração não
197 conseguem dar o salto. E, por vezes, quando não há esse tempo para fazer essa consolidação,
198 vamos a avaliar e chegamos à conclusão que aquilo não ficou lá...que as aprendizagens não
199 foram feitas porque ficaram pelo jogo, pela aquela abordagem muito lúdica e que não
200 chegaram a perceber depois o objetivo.”.

201

202 **Entrevistadora (E):** E nessas situações como é que faz?

203

204 **Entrevistada 5 (E5):** “Nessas situações tem de se voltar ao início. Mas desta vez sem o lúdico.
205 Temos de recorrer ao tradicional como fichas, e repete-se inúmeras vezes...o que é muitas
206 vezes é necessário e acabou. Para algumas crianças não chega o lúdico, mas para outras...há
207 um grupo de crianças que talvez mais concentradas, que estão habituadas a pensar mais, que

208 têm mais facilidade de estabelecer ligações, só o jogo chega porque eles [os alunos] chegam
209 lá e conseguem perceber a finalidade, mas há outro que não que ficam só pelo jogo. Talvez
210 por falta de maturidade. Nós [os professores] temos crianças bastante imaturas. Pelo menos
211 no 1.º Ano [do 1.ºCiclo do Ensino Básico]. Talvez um dia mais tarde lá cheguem, mas agora
212 não.”.

213

214 **Entrevistadora (E):** E relativamente aos alunos que têm Necessidades Educativas Especiais,
215 acaba por ser mais complicado. Não sei se este ano tem alunos com Necessidades Educativas
216 Especiais, mas talvez no passado tenha tido. Mas como é que é trabalhar com alunos com
217 Necessidades Educativas Especiais? Como é faz para os motivar para aprender? Eu pergunto
218 isto no sentido de...o aluno quando sabe que tem dificuldades de aprendizagem, sabe que
219 têm algo que a restante turma onde está inserido tem. Das duas uma ou acaba por se
220 aproveitar da situação em que se encontra “eu sou o coitadinho, eu não sei nada, vão me
221 deixar estar” e acaba por se sentir inferior ou então tem a ajuda da turma uma vez que é
222 trabalhado em sala de aula...

223

224 **Entrevistada 5 (E5):** “Para já têm de ter muita ajuda do grupo. O grupo tem de a compreender
225 e por isso têm de ter muita ajuda. Portanto, tem de estar bem inserida no grupo e, isso faz
226 toda a diferença. E nós [os professores] temos de ter em atenção as perguntas que fazemos,
227 a situação em que a colocamos. Nós sabemos que não podemos dar-lhe tarefas em que o
228 aluno não consiga executar ou que se sinta frustrado. Esses alunos têm de ter uma retaguarda
229 muito forte. Não é só a aula ou o apoio que é dado aqui em sala de aula que é muito pouco.
230 Nós [os professores] com um grupo, dependendo do número, mas mesmo que não seja muito
231 grande o grupo, dificilmente conseguimos superar as dificuldades ou suprimir ou minimizar as
232 dificuldades dessa criança. Tem de ter muito apoio fora da sala de aula, mesmo que fora ou
233 dentro, pois eu já tive crianças que eram apoiadas pelas professoras de Ensino Especial dentro
234 da sala de aula. Havia outra professora dentro da sala de aula a apoiá-la. Mas têm que ter esse
235 apoio. Não é só a professora pois isso é para esquecer. Uma criança com Necessidades
236 Educativas Especiais esperar que seja a professora da turma que consiga fazer algo...pode

237 ajudar muito, mas essa criança tem que ter o apoio individual que a professora não lhe pode
238 dar.”.

239

240 **Entrevistadora (E): Claro. Relativamente à relação professor-aluno, considera que esta**
241 **relação tem influência na motivação do processo de aprendizagem?**

242

243 **Entrevistada 5 (E5):** “Influencia, pois claro. A relação tem de ser boa. O professor tem de se
244 relacionar bem com os alunos. Portanto, à partida tem que haver, mas agora o que é ter uma
245 boa relação com as crianças? É preciso saber o que é ter uma boa relação com elas? O que é
246 isso? Também há que perguntar isso?”.

247

248 **Entrevistadora (E): E o que é para si, ter uma boa relação com as crianças?**

249

250 **Entrevistada 5 (E5):** “Se é deixar fazer o que elas querem, se é ser exigente, se é ser carinhosa,
251 se é...eu acho que é um bocadinho de tudo o que é necessário para as motivar. Se uma criança
252 for contrariada para a sala de aula, se tiver medo da professora ou se não estiver à vontade
253 com a professora dificilmente a aprendizagem será boa ou pelo menos será mais complicada.
254 Portanto, terá que haver uma certa confiança da parte da criança para com a professora, o à
255 vontade não é à vontadezinha, mas que possa exprimir-se, não tenha receio-os. Eu acho que é
256 essencial.”.

257

258 **Entrevistadora (E): E qual é a sua perceção quanto ao papel dos pais na motivação dos seus**
259 **filhos ao longo da sua aprendizagem?**

260

261 **Entrevistada 5 (E5):** “Pois, nós temos alguns pais que felizmente motivam os seus filhos para
262 aprendizagem, mas infelizmente não são todos. Alguns pais ainda acham que o 1.º Ciclo [do
263 Ensino Básico] principalmente nos primeiros anos, mais precisamente no 1.º Ano [1.º ciclo do
264 Ensino Básico] que eles [os alunos] ainda são muito pequeninos e não contribuem muito para
265 essa motivação. Os pais acham que ele vai para a escola para aprender, mas ainda é
266 pequenino. Portanto, o ser pequenino, o não exigir muito, o terem uma desculpa sempre para

qualquer coisa que se passe, isso acaba por não ser motivante. Isso, aliás acaba por não motivar a criança pois a criança vai pensar “se eu não fizer hoje, faço amanhã porque o meu pai até vai falar com a professora e dizer afinal não tive tempo...”. Portanto, há necessidade que o pai e a mãe também expliquem em casa a importância da escola e o motivar para isso. Portanto, o levarem a criança a passear, a conhecer, a ter sede de conhecimento e às vezes isso não acontece. Às vezes é muito pequenito e nem se fala com ele porque se tem receio de ter determinadas conversas à frente da criança. Portanto, resguarda-se muito a criança e daí muito dificilmente estará motivada para a escola porque vive numa bolha digamos assim. É difícil quando se a criança está tão protegida e não considero que haja motivação neste caso. As crianças vão menos motivadas para a escola.”.

Entrevistadora (E): Então acha que nessas situações os pais considerem a escola como uma ocupação de tempos livres?

Entrevistada 5 (E5): “Por vezes é...e que vão aprendendo alguma coisita, mas ainda é muito cedo, eles têm tempo ao longo da vida em ir aprendendo, mas é devagar devagarinho.”.

Entrevistadora (E): Mas verifica isso atualmente ou...

Entrevistada 5 (E5) [interrompe]: “Verifico isso mais nos dias de hoje, sim. O que é estranho porque atualmente os pais têm cursos superiores e à partida já foram alunos, já tiveram as suas aprendizagens e com os filhos parecem querer resguardar-se dessas aprendizagens, dessa evolução. Por vezes, eu não percebo e acho estranho que os pais não queiram que os filhos vão num ritmo mais acelerado. Por isso, é que não percebo [risos]. À partida devia ser diferente, deveriam querer mais para os filhos e não deviam protege-los tanto. Quando eu digo proteger é porque eles devem ter receio que os filhos cresçam. É um pouco isso...”.

297

BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS

298

299 **Entrevistadora (E):** Mais uma vez quero agradecer a sua participação que foi fundamental
300 para a realização do estudo em questão.

301

302 **Entrevistada 5 (E5):** “De nada e boa sorte.”.

ANEXO VIII

Transcrição da Entrevista (6)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (6)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Privado

Duração da Entrevista: 24 min. 39 s.

Legenda	
Entrevistadora (E)	Entrevistada 6 (E6)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Bom dia, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito por várias vezes, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista decorreu numa das salas de aula do 1.ºAno enquanto a sua turma se encontrava em aula de dança com a professora especializada na área, no auditório. Durante esta entrevista tanto a Entrevistadora como a Entrevistada 6 estiveram sentadas numa ilha de mesas dos alunos. A Entrevistada 6, enquanto falava mexia as mãos e por vezes sorria. As suas respostas eram curtas e diretas. No decorrer desta entrevista existia um barulho de fundo uma vez que as janelas da sala dão para o recreio do Pré-Escolar. A Entrevistada 6 é a professora coordenadora do 1.ºciclo do estabelecimento de ensino onde trabalha.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Antes de falarmos do tema propriamente dito, gostaria de saber um pouco mais sobre si. Pelo que sei é professora de 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. Há quanto tempo tirou o curso e onde é que o tirou?

Entrevistada 6 (E6): “Eu já estou a trabalhar há cinco anos e por isso terminei o meu curso precisamente há cinco anos. Comecei por tirar a Licenciatura em Educação Básica e posteriormente, tirei o Mestrado de Ensino do 1.º e 2.ºCiclo de Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Lisboa.”.

Entrevistadora (E): Então, quer dizer que tirou o curso e começou logo a trabalhar na área?

Entrevistada 6 (E6): “Sim. Tive muita sorte porque quando eu apresentei a minha tese já tinha enviado imensos currículos e fui chamada para trabalhar neste colégio. Quanto entrei para este colégio, comecei com uma turma de 1.º Ano [do 1.ºCiclo do Ensino Básico] e acompanhei-os durante os quatro anos. Entretanto fiquei efetiva e voltei a estar com uma turma de 1.ºAno [do 1.ºCiclo do Ensino Básico].”.

Entrevistadora (E): E desde que terminou o curso e começou a trabalhar frequentou alguma formação contínua? [a Entrevistadora tosse].

Entrevistada 6 (E6): “Nós [os professores] fazemos formações todos os anos. A grande maioria das formações é sugerida pelo colégio. Por exemplo, quando eu comecei a trabalhar houve a alteração das Metas Curriculares e Programas, como é que se dava aulas, qual seria o documento orientador para..., havia dois, mas eles chocavam em determinados conteúdos uns com os outros. E, entretanto, fiz várias formações de forma a esclarecer todas essas questões. No entanto, daquele tipo de formações que têm de ser feitas constantemente uma vez que estão sempre a mudar as coisas. Nesta profissão, sempre que um documento orientador muda ou apresentam-te outro, tens que estar a par das alteações que foram dadas

porque depois todos os anos vão ser diferentes. O que tem acontecido é...eu só dei estes cinco [refere-se aos anos de trabalho em que já teve a trabalhar] mas as minhas colegas sempre que vão dar um primeiro ano já não tem nada haver com o primeiro ano anterior, nos diferentes conteúdos das diferentes disciplinas. E tens de estar sempre em formação.”.

Entrevistadora (E): E depois as formações que teve, estas estavam relacionadas com a sua área de interesse?

Entrevistada 6 (E6): “Não, são áreas das quais preciso para trabalhar. Mas nenhuma destas formações que fiz foi pelo meu interesse. Algumas sugeridas pelo colégio revelaram ser bastante interessantes pois como é um colégio com base na arte, tivemos algumas formações sobre o ensino através da arte e que foi muito útil trabalhar com este projeto educativo e que provavelmente se eu trabalhasse no ensino público e fosse forçada a encarregar-me das disciplinas de Expressão Plástica, Expressão Dramática...aqui temos profissionais especializadas nessas áreas que nos ajudammas no público tem de ser o professor titular de sala a lecionar essas áreas. Essas formações são uma mais valia muito grande acabaram por se tornar interessantes, mas não foram escolhidas por serem do seu interesse.”.

Entrevistadora (E): Então quais são as suas áreas de interesse?

Entrevistada 6 (E6): “As minhas de interesse? [fica pensativa]. Eu interesso-me muito pelas competências sociais dos alunos. E é uma das coisas que eu trabalho muito na minha sala de aula. Também tem me acontecido de em todas as turmas que tive de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais, no foro psicológico. Portanto, não tem só a ver com as dificuldades de aprendizagem, tem a ver com as dificuldades de socialização, de compreensão de regras básicas da vida, da escola, da sala de aula. E todos os anos, tenho por hábito trabalhar as competências sociais dos meus alunos porque depois no meu entender isso ajuda-os, torna-os melhores seres humanos, espero eu. Mas isso ajuda na dinâmica de sala de aula, o respeito pelo outro, a interajuda, o trabalho em conjunto pois “as minhas dificuldades não são as mesmas que o outro, mas ele também tem dificuldades em eu o posso ajudar”.

Portanto, todo este trabalho em sala de aula, no meu entender é tão importante como a Matemática, o Português e o Estudo do Meio. E aí, é a minha área de interesse em que perco muito tempo, mas não é perder tempo em sala de aula com estas conversas, com conselhos de turma, diários de turma, problemas dos alunos, problemas da escola...dedico muito tempo semana a estas questões.”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando do tema que me levou a fazer esta entrevista, uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistada 6 (E6): “Eu tenho aqui duas perspetivas em relação à motivação. Estar motivado para aprender é estar interessado, é o querer aprender. Eu acho que o querer aprender e o estar interessado tem haver com a confiança. Eu acho que há alunos que não tendo confiança, achando que não conseguem, torna-se difícil estarem interessados e motivados para a aprendizagem porque se apresentarmos alguma coisa que eles não conseguem fazer de todo, acham que não são capazes, muitos deles nem tentam pois dizem logo que não são capazes. Assim é difícil de estarem motivados pois acham que é demais para eles que eles não conseguem “aquele consegue e teve muito bom e eu tive um suficiente” e a partir daí desmotiva. A desmotivação vem daí e, portanto, está a perder o interesse em aprender. E eu trabalho muito as questões de confiança. Este ano até tenho uma turma com muitos desses problemas, que são alunos que têm pouco confiança nas suas capacidades. Uma das coisas que eu lhes digo logo é que ninguém é perfeito, os professores não são perfeitos, os adultos não são perfeitos. Portanto, é um segredo que eu conto aos meus alunos, que os adultos não sabem tudo. Às vezes as crianças têm o ideal de perfeição que parece inatingível. Portanto, a desmotivação vem daí. E depois tens, por outro lado, o excesso de confiança que é aquele aluno que acha que sabe tudo e nada daquilo que tu lhe estás a apresentar é uma mais-valia porque o pai e a mãe dizem-lhe que ele é muito bom e é muito fantástico e tu queres mostrar-lhe outro caminho mas na cabeça dele o caminho que ele aprendeu há dois ou três anos atrás

119 porque aprendeu com o tio, com o pai, com o avô, ele [o aluno] já sabe aquilo e portanto não
120 tem de aprender outros porque aquele é muito fácil. Esses alunos desmotivam porque acham
121 que não têm mais nada para aprender, já são muito bons. Eu acho que é por aí.”.

122

123 **Entrevistadora (E): Então e com todas essas situações como é que faz para motivar os alunos**
124 **tendo ou não essa confiança?**

125

126 **Entrevistada 6 (E6):** “Isso tem a ver com cada aluno. Tens de arranjar estratégias diferentes
127 para cada aluno. E aí parte da forma como tu te relacionas com os teus alunos. Para mim, é
128 muito importante criar uma boa relação com cada um deles. Todos os dias criar uma situação
129 com cada um deles de maneira a que eles confiem em mim e naquilo que lhes vou dizer. Para
130 quando chegar a hora de dizer “tiveste suficiente, mas o outro suficiente foi muito baixinho”
131 ou “ontem, deste dez erros hoje já deste oito, oito é melhor que dez” e ele [o aluno] tem de
132 acreditar em mim, naquilo que lhe estou a dizer e tem de fazer sentido para ele “não deste
133 zero, mas um dia vais dar zero erros” e, portanto, puxar por esses alunos e que cada passinho
134 que eles dão devem ser valorizados. Por outro lado, os alunos com excesso de confiança, é
135 sempre difícil trabalhar esta questão, primeiro não lhes vais dizer que eles não sabem tudo e
136 mandá-los abaixo a confiança deles, não é nada disso aquilo que tu queres. Esses é mais difícil
137 pois tens de mostrar de forma muito original algo diferente ou que ele não sabia sobre um
138 assunto que ele achasse que já sabia tudo. A partir daí, abres uma janelinha que é do seu
139 interesse e ele [o aluno] percebe que não sabia tudo e que há mais para explorar sobre aquele
140 assunto. E usar muitas vezes as capacidades deles para ajudar os outros. Se a questão do
141 trabalho em equipa entre alunos, entre turmas for bem trabalhada, esses alunos com excesso
142 de confiança vão ajudar os alunos com falta de confiança e assim verificar que há uma
143 realidade diferente da deles e às tantas ele [o aluno] está a festejar a vitória do outro porque
144 esteve a trabalhar com ele “se este teu colega dá muitos erros e tu não dás nenhum, então
145 vamos fazer um ditado a pares, vamos treinar ditado e vamos fazer no final do dia”, o não dá
146 erros nunca dá mas o que costuma dar dá menos e às tantas a vitória daquele já é dos dois. E
147 assim crias uma relação entre pares e ao mesmo tempo uma motivação para fazer qualquer
148 coisa. Eu acho que a relação entre colegas, a relação entre alunos é muito importante bem

149 como a relação professor-aluno pois eles têm de acreditar em ti e quando lhes fazes um elogio
150 tem de ser sincero e lhes encher o ego.”.

151

152 **Entrevistadora (E): E em termos de áreas curriculares? Existem vários conteúdos uns que**
153 **são mais fáceis de trabalhar do que outros. Como é que faz para trabalhar esses conteúdos?**
154 **Pois não basta apenas uma secretária, um quadro, uma folha e...**

155

156 **Entrevistada 6 (E6) [interrompe]:** “É assim tu podes ter muitos materiais que facilitam esse
157 trabalho. Se todas as tuas estratégias forem diferentes a cada aula que tu dás, os alunos vão
158 estar sempre entusiasmados porque vão sempre ver uma coisa nova. Mas a questão da
159 motivação que é um dos teus trabalhos, eu tenho uma opinião muito própria. As pessoas não
160 passam a vida entusiasmadas ou motivadas. Ninguém é motivado a 100% todos os dias a todas
161 as horas. E às vezes as pessoas acham que as pessoas têm de fazer isto pelas crianças, é estar
162 constantemente a motivá-las, estar-lhes constantemente a lacer-lhes desafios, a criança tem
163 de estar constantemente estímulos. Mas isso não acontece no nosso dia-a-dia. Ninguém no
164 seu dia-a-dia está motivado a toda a hora. Tens projetos que te motivam, tens dias que te
165 motivas, tens semanas, tens meses, mas é muito difícil, acabar por te deixar exausta. Se tu
166 tiveres constantemente motivada ficas exausta e é o que acontece com estas crianças é isso.
167 Se tu deres um brinquedo a uma criança, ela brinca durante dez minutos, desmotivou, perdeu
168 o interesse naquele brinquedo e vai buscar um ainda melhor e dás-lhe outro. Passado dois ou
169 três dias a criança perde novamente o interesse pois “aquele afinal não é assim tão giro e
170 quero outro”. E isto é o que as pessoas tentam fazer na escola, constantemente a lançar
171 estímulos às crianças para que elas se tornem motivadas. O que muitas vezes não é preciso.
172 Basta tu falares de outra forma. Basta tu mostrares que tu estás com interesse. Eu tenho aulas
173 bastante interessantes com os meus alunos porque sou eu, eles e um tema. Tens é que tornar
174 aquele tema, aquela aula interessante, tens de falar nele como também acreditasses que
175 fosse extremamente interessante. Tens de dar aquela aula como se fosse a última aula da tua
176 vida. Por isso tens de estar super entusiasmada pois a forma como tu colocas a voz, expressas-
177 te através do corpo, tudo isso vai chamar a atenção dos alunos. inclusive tens grandes Power
178 Points, grandes cartazes, grandes jogos entre outros grandes materiais e tu e os teus alunos

179 numa conversa agradável em que estão a falar de um tema que lhes desperta a curiosidade.
180 E eu acredito que a diversificação de materiais é importante, a diversificação de estratégias é
181 importante, mas também acredito que não devem estar se a lançar constantemente
182 estímulos às crianças para que elas estejam interessadas ou motivadas. Se os professores se
183 mostrarem motivados e se conseguirem chegarem a eles [os alunos]...claro que tu não vais
184 falar com crianças de sete anos o mesmo tema com crianças de dez anos pois vai variar
185 sempre, vais variar nos materiais. Mas a questão de termos de estar a lançar estímulos às
186 crianças para que elas aprendam não há essa necessidade em sala de aula. É a minha opinião
187 e vale o que vale.”.

188

189 **Entrevistadora (E):** E quando é que sente que os alunos estão mais motivados nas suas
190 aulas? Como disse e bem e até concordo, há alturas em que eles estão mais motivados que
191 outras pois também tem a ver com a forma como trabalhamos os diferentes conteúdos.

192

193 **Entrevistada 6 (E6):** “Isso pode depender do grupo de turma. Mas acho que se a conversa e o
194 tema forem agradáveis os alunos gostam de conversar, de dar a opinião deles, de contar a
195 história do tio, do irmão, da avó deles. Tu, às vezes, comes uma aula em que só queres
196 dedicar 10/15 minutos para depois avançares para o manual ou para uma ficha e se tu
197 permitires terás uma turma de alunos a falar durante uma hora de carros, que passa para
198 motos, depois para aviões, barcos e afins. Mas também acho que tem a ver com a geração de
199 hoje em dia em que não há tempo para conversar com as crianças. É tudo muito rápido. Não
200 há. Posso estar a ser injusta, mas não acontece em muitas famílias em que o pai e o filho ou a
201 mãe, o pai e o filho sentarem-se à mesa durante uma hora a falar sobre o que aconteceu ou
202 não aconteceu. Hoje em dia, é tudo muito rápido, toma banho, põe o pijama, janta e dorme.
203 Portanto, os momentos que hoje em dia as crianças têm com as suas famílias são momentos
204 curtos mesmo que seja uma brincadeira, uma brincadeira com brinquedo. A conversa é
205 bastante importante, mas nem sempre existe de uma forma despreocupada. O momento em
206 que eu noto que as minhas crianças estão mais entusiasmadas é quando podem falar à
207 vontade, quando elas vão apresentar coisas que trazer de casa. No entanto, há exceções pois
208 há crianças que nestas alturas estão caladas.”.

209 **Entrevistadora (E):** E em que áreas curriculares é que sente que eles estão mais motivados?

210

211 **Entrevistada 6 (E6):** “O Estudo do Meio é a área pelo qual demonstram mais interesse pois
212 são aulas mais dinâmicas. Nesta área falamos do mundo, falamos das ciências, da história,
213 falamos da cultura geral e é aí onde dedicamos mais tempo à conversa. Matemática é muito
214 prática, é preciso exercitar para adquirir e consolidar. O Português é a mesma coisa, sobretudo
215 nesta fase do primeiro ano não é. Tem a ver com muita aplicação.”.

216

217 **Entrevistadora (E):** Ainda há pouco falou da relação professor-aluno que é importante para
218 aprendizagem. Até que ponto é que esta relação influencia a motivação ao longo da
219 aprendizagem?

220

221 **Entrevistada 6 (E6):** “Esta é a minha opinião pois já falaste com várias professoras e vais ter
222 várias opiniões. Para mim, é meio caminho andado. Tive alunos muito complicados que
223 evoluíram na sua aprendizagem porque dedicaram vários momentos só para me fazer a
224 vontade. Não lhes apetecia assim tanto, “mas vá lá, tu consegues, eu sei que tu consegues.
225 Faz lá isso para a professora ficar contente contigo”. E ele [o aluno] faz. Resultou. Mas existem
226 várias maneiras de... “faz isso se não levas mais ou ficas sem recreio”. Tu podes aplicar
227 diferentes estratégias. Se uma das tuas estratégias for “faz lá isso para a professora ficar
228 contente contigo”, tu criaste uma relação com ele que te ajuda com que ele [o aluno] se
229 motivasse para fazer um determinado trabalho. E este é um dos caminhos que eu tomo em
230 relação aos meus alunos. Em primeiro lugar, criar uma boa relação com todos eles [os alunos]
231 para depois poder usar este trunfo com eles [os alunos] que resulta muito bem, sobretudo
232 num primeiro ano, pois a relação no segundo ano já está mais cimentada, num terceiro e no
233 quarto ano também. E, portanto, é importante continuar a fazer esse esforço. Mas acontece
234 com os recados positivos “hoje a não sei quantos trabalho muito bem cinco estrelas” e mandas
235 para os pais porque também mandas os maus. Então quando há um aluno que não costuma
236 trabalhar tão bem, fica todo contente porque levou um recado positivo. Por isso, se a relação
237 com os teus alunos correr bem, é meio caminho andando para que te façam a vontade e
238 experimentem, pois, às vezes eles não querem experimentar e se tu pedires e reforçares como

foi da outra vez e que até corre bem o aluno faz. Criares aqui uma situação, eu acho que funcionada. Mas claro que é importante estabelecer aqui um limite pois não deixa de ser uma relação que tu crias, não deixa de ser uma relação de professor-aluno. Quando um aluno não compreende que tu és a professora e ele é o aluno também tem de ser colocado no seu lugar pois eles [os alunos] são crianças e é normal que volta e meia tentem esticar a corda e ver até onde é que podem ir. Desde que eu me conheço por professora, que eles me tratam por “B.” [pelo nome], alguns vão te tratar por professora pois quando passam dos cinco anos para o primeiro ano pensam “eu agora já tenho professora e não educadora”, mas eu tinha alunos do 4.º Ano [do Ensino Básico] que me tratavam pelo nome e não me importava minimamente. Eles [os alunos] têm é de saber que é a “B.” e qual é a sua função em sala de aula. A partir do momento em que isso está muito bem definido, nunca me faltaram ao respeito por me tratarem pelo nome. Portanto, há ali uma relação diferente que eu criei com cada um deles, mas que houve momento em que se teve de por um travão, houve momentos em que teve de se ter uma conversa séria. Há aqui um limite que tem de se ter.”.

Entrevistadora (E): Ainda há pouco falou no papel dos pais na aprendizagem dos alunos, principalmente a falar de conversa que existe entre pais e filhos. Como é que vê o papel dos pais ao longo da aprendizagem dos alunos?

Entrevistada 6 (E6): “Eu acho que o papel dos pais é essencial. Compreendo que na sociedade em que vivemos hoje em dia, os pais tenham os seus trabalhos, uns até se dedicam bastante às suas carreiras. Muitos dos avós desta geração são avós que ainda trabalham e também não têm como ficar com os netos. E isto é uma geração de alunos que entra na escola às sete da manhã e sai às sete e meia da noite a casa. Muitos dos alunos passam muito tempo na escola. E o que acho que acontece muito é que o tempo com os pais durante a semana é muito pouco porque são os banhos, são os trabalhos de casa, uma atividade ou outra que tenham e que fazem fora da escola, jantar, contar uma história e cama. No dia-a-dia não há muito tempo e às vezes no fim-de-semana não sei se prioridade dos pais é que os filhos estudem ou querem aproveitar para estar com eles a passear uma vez que não estão durante a semana. Existem pais muito dedicados à escola e que estudam com os filhos e isso traz benefícios e isso se vê

na evolução desses alunos. Há alunos que não precisam desse acompanhamento, que ainda conseguem a nível do primeiro ciclo evoluir e serem alunos de muito bom e sem o acompanhamento em casa. Mas há alunos que se fossem acompanhados em casa, não apresentavam metade das dificuldades que apresentam. Porque tu em sala de aula és só uma e tens vinte e um alunos contigo, tens vinte e um alunos diferentes, todos eles com dificuldades de aprendizagem diferentes e se em casa houver um reforço por parte dos pais ao longo do ano, quer nos trabalhos de casa como na preparação para os testes, eu acho que a criança só tem a ganhar. Por exemplo, agora no Santo António enviamos umas sardinhas para casa em que tinham de decorar a mesma para depois enfeitar a sala. Há quatro ou cinco alunos que não trouxeram. Os pais não lhe lhes apeteceu fazer e o aluno diz “a minha mãe não teve tempo para fazer”, mas vê a dos outros decoradas com massas, pintadas e afins, em que os pais são extremamente dedicados e o aluno sente-se mal pois fica numa posição complicada e às vezes os pais não pensam nisso.”.

Entrevistadora (E): Então considera que isso acaba por ser desmotivante para os alunos?

Entrevistada 6 (E6): “Claramente. Eu acho que sim porque às tantas acaba por se tornar um hábito e ser aquele que nunca faz. Mas também foi a mãe ou o pai que disse para não fazer. Portanto, a criança também entra naquele círculo, não é? E temos aqui muitos casos de alunos que nunca fazem os trabalhos de casa porque “a minha mãe disse que não era para fazer” e lá está é sempre o mesmo. E às tantas o aluno percebe e deixa-se estar. Os pais têm de perceber e respeitar qual é o nosso papel enquanto professores, escola e afins assim como nós devemos compreender a estrutura familiar de cada aluno e procurar um equilíbrio pois senão quem sofre, é a criança.”.

299

BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS

300

301 **Entrevistadora (E):** Mais uma vez quero agradecer a sua participação que foi fundamental
302 para a realização do estudo em questão.

303

304 **Entrevistada 6 (E6):** “De nada e boa sorte.”.

ANEXO IX

Transcrição da Entrevista (7)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (7)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Público

Duração da Entrevista: 17 min. 30 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 7 (E7)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista ocorreu numa das salas de professores da escola. A Entrevistadora 7 disponibilizou-se de imediato a colaborar neste estudo].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Mas antes falar propriamente do tema dito gostaria de saber um pouco sobre si. Sei que é professora de 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. Há quanto tempo é que tirou o curso e aonde é que o tirou?

Entrevistada (E7): “É assim, eu tirei o curso na Escola Superior de Educação Jean Piaget em Macedo de Cavaleiros e tenho formação no 1.º e 2.ºCiclo [do Ensino Básico] embora só tenha

trabalhado no 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. Trabalho há dezasseis anos [terminou o curso em 2001].”.

Entrevistadora (E): E trabalhou sempre na escola pública?

Entrevistadora (E7): “Sim, sempre trabalhei em escola pública.”.

Entrevistadora (E): Ao longo da sua carreira profissional fez alguma formação contínua?

Entrevistadora (E7): “Sim, já fiz várias formações na área da Matemática e na área das Expressões [Dramática e Plástica] mais precisamente.”.

Entrevistadora (E): E essas áreas estão relacionadas com a sua área de interesse ou foram surgindo por acaso e fez?

Entrevistadora (E7): “Foram formações que foram surgindo e que de alguma maneira me interessam.”.

Entrevistadora (E): E de todas as áreas curriculares que um professor leciona, quais são as que lhe mais despertam interesse?

Entrevistadora (E7): “Talvez mais a Matemática e o Português.”.

Entrevistadora (E): E por alguma razão em específica?

Entrevistadora (E7): “Eu acho que tem muito a ver com o meio em que eu trabalho. Ora nós [os professores] temos um currículo para dar e as crianças têm muita dificuldade em Português e daí nós querermos criar crianças autónomas pois precisam do Português para trabalhar as outras áreas daí nós [os professores] aplicarmos muito tempo nessas áreas. É também quase uma obrigação e daí eu dedicar mais tempo a essas áreas [refere-se ao

Português e à Matemática] e as outras áreas acabam por ficar um pouco mais de lado, especialmente no primeiro e segundo ano.”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando propriamente do tema em si e uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistadora (E7): “Motivar? Hm...motivar passa por muita coisa. Motivar passa pelo próprio discurso do professor pois se eu falar para a turma de uma forma simpática, estou a motivá-los. A minha própria expressividade pode motivar ou desmotivar uma turma. Eu parto muito daí. E mesmo que eu sinta que não é muito fácil passar a mensagem a forma como eu a passo, aquilo que eu transmito para motivar. Por exemplo, através de experiências levar os alunos a...ainda hoje acontece em sala fazer duas experiências na área da Matemática com volumes e claro que motiva, não é? Por vezes, eu volto a falar no mesmo, o facto de o currículo ser muito extenso e especialmente no meio onde trabalho, isso não permite que isso aconteça muitas vezes ou tantas vezes como eu acho que é importante fazê-lo.”.

Entrevistadora (E): Mas considera que é importante motivar os alunos?

Entrevistadora (E7): “Exatamente. Eu acho que é essencial motivar os alunos para aprendizagem.”.

Entrevistadora (E): E de que forma é que vê que os seus alunos estão motivados para aprender?

Entrevistadora (E7): “Eu acho que a forma como eles [os alunos] participam em sala de aula pois nota-se mais quando as crianças participam mais pois levantam mais vezes o braço, mesmo que não seja para dar a resposta correta, não é? Isso demonstra interesse. Voltando

87 a falar e vou falar várias vezes, o meio onde eu trabalho, as crianças virem mais assiduamente
88 à escola, isso também demonstra interesse da parte delas pela escola.”.

89
90 **Entrevistadora (E): Mas dos alunos que faltam constantemente à escola é por eles não**
91 **quererem vir?**

92
93 **Entrevistadora (E7):** “Eu acho que aqui e nestes casos não tem só a ver com o fator escola,
94 mas tem muito a ver aqui com o fato casa. Os próprios pais não valorizam a escola...não
95 podemos estar só a levar para um lado que... [a Entrevistadora interrompe dizendo “Claro.!”]
96 o fato família aqui também é importante, não é? [a Entrevistadora interrompe dizendo “Sem
97 dúvida.!”] Se os pais não valorizam a escola e muitos deles aqui não a valorizam e se a criança
98 está motivada, mas falta três ou quatro dias à escola, aí não podemos fazer muito, quer dizer
99 nós falamos com as famílias, mas não é fácil...”.

100
101 **Entrevistadora (E): Uma vez que se refere às famílias e apesar de ir colocar esta questão**
102 **mais à frente, considera que os pais, principalmente os pais têm um papel fundamental na**
103 **motivação dos seus filhos em aprender?**

104
105 **Entrevistadora (E7):** “Efetivamente que sim. E eu ao longo destes anos que trabalho aqui,
106 houve uma altura que as coisas pareciam melhorar nesse sentido, mas curiosamente nestes
107 últimos dois três anos tem se invertido. Quando abordamos os pais sobre isso, eles parecem
108 que percebem, mas depois acabam por contrariar isso talvez na forma como transmitem às
109 crianças o valor da escola.”.

110
111 **Entrevistadora (E): Mas isso não tem a ver com o meio em que eles próprios estão inseridos?**

112
113 **Entrevistadora (E7):** “Sim, também. Aqui o meio influencia muito essa motivação, não é?”.

115 **Entrevistadora (E):** E ao longo das áreas curriculares que vai lecionando, quais são as áreas
116 em que os alunos demonstram mais interesses, pois há uns que podem gostar de Português
117 ou de Matemática ou de...

118
119 **Entrevistadora (E7):** “É assim, eu não sinto muita diferença, confesso. Eu estou agora a olhar
120 para turma que tenho que é uma turma de 2.ºAno de Escolaridade [do 1.ºCiclo do Ensino
121 Básico] ... é assim não lhe sei dizer pois dentro das áreas eles [os alunos] demonstram-se
122 motivados.”.

123
124 **Entrevistadora (E):** Eu pergunto isto também porque muitas vezes ouvi e já vi acontecer e
125 ainda hoje acontece ser papel, quadro e secretária. Percebe onde eu quero chegar? E como
126 ainda há pouco disse tem de se cumprir à risca com o programa e isso é mais difícil, não é?

127
128 **Entrevistadora (E7):** “Desde que houve a alteração do currículo e na minha perspetiva
129 enquanto docente daquilo que foi mudado fez completamente sentido. Por exemplo, o 2.º
130 Ano [do 1.ºciclo do Ensino Básico] era um ano muito monótono e era preciso mexer no
131 currículo do Português e da Matemática e muito bem. A questão aqui é que o currículo é muito
132 extenso e não dá para muitas vezes recorrermos a outras coisas, não dá. As crianças aqui do
133 meio são muito lentas a trabalhar e não dá para fazer outras atividades ou até fora de sala de
134 aula porque só o facto de os manter em fila e sair da sala, percebe? O tempo não estica.”.

135
136 **Entrevistadora (E):** Mas e em termos de estratégias já percebi que tenta diversificar...

137
138 **Entrevistadora (E7) [interrompe]:** “Dentro do que é possível.”.

139
140 **Entrevistadora (E):** E dentro do que é possível, o que é que faz?

141
142 **Entrevistadora (E7):** “Depende das áreas. Sempre que possível fazer uma experiência, quando
143 é possível vir aqui à horta vir algumas vezes, não tantas quanto devíamos. Se estamos em
144 Estudo do Meio vir aqui à horta para eles contactarem e verem...atividades do exterior, mas

145 é como eu lhe digo. Então este ano, é claro que se nota então num 2.ºAno [do 1.ºCiclo do
146 Ensino Básico] com Provas de Aferição, é claro que se nota que eu fiz menos algumas coisas
147 que mesmo assim é tudo trabalhado à justa.”.

148
149 **Entrevistadora (E): Também tem muito a ver com os alunos que têm?**

150
151 **Entrevistadora (E7):** “Com os alunos e com a escola em si também.” [abana a cabeça
152 enquanto fala]. “É um trabalho que acaba por ser diferente de escola para escola e neste caso
153 a minha realidade por vezes não me permite...”.

154
155 **Entrevistadora (E):** E agora uma curiosidade que tive. Não sei se na sua turma existem alunos
156 com Necessidades Educativas Especiais ou se já teve, mas como é que faz para motivar esses
157 alunos em querer aprender? Isto porque muitas das vezes as crianças percebem que têm
158 algum problema, ou seja, que têm dificuldades a comparar com os seus colegas e acabam
159 por se sentir inferiores e aproveitam-se muitas vezes dessa situação ou então os próprios
160 colegas também aproveitam aquele colega ser dessa maneira, ser diferente, ter dificuldades
161 de aprendizagem...como é que faz para conseguir chegar a esses alunos?

162
163 **Entrevistadora (E7):** “É assim, nós [os professores] na escola onde eu trabalho temos sempre
164 em média quando acabamos o 4.º Ano [do 1.ºCiclo do Ensino Básico] termos quatro ou cinco
165 alunos com Necessidades Educativas Especiais por sala de aula. E há aqui colegas com seis ou
166 sete alunos com N. E. E. [Necessidades Educativas Especiais] na turma. As nossas turmas são
167 muito diferentes pois temos vários grupos em sala de aula. E por vezes nós [os professores]
168 não nos conseguimos desdobrar. Eu neste momento, por exemplo eu tenho quatro alunos
169 que não conseguiram aprender a ler no 1.º Ano [do 1.ºCiclo do Ensino Básico]. No 2.º Ano [do
170 1.ºCiclo do Ensino Básico] mudei de estratégia, comecei com o método de trabalho diferente,
171 mais no Português para criar autonomia porque uma criança que chegue ao 2.º Ano [do
172 1.ºCiclo do Ensino Básico] que vê os outros colegas a ler e eles não conseguem vai
173 desmotivação. Então peguei noutra tipo de trabalho, peguei no método de junta de palavras
174 para os quatro. Do pouco tempo que eu lhes pude dar, eu depois tenho os alunos que andam

mais ou menos, tenho outros com dificuldades e não temos Apoio Educativo [A. P.] na escola, que são alunos que não foram avaliados ainda e estão a ser avaliados no final do 2.º Ano [do 1.ºCiclo do Ensino Básico]. As famílias não os avaliam fora da escola, nós [os professores] mandamos avaliar, mas a escola não tem recursos para tal. Desses quatro alunos um deles está a querer a aprender a ler apesar de ficar aquém dos outros mas está a começar a despertar o interesse para ler, outro aluno que também para lá caminha, mas depois tenho dois alunos com extremas dificuldades de aprendizagem [D. A.]. Portanto, são muitos casos! E por mais que nós [os professores] queiramos, é muito complicado. E só quem está cá é que percebe! É assim, eu tenho colegas minhas que trabalham em outras escolas, com turmas de 26 alunos, em que um tem é um aluno N. E. E. e é uma realidade totalmente diferente. Com pais que ajudam, com pais que motivam. Nós [os professores] aqui temos muito entraves. E vamos fazendo o que podemos. É assim não deixo nenhum aluno de lado, mas não consigo chegar a todos como gostaria de chegar. Experimento coisas novas, vou experimentando, utilizo materiais lúdicos. Ah, ainda tenho na minha turma uma menina que vai hora e meia à minha sala por dia da Unidade Multideficiência cá da escola e que é uma menina totalmente dependente. Tenho de lhe marcar trabalho totalmente diferente e é uma menina que tenho de estar sentada ao pé dela hora e meia por dia. Portanto, é muito complicado nós nos desdobrarmos, percebe?”.

Entrevistadora (E): E não há mesmo nenhum apoio?

Entrevistadora (E7): “É assim, esta menina é da Unidade Multideficiência e vai hora e meia por dia à sala. Ela está comigo sozinha e eu com todo e é uma inclusão feita. Quer dizer no meu entender, acaba por não ser uma inclusão porque é assim para ela estar bem eu estar ali ao pé dela, eu tenho outros miúdos que precisam da minha ajuda. E hora e meia é hora e meia diária, não é? Não é fácil gerir, mesmo que se tenha vontade de experimentar recorrendo a vários materiais...”.

203 **Entrevistadora (E):** E quanto à relação professor-aluno? Ainda há pouco falou se nós dermos
204 um sorriso, a forma como falamos...essa relação professor-alunos pode influenciar a
205 motivação do aluno?

206

207 **Entrevistadora (E7):** “Eu acho que é essencial! Para mim é essencial. Eu com a minha
208 experiência e que me ajudo e ainda para mais no meio social onde eu trabalho em que existem
209 crianças muito carentes, é essencial haver uma boa ligação. Mesmo no fim da aula chamar a
210 criança para falar “tu consegues...” e ainda hoje aconteceu isso com um aluno! Ainda para
211 mais são famílias com problemas em casa que nos vão chegando e que por vezes são graves
212 e nós [os professores] sabemos que aquele comportamento tem motivo e chamar, mas não
213 é ralhar, mas sim tentar perceber o que se passa e dizer que é capaz, que vai conseguir e que
214 confio nele [no aluno] ... sempre com um discurso de motivação...há aqui crianças têm uma
215 autoestima muito baixa e é preciso motivar de alguma maneira, não é?”.

216

217 **BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS**

218

219 **Entrevistadora (E):** Quero agradecer mais uma vez a sua participação para a realização deste
220 estudo.

221

222 **Entrevistadora (E7):** “De nada e espero que tenho ajudado.”.

223

224 **Entrevistadora (E):** Claro que sim, obrigada.

ANEXO X

Transcrição da Entrevista (8)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (8)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Público

Duração da Entrevista: 26 min.33 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 8 (E8)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito no outro dia, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista ocorreu num dos corredores da escola. Este local foi escolhido pelo Entrevistado 8 e devido ao local em si, havia um barulho de fundo bem como esta entrevista fora por vezes interrompidas.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Antes de falar do tema propriamente dito, gostaria de saber um pouco mais sobre si. Sei que é professor do 1.ºCiclo [do Ensino Básico], já tirou há quanto tempo o curso?

Entrevistada (E8): “Ora bem... [fica pensativo] eu acabei o curso em 2005 [terminou o curso há doze anos].”.

Entrevistadora (E): E esse curso que tirou é um curso pré-Bolonha correto? Qual foi a sua duração?

Entrevistada (E8): “Correto, é curso pré-Bolonha que teve a duração de quatro anos com meio ano de trabalho final de curso. Portanto, foram quatro anos e meio.”

Entrevistadora (E): E desde que terminou o curso chegou a exercer enquanto professor de 1.ºCiclo [do Ensino Básico]?

Entrevistada (E8): “Sim, cheguei a exercer como professor 1.ºCiclo [do Ensino Básico] em Alcochete, no Alto dos Moinhos, no Catujal...”

Entrevistadora (E) [interrompe]: Mas sempre em escolas públicas ou também em escolas privadas?

Entrevistada (E8): “Estive a trabalhar nos dois sítios.”

Entrevistadora (E): E já agora uma curiosidade pois é das poucas pessoas que eu conheço que já trabalhou nos dois tipos de ensino e dos dois, qual é que prefere?

Entrevistada (E8): “É assim, há uma coisa que no ensino particular que nós [os professores] não verificamos, ou seja, não verificamos como nesta escola o número de alunos que há aqui pois as turmas são muito mais controladas e o número de alunos é, por conseguinte mais controlado. São turmas menores. Se estivermos a falar de onde é que se consegue fazer melhor trabalho é no ensino privado pois consegue-se trabalhar com mais dignidade, consegue-se trabalhar com mais qualidade e consegue-se fazer outro tipo de coisas devido aos recursos que temos ao nosso dispor que nas escolas públicas é mais difícil fazer, não é?”

Entrevistadora (E): E desde que terminou o seu curso e começou a trabalhar tem feito formações continuas?

59

60 **Entrevistada (E8):** “Muitas formações mesmo.”.

61

62 **Entrevistadora (E):** E sempre na sua área de interesse?

63

64 **Entrevistada (E8):** “Sim, em Ciência Viva pois estou ligado à comunidade Scientist, tenho
65 formações regulares nos últimos quatro anos, no Oceanário. Sou formador. Tenho formação
66 em Pós-Graduação da Coordenação e Gestão da Atividade Formativa. Tenho uma formação
67 específica na área de Língua Gestual, na área do Ensino do Português para Estrangeiros, na
68 área de Escrita Criativa, entre outras formações.”.

69

70 **Entrevistadora (E):** Mas de tudo aquilo que já fez em termos de formação contínua e tudo
71 aquilo que já aplicou em contexto pedagógico e aquilo que acabou de me dizer, a sua área
72 de interesse é a área das Ciências?

73

74 **Entrevistada (E8):** “Não. Eu gosto muito de trabalhar a área da Ciência Viva, mas atualmente
75 aquilo que eu faço em concreto, faço Alfabetização da comunidade cigana, português para
76 estrangeiros A2, A1 e B1 e faço as Atividades Extracurriculares [A.E.C.’S] aqui. E nas férias vou
77 desenvolver aqui [nesta escola pública] um projeto de Ciência Viva com os alunos. A Ciência
78 não é a minha área de eleição, mas é uma área de que gosto muito. Gosto muito das
79 Necessidades Educativas Especiais [N.E.E]. Dou também formação de Língua Gestual no
80 Centro de Cursos Livres do I.S.C.T.E. [ISCTE - INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA]. O que
81 eu posso dizer é que eu não sou propriamente um professor que esteja a cada ano preocupado
82 em se vai haver ou não uma colocação, se vou ter uma turma ou uma escola específica. Não
83 fico muito preocupado com isso porque como falou na formação contínua, para mim é uma
84 ferramenta essencial para que nós [os professores] não estejamos presos a isto que é o
85 Concurso Nacional [refere-se ao concurso de professores] e perceber que “ah agora é
86 setembro e ainda não tenho colocação, se calhar só em dezembro, ou janeiro ou então já não
87 tenho” então fica-se sem trabalhar, sem exercer aquilo para qual nos formamos, aquilo para
88 o qual andamos a trabalhar e/ou estudar. Neste momento, foi o que eu fiz, arranjei essas

ferramentas de forma a não ficar preso a este contexto do Concurso Nacional [refere-se ao concurso de professores]. Acabo por estar ocupado, acabo por estar a fazer qualquer coisa que eu gosto e ao mesmo tempo aplico todos os meus conhecimentos.”

Entrevistadora (E): Então de todas as áreas que trabalha em contexto pedagógico acabam por todas elas serem fascinantes também devido aquilo que vai fazendo ao longo do tempo?

Entrevistada (E8): “Exatamente porque eu acho que um professor de 1.ºCiclo [do Ensino Básico] não pode...eu não compreendo hoje em dia a dinâmica da escola pois existe um professor para da Inglês, e um professor que vem dar A.E.C.’s de Expressões, não! O pré-Bolonha preparou os professores para isto, preparou os professores para darem Educação e Expressão Musical, Educação e Expressão Artística, Cidadania, Inglês ou Língua Estrangeira, preparou os professores para isto. Isto do Extracurricular, dos miúdos acabarem as aulas às quatro da tarde e depois ainda terem um tempo de sessenta minutos a seguir com as Expressões ou isto ou aquilo é pluriotopia, não funciona.”.

Entrevistadora (E): Acha que devia estar integrado no tempo letivo?

Entrevistada (E8): “Exatamente. Eu sei que alguns professores que desenvolvem as Atividades Extracurriculares têm a preocupação de fazer algum acompanhamento das atividades de expressões de forma a acompanhar o currículo de forma transversal, mas não são todos. Eu, no Ensino do Inglês, como trabalho com os alunos do 1.º e do 2.ºAno [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] que não dominam totalmente a escrita e a leitura ainda tento abordar o ensino desta língua de uma forma criativa em que possa fazer um acompanhamento daquilo que eles estão a dar na Língua Portuguesa. No estudo do Meio e por aí fora. É um bocadinho assim. Mas para mim o ensino tem de ser 100% cognitivo, empírico, eu sou adepto do Movimento da Escola Moderna [uma das metodologias de ensino que existe em Portugal]. E, portanto, o ensino tem de ser transversal, integrado. É assim que eu vejo a forma de ensinar e de estar no ensino”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando propriamente do tem em si e uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistada (E8): “Hmmm...é assim eu penso que a palavra aprender é algo que poderá estar...que nos acompanha ao longo de toda a vida. Claro que se nós, crianças, formos estimuladas a aprender, à descoberta o que eu acho que é isso motivar para aprender significa, motivar para a descoberta, por uma série de vias chegarmos ao conhecimento. Há uma série de ferramentas que podemos utilizar em contexto pedagógico quer em contexto mais informal na abordagem de matérias que os alunos vão se deparando com elas ao longo da vida...e eu acho que essa motivação para a descoberta tem de estar 100% num professor de 1.ºCiclo [do Ensino Básico], num Educador de Infância, é dali que vai obter essa aptidão pelo conhecimento. Aprender não é nada mais do que absorver conhecimento.”.

Entrevistadora (E): E como é que sente que os seus alunos estão motivados para aprender?

Entrevistada (E8): “Muitas vezes, eles [os alunos] não estão motivados para aprender. Esse é que é o nosso ponto de partida. Às vezes, é tentar perceber se eles [os alunos] estão ou não motivados para aprender, se eles estão ou não motivados e/ou interessados naquilo que é a transmissão do conhecimento, que é a nossa função, ou seja, transmitir o conhecimento de forma estruturada. E, muitas vezes, encontramos alunos que por e simplesmente não estão com disposição para e é necessário arranjar uma série de ferramentas, uma série de canais pelos quais nós possamos lá chegar. Isto são coisas que a nossa própria formação depois nos ensina no terreno a abordagem à escrita, à leitura e afins.”.

Entrevistadora (E): Ainda há pouco falou “numa série de ferramentas” para trabalhar com os alunos. Então que estratégias é que utiliza, para motivar os seus alunos?

148 **Entrevistada (E8):** “Leitura e escrita, se estamos a falar de um 1.º ano [do 1.ºCiclo do Ensino
149 **Básico],** muita literatura infanto-juvenil, trabalhar o vocabulário, portanto, para que a criança
150 possa ter uma língua estruturada e a partir daí ela está a habituar-se ao que é a interpretação.
151 E a partir do momento em que a criança consegue interpretar os factos, ela está a descobrir e
152 se isso lhe der prazer, ela vai continuar. Eu acho que o incentivo à leitura e à escrita é o
153 primeiro passo para o conhecimento. Se o aluno dominar aquilo que é a leitura e a escrita ele
154 vai dominar a maioria das coisas, a maioria das ferramentas, vai saber interpretar, vai saber
155 dar a sua opinião, vai saber dar o seu ponto de vista, vai saber discutir, vai saber dizer
156 concordar o discordar, vai manifestar os seus sentimentos e isso é ótimo. Isso para mim é o
157 que faz crescer enquanto criança. Estes são indicadores que devem estar desde a mais tenra
158 idade.”.

159

160 **Entrevistadora (E):** E então, quando trabalha de várias formas possíveis acha que basta só
161 apenas o papel, o quadro e uma secretária?

162

163 **Entrevistada (E8):** “Não de todo.”.

164

165 **Entrevistadora (E):** Falou ainda há pouco em trabalhar a literatura infantil porque acha que
166 é importante trabalhar nestas idades, mas não quer dizer que tenha de ser apenas o papel,
167 o quadro e uma secretária?

168

169 **Entrevistada (E8):** “Não. Quando estamos a falar disto, estamos a falar por exemplo “lá em
170 casa quando a mãe fizer a lista das compras, tu é que fazes a lista das compras e vais me trazer
171 escrito a lista das compras que a mãe fez no fim-de-semana” e se a mãe participar, perfeito.
172 Se a mãe disser “um quilo de arroz” ele vai escrever da maneira que quiser escrever pois não
173 interessa se ele tem poder caligráfico pi se ele desenha.”.

174

175 **Entrevistadora (E):** Falou nos pais, considera que estes têm papel fundamental e influencia
176 a motivação dos alunos na sua aprendizagem?

Entrevistada (E8): “Exatamente. Para mim é crucial, o seio familiar no desenvolver das competências de um aluno, de uma criança. E quando eu falo em competências, falo em competências socioeducativas. É essencial o papel das famílias e, quando eu falo, não falo de pais, mas sim de família pois há crianças que não estão com os pais e sim com outros membros da família.”.

Entrevistadora (E): Uma vez que já teve tanto no Ensino Público como no Ensino Privado, é notório a diferença do papel dos pais na motivação dos seus filhos?

Entrevistada (E8): “É notório.”.

Entrevistadora (E) [interrompe]: Há grandes diferenças!?

Entrevistada (E8): “Há grandes diferenças, mas no local onde nós tenhamos uma maior estrutura financeira, não propriamente teremos uma maior estrutura familiar. Decididamente, as pessoas onde eu estive, onde têm os seus filhos num colégio da Moita [colégio onde já trabalhou] não têm a mesma formação académica que as pessoas que têm os seus filhos na palhota do Pinhal Novo. Não têm mesmo. Mas o conceito familiar, os valores familiares estão mais vincados onde o dinheiro não abunda no que onde o dinheiro abunda. A diferença é esta, aqui nestas escolas T.E.I.P. [Territórios Educativos de Intervenção Prioritária] os pais nem sabem que podem cá vir falar com um professor, e se cá vierem nem sabem como expor um problema, se calhar não têm maneira de explicar ou de pedir ajuda para alguma coisa.”.

Entrevistadora (E): Desculpe estar a interromper, mas acha que mesmo que os pais soubessem disso, eles fariam alguma coisa, nestes contextos?

Entrevistada (E8): “Nestes contextos eu acho que deveria haver por parte das instituições que estão nestas zonas, uma preocupação início de cada ano, uma formação para que os pais pudessem saber tudo o que a escola tem para lhes oferecer. E muitas vezes essa informação

207 não chega. Até duvido que as famílias sejam estruturadas. Eu acho que isso também é um
208 fator. Quando estamos a falar de outras escolas no Ensino Privado, os pais pagam um
209 determinado valor e pensam que nos pagam o ordenado, a nós professores. Portanto, veem-
210 nos mais a nós [os professores] como uns empregados do que propriamente como agentes
211 educativos. E aí é que é a grande diferença. E aí é que é a grande diferença. Aí é que nós caímos
212 naquela situação em como é que aquelas pessoas com um grau académico mais elevado
213 conseguem ter esta perçetiva da escola. Portanto, a mim não foi algo que me tenha agradado
214 trabalhar no Ensino Privado. Não é uma diferença assim muito grande em termos daquilo que
215 se ganha. Trabalha-se mais, é mais exigente, há mais condições para se trabalhar, mas eu
216 prefiro este meio [referindo-se ao Ensino Público]. Estive dois anos na Madre de Deus, dois
217 anos nos Olivais e estou aqui há cinco anos [refere-se a esta escola pública]. Nestas escolas
218 dei apoio como também não dei.”.

219

220 **Entrevistadora (E): Falou ainda a pouco em apoio...associo isso às Necessidades Educativas**
221 **Especiais [N.E.E's]. Como é trabalhar com alunos com Necessidades Educativas Especiais**
222 **[N.E.E's] uma vez que é muito mais complicado motivar estes alunos para aprender, no meu**
223 **ver?**

224

225 **Entrevistada (E8):** “Pois. A escola pública não está preparada para receber estas crianças pois
226 temos faltas de recursos pois não temos psicólogos, terapeutas da fala, nós não temos toda
227 uma rede de agentes que deve de estar numa escola. Não é aparecerem. Não é o Ministério
228 [da Educação] mandá-los quando há um problema identificado, não é? Têm de fazer parte
229 integrante de um corpo de docente diariamente numa escola. Não pode haver 360 alunos
230 para uma psicóloga. Não pode haver não sei quantos alunos para um terapeuta da fala, isso
231 não pode existir.”.

232

233 **Entrevistadora (E): Então considera que nestes meios existe uma maior desmotivação**
234 **devido à falta de recursos?**

235

236 **Entrevistada (E8):** “Exatamente. Os pais já têm poucos recursos, já acreditam em pouca coisa.
237 Quando a escola apresenta aquilo que lhes apresenta, no lugar deles não teria muita
238 esperança.”.

239
240 **Entrevistadora (E):** Ainda há pouco não lhe coloquei esta questão, mas faça-a agora. No seu
241 ver quando é que os alunos demonstram mais interesse? Ou seja, quais são as áreas
242 curriculares que lhes despertam mais interesse, mais motivação?

243
244 **Entrevistada (E8):** “A Língua Portuguesa não é de certo uma área de eleição dos alunos, pelo
245 menos no 1.ºCiclo [do Ensino Básico] daquilo que tenho vivenciado. Agora, aquilo que são
246 situações práticas, quer sejam aplicadas à Língua Portuguesa, quer sejam aplicadas à
247 Matemática e ao Estudo do Meio em que o aluno vai aprender fazendo, motiva sempre
248 qualquer aluno. Não tenho nenhum aluno que não goste de fazer este tipo de tarefas. Para a
249 semana vou fazer aqui pela primeira vez workshops com todas as escolas do agrupamento e
250 vamos lá ver como corre. Vou desenvolver aqui 70 horas de workshops de Ciência Viva
251 durante as férias, em que eles [os alunos] vão poder aprender e compreender o que se passa
252 à volta deles. Mas são eles [os alunos] que vão fazer. Por isso, é importante como já referi
253 através das várias metodologias que aplico em sala de aula que têm de ser totalmente
254 empíricas e cognitivas, partir do saber adquirido do aluno, sem imposição. Por isso é que
255 quando falou em manuais eu...eu acho que estes são uma política educativa para o proveito
256 de alguém e não das escolas e dos alunos.”.

257
258 **Entrevistadora (E):** Eu também perguntei isso porque o normal é nós vermos mesa, quadro
259 e papel ou livros.

260
261 **Entrevistada (E8):** “Não, não, não, não. Eu não preciso de um livro para elaborar um texto
262 com os meus alunos. Eu o ano passado fiz uma exposição com materiais de Língua Portuguesa
263 – Escrita Criativa, em que desafiei os alunos a colocarem-se na pele da rua onde eles viviam e
264 fazerem de conta que eles [os alunos] eram a rua e neste sentido contarem o que é que lá se
265 passava. Aquilo era para fazer um pequeno texto e foram dias e dias e dias sem fim a receber

266 papeizinhos deles pois acontecia sempre mais qualquer coisa e “hoje o candeeiro da rua” por
267 exemplo. aquilo nunca mais parava. Eu tive mais de 400 tiras de texto expostas em que os
268 alunos descreviam isto ou aquilo da rua ou eram aquilo ou acolá da rua deles. Por isso, não foi
269 preciso um manual. Se eu quiser desafiar os alunos sobre um tema, posso desafiá-los e
270 escrever um texto coletivo no quadro e depois eles passam. E se eu fizer isto 40 vezes num
271 ano e chego ao fim do ano e tenho 40 textos. Por isso, não é preciso um manual.”.

272

273 **BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS**

274

275 **Entrevistadora (E): Bem, da minha parte é tudo. Quero agradecer mais uma vez a sua**
276 **participação e disponibilidade imediata para a realização deste estudo.**

ANEXO XI

Transcrição da Entrevista (9)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (9)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Público

Duração da Entrevista: 9 min. 29 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 9 (E9)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista ocorreu num espaço ao ar livre da escola, junto à horta pedagógica onde também se encontravam outros professores da escola. A Entrevistada 9 demonstrou disponibilidade imediata para realizar esta entrevista e ao longo da mesma mostrou-se sorridente e enquanto falava mexia as mãos].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Mas antes falar propriamente do tema dito gostaria de saber um pouco sobre si. Sei que é professora de 1.ºCiclo. Há quanto tempo é que já está a exercer?

Entrevistada (E9): “Ora, eu terminei o curso em 1995. E, por isso, já estou a exercer há vinte e dois anos. Trabalhei três anos no Ensino Particular e depois três anos em Londres e sete anos

em Nova York e estou aqui a trabalhar há sete anos [há sete anos que trabalha no Ensino Público Português].

Entrevistadora (E): De todas essas experiências que teve quer fora quer dentro do país foi sempre no 1.ºCiclo [do Ensino Básico]?

Entrevistadora (E9): “Sim. Nos Estados Unidos trabalhei com meninos luso-descendentes com idades do 1.ºCiclo [do Ensino Básico] e também trabalhei para o estado americano com meninos Prikey de cinco anos. Em Londres trabalhei com turmas de 1.ºCiclo [do Ensino Básico] e tinha também duas turmas de 2.ºCiclo [do Ensino Básico]. Quer no Ensino Particular quer no Ensino Público trabalhei sempre em 1.ºCiclo [do Ensino Básico].”.

Entrevistadora (E): De todas as experiências que teve que no Ensino Privado quer no Ensino Público, qual é a sua preferência? Pergunto isto por curiosidade uma vez que são poucas as pessoas que eu conheço que estiveram nestes dois tipos de ensino.

Entrevistadora (E9): “Prefiro o Ensino Público porque o papel de um professor no Ensino Público pode ser determinante no desenvolvimento das crianças e das suas comunidades.”.

Entrevistadora (E): E ao longo desta sua carreira profissional fez alguma formação continua?

Entrevistadora (E9): “Fiz imensas.”.

Entrevistadora (E): E de todas as que fez eram da sua área de interesse?

Entrevistadora (E9): “Sempre fiz formações em áreas que eram importantes para mim como, por exemplo, fiz formações relacionadas com a Matemática, com as Artes, em Liderança, em Horticultura, entre outras.”.

Entrevistadora (E): E em termos de áreas curriculares, quais são as que lhe despertam mais interesse?

Entrevistadora (E9): “Aquela que eu mais gosto de trabalhar é Matemática, mas eu acho que as crianças precisam de trabalhar mais as Artes.”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando propriamente do tema em si, uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente quando ouve falar nisso?

Entrevistadora (E9): “Acho que a escola tem de mudar radicalmente pois a escola como existe atualmente não faz sentido. O ensino especialmente numa escola como esta [escola pública] onde não há tecnologia “de espécie nenhuma” não está de todo associado às vivências das crianças. A escola vai ter de mudar. Pode não ser na minha vida, durante a minha vida, mas a escola vai mudar. E vai mudar na forma como interage com as comunidades, na forma como as crianças aprendem, na forma e nos conteúdos que são ensinados porque aquilo que nós hoje ensinamos...eu disse que gostava de ensinar Matemática e acho que as crianças aprender artes, mas tudo aquilo que ensino, embora seja no 1.ºCiclo [do Ensino Básico], e, portanto, nós ensinamos o que é fundamental para todas as outras aprendizagens no futuro. Mas crianças precisam de aprender coisas que hoje não praticam como comunicar oralmente, a área da criatividade, a área da assertividade...tudo isso não é trabalhado e são essas coisas, essas competências que vão ser essenciais para a vida profissional dos nossos alunos por daqui a vinte anos. Faço entender?”.

Entrevistadora (E): Sim, faz. Mas então acha que a escola de hoje não faz com os alunos estejam motivados para aprender?

Entrevistadora (E9): “Não. O currículo, a forma como as escolas estão estruturadas até fisicamente, a forma como a escola está pensada em termos de algo para a comunidade. As crianças sofrem na escola e os professores, também.”.

Entrevistadora (E): **Mencionou por várias vezes as Artes. Considera que as Artes são as áreas pelas quais os alunos demonstram mais interesse?**

Entrevistadora (E9): “Repara, é onde os alunos têm mais liberdade, não é? Porque não há metas definidas, existem algumas, mas é onde eles [os alunos] se podem expressa em termos de criatividade, onde as dinâmicas de sala de aula podem ser mais descontraídas e é por aí.”.

Entrevistadora (E): **Uma que esta escola não é a ideal, não refiro a esta em concreto falo de modo geral...**

Entrevistadora (E9) [interrompe]: E não é só em Portugal, é no mundo ocidental.”.

Entrevistadora (E): **Quais são as estratégias que utiliza para motivar os alunos uma vez que estes são crianças e para adquirirem conhecimentos...?**

Entrevistadora (E9): “A única metodologia que utilizei e que consegui envolver as crianças de uma forma foi quando eu trabalhei com os cinco anos, em que não havia currículo definido, mas havia umas metas...eu trabalhava a pedagogia por projeto. Ou seja, em conjunto com as crianças definiam-se o que é que gostávamos de aprender, sobre o que é que gostávamos de aprender e eu utilizava isso como pretexto. Ensinava Língua, Matemática, Oralidade, tudo através de projeto. Aqui [refere-se à escola onde se encontra a trabalhar atualmente] trabalhei assim em que os alunos criam estudar borboletas e espaço. Como tal, fizemos imensos projetos à volta disso durante quatro anos e são coisas que depois dá para fazer crescer. E foi o grupo em que eu senti que se envolveram mais e que estavam mais motivados.”.

116 **Entrevistadora (E):** E relativamente à relação professor-aluno, considera que esta pode
117 influenciar a motivação dos alunos ao longo da sua aprendizagem?

118

119 **Entrevistadora (E9):** “Pode. E a relação que os professores têm com a comunidade, o
120 envolvimento das famílias em sala de aula, sim.”.

121

122 **Entrevistadora (E):** E considera que o papel dos pais pode ser importante para isso?

123

124 **Entrevistadora (E9):** “Fundamental.”.

125

126 **Entrevistadora (E):** Mas nem todos os pais são iguais. Por isso...

127

128 **Entrevistadora (E9) [interrompe]:** “Por isso, é que é fundamental envolve-los a todos. Porque
129 quando as pessoas dizem “ah a cultura do bairro, a cultura do país ou a cultura daquela
130 comunidade” é falso. Cada família tem uma cultura. E nós, enquanto professores, não temos
131 de satisfazer a cultura da comunidade, mas sim satisfazer a cultura de cada família.”.

132

133 **Entrevistadora (E):** Mas não é fácil!

134

135 **Entrevistadora (E9):** “Não, mas trabalhar contra é mais difícil. Faço-lhe entender?”.

136

137 **Entrevistadora (E):** Eu pergunto isto porque eu vejo, por exemplo, neste meio aqui é um
138 meio se calhar mais complicado de trabalhar com as famílias uma vez que à falta de recurso.

139

140 **Entrevistadora (E9):** “Pelo contrário, pelo que eu senti aqui nesta comunidade é que as
141 pessoas estavam muito mais disponíveis. As vezes não sentem é que os saberes que a escola
142 exige dos meninos são os saberes que eles dominam. Se a escola for flexível para valorizar os
143 saberes das famílias, quando por exemplo os meninos queriam saber sobre borboletas e
144 descobrimos que os avós tinham aqui hortas no tempo do bairro, das casitas e das barracas.
145 E eram migrantes porque tinham saberes de subsistência e de quando viviam nas beiras. Então

146 quando eu comecei a convidar os avós e os pais para virem cá falar sobre isso, portanto estava
147 a valorizar os saberes da família e correu lindamente.”.

148

149 **Entrevistadora (E):** Eu pergunto isto porque de uma forma geral e de tudo aquilo que eu já
150 ouvi “os pais não têm saberes”, mas na verdade têm.

151

152 **Entrevistadora (E9):** “Sim, têm, mas são saberes diferentes vinculados com a escola. E outra
153 coisa, aqui foi a primeira vez que trabalhei com meninos ciganos. Eu nunca tinha trabalhado
154 com a etnia cigana e eu não sabia nada desta cultura. E implica também um grande
155 investimento e disponibilidade emocional, física e psicológica dos professores para saber e
156 conhecer as comunidades onde estão a trabalhar. Com esta questão de os professores
157 andarem migrantes um ano aqui, outro ano ali não é, acabam por desinvestir desse aspeto
158 porque sentem “se eu estou aqui um ano não vale a pena aqui conhecer, porque para o ano
159 quero me ir embora”, faço-me entender? Portanto, é importante também para os professores
160 terem disponibilidade para isso.”.

161

162 **BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS**

163

164 **Entrevistadora (E):** Ora, da minha parte é tudo. Quero agradecer mais uma vez a sua
165 participação e disponibilidade imediata para a realização deste estudo.

166

167 **Entrevistadora (E9):** “Maravilha. De nada e boa sorte.”.

ANEXO XII

Transcrição da Entrevista (10)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (10)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Público

Duração da Entrevista: 8 min. 7 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 10 (E10)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista ocorreu numa das salas de professores, onde sentamo-nos na mesa de reuniões. Este local foi escolhido pela entrevistada 10 que se fazia acompanhar do seu filho. Ao longo desta entrevista, a entrevistada 10 foi simples, direta e muito expressiva ao mesmo tempo.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Mas antes de falar do tema em questão, gostaria de saber um pouco mais sobre si. Sei que é professora de 1.ºCiclo [do Ensino Básico] mas há quanto tempo já está nesta profissão?

Entrevistada (E10): “Há dezassete anos [em 2000].”.

Entrevistadora (E): Há dezassete anos. isto quer dizer que é das antigas licenciaturas [licenciaturas pré-Bolonha]. E já agora, aonde é que tirou o curso? E quanto tempo durou?

Entrevistadora (E10): “Tirei o curso em Macedo de Cavaleiros, no distrito de Bragança e teve a duração de quatro anos e o estágio.”.

Entrevistadora (E): E assim que terminou o curso começou logo a exercer?

Entrevistadora (E10): “Sim, em 2000.”.

Entrevistadora (E): E desde que começou a trabalhar fez alguma formação continua?

Entrevistadora (E10): “Sim, faço formações anuais.”.

Entrevistadora (E): E estas formações que faz, são obrigatórias ou não?

Entrevistadora (E10): “Não são obrigatórios fazer. Faço porque me agradam e interessam para a minha profissão para depois me ajudar enquanto docente ao longo da minha prática.”.

Entrevistadora (E): Falando em Prática Pedagógica, das áreas curriculares que leciona qual é ou quais são as que despertam mais interesse em si? E Porquê?

Entrevistadora (E10): “Português. Mas não sei...é uma área que gosto pessoal e isso depois reflete-se naquilo que se transmite aos alunos. E é uma área extremamente importante para a leitura e para a escrita. Se trabalharmos bem o Português, isso depois vai se refletir na Matemática, no Estudo do Meio e em todas as outras áreas. Então aqui neste meio o Português é extremamente importante.” [toca o sinal da escola e ouvem-se vozes vindas do corredor].

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando propriamente do tema que me trouxe aqui hoje e havendo um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistadora (E10): “Eu sinto-me muito motivada para ensinar os alunos. Primeiro, eu tenho de estar eu para depois poder transmitir isso às crianças. Através do lúdico, às vezes isso é muito importante os jogos, quaisquer cartazes que despertam a atenção...”.

Entrevistadora (E): Então para si, das estratégias para motivar os alunos não lhe basta uma secretária, um papel e um quadro?

Entrevistadora (E10): “Não, sem dúvida alguma que não. Faço muitas vezes a hora do conto, porque acho muito importante. Aliás, semanalmente tenho um projeto com os alunos em que costumo criar que é para motivar também, eles [os alunos] terem ideias depois realizarem temas de expressão escrita, a nível ora a expressão e compreensão oral para eles [os alunos] contarem. Portanto, uso essas estratégias para eles [os alunos].”.

Entrevistadora (E): Ainda há pouco não lhe perguntei, mas faça agora esta questão me lembrei, sempre no público?

Entrevistadora (E10): “Sim, sempre.”.

Entrevistadora (E): Quanto às áreas curriculares que trabalha em sala de aula com os seus alunos quais são as que despertam mais interesse neles?

Entrevistadora (E10): “Eles [os alunos] gostam muito da área das Expressões porque é uma área lúdica e através disso expressam as suas ideias também. Depois, noto que eles [os alunos] gostam de Português e de Estudo do Meio e, onde têm mais dificuldades, é na Matemática e é aquela que gostam menos.”.

93

94 **Entrevistadora (E):** Então nota que eles estão mais motivados quando liga as
95 Expressões às áreas todas?

96

97 **Entrevistadora (E10):** “Sim.”.

98

99 **Entrevistadora (E):** E quanto à relação professor-aluno, acha que esta influência a
100 motivação dos alunos ao longo da sua aprendizagem?

101

102 **Entrevistadora (E10):** “Sim, sem dúvida. Tem de haver um clima de amizade, de empatia
103 entre o professor-aluno é meio caminho andado para o sucesso da criança. Eu noto
104 muito isso nos alunos que eu recebo e que ainda não sabem ler e escrever e quando
105 chegam a mim a relação próxima que temos uns com os outros fazem com que estejam
106 motivados em aprender a ler. E em alguns casos, nota-se que a empatia entre nós tem
107 feito sucesso nesses casos.”.

108

109 **Entrevistadora (E):** E já agora está com ano de escolaridade?

110

111 **Entrevistadora (E10):** “Tenho uma turma de 2.ºAno [do 1.ºCiclo do Ensino Básico]
112 apesar de ter alguns alunos que este ano ainda estavam a aprender a ler e a escrever.”.

113

114 **Entrevistadora (E):** E relativamente dos pais na motivação dos seus filhos ao longo da
115 sua aprendizagem, considera que é importante?

116

117 **Entrevistadora (E10):** “É importante, se bem que nós aqui notamos que esse papel está
118 muito aquém de o esperar. Porque eles [os alunos] em casa não têm hábitos de estudo
119 não têm hábitos de trabalho. os pais vêm à escola, só quando convocados, vêm às
120 reuniões quando vêm e o que lhes interessa e que os alunos aprendam a ler e a escrever
121 e mais nada. Por isso aqui não há nenhuma motivação dos pais para com os seus
122 filhos...então nestes meios sociais não! É muito difícil.”.

123

Entrevistadora (E): E relativamente a...já deve ter tido alunos Necessidades Educativas Especiais [N. E. E.]. Como é com esses alunos?

Entrevistadora (E10): Tenho nove alunos na sala abrangidos pelo Decreto de Lei 3/2008.

Entrevistadora (E): Isso é um número bastante grande para uma turma. Como é que trabalha com esses alunos para os motivar ao longo das suas aprendizagens? Eu pergunto isto por uma simples razão porque das duas uma ou eles aproveitam-se do facto de saber que têm dificuldades de aprendizagem e acabam por se deixar à sombra da bananeira ou colegas acabam por se aproveitar do facto de eles serem assim e deitam-nos abaixo achando que são superiores àqueles colegas que têm mais dificuldades. Está a percebendo até onde eu quero chegar?

Entrevistadora (E10): “Sim, percebo, mas deixe que lhe diga que na minha sala ninguém critica ninguém, pois é uma das regras de sala de aula, senão a primeira, pois ninguém critica ninguém, somos todos iguais. Eu ter sete, nove, dez ou vinte alunos em sala de aula é-me indiferente pois todos são tratados de igual forma. Por isso, aquilo que eu faço é não excluir ou fazer grande extinção entre esses alunos. Por isso, todos aqueles que sabem ler e escrever têm manuais iguais àqueles que não são 3/2008 [refere-se ao decreto de lei]. Por isso, logo há um fator que não diferencia de outros colegas pois têm manuais iguais, têm trabalhos da mesma forma se bem que eu tenho de andar de cadeira em cadeira, de mesa em mesa, apoiar cada um deles. Por isso, essa é a minha estratégia: nunca diferenciar alunos. Depois, aqueles que não sabem ler e escrever é motivar e incentivar “vamos tu consegues ler” e logo assim começam a aprender e a trabalhar tudo, pois é tudo feito no quadro de forma a que essa criança possa acompanhar. Não há qualquer distinção em sala de aula sobre esses meninos. Tem de ser mesmo assim.”.

BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS

Entrevistadora (E): Bem, da minha parte é tudo. Quero agradecer mais uma vez a sua participação e disponibilidade imediata para a realização deste estudo.

Entrevistadora (E10): “De nada e boa sorte.”.

ANEXO XIII

Transcrição da Entrevista (11)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (11)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Público

Duração da Entrevista: 21 min.35 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 11 (E11)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito no outro dia, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista ocorreu num espaço livre da escola, junto à horta junto à horta pedagógica. Neste espaço estavam outros professores de 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. A Entrevistada 11 demonstrou disponibilidade imediata para realizar esta entrevista. Durante esta entrevista, a Entrevistada 11 demonstrou-se bastante à vontade para falar, ou seja, demonstrou-se bastante entusiasmada.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Mas antes de falar do tema propriamente dito gostaria de saber um pouco mais de si. Sei que é professora do 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. Há quanto tempo é que já está a exercer?

29 **Entrevistada (E11):** “Neste território à volta de 23 ou 24 anos, não sei precisar ao certo.”.

30

31 **Entrevistadora (E):** Quando fala em território fala em...

32

33 **Entrevistada (E11) [interrompe]:** “Falo neste agrupamento. Há uns bons atrás, estive numa
34 escola de ciganos, nas Galinheiras que pertence a este agrupamento, desde 1991. Só há cerca
35 de dois anos é que estou aqui.”.

36

37 **Entrevistadora (E):** Ora é professora de 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. E sempre trabalhou no
38 público?

39

40 **Entrevistada (E11):** “Sempre trabalhei no público, mas antes de 1991, trabalhei na Voz do
41 Operário que não era bem privado.”.

42

43 **Entrevistadora (E):** E ao longo da sua carreira profissional fez alguma formação continua?

44

45 **Entrevistada (E11):** “Sempre que pude, fiz formações contínuas nas mais diversas áreas que
46 havia.”.

47

48 **Entrevistadora (E):** E de todas essas formações que fez era na sua área de interesse?

49

50 **Entrevistada (E11):** “Tudo o que tinha a ver com o currículo, com o desenvolvimento
51 curricular. Mas a última que fiz, tinha a ver com a Educação Ambiental e como é que isso se
52 trabalha nas escolas. Mas podias perguntar “como é que um professor pode achar isso
53 importante” pois isso para mim é fundamental do ponto de vista de...” [a Entrevistada 11 é
54 interrompida por uma colega que também foi entrevistada que lhe pergunta “estás a pôr
55 em causa as perguntas da rapariga” e riem-se].”.

56

57 **Entrevistadora (E)** [na sequência do que se passou questioneei a entrevistada]: Eu já ia
58 perguntar o porquê, mas a “F.” vai toda lançada [risos].

Entrevistada (E11): “Mas como estava a dizer tudo isso é currículo, estás a ver? Quando nós [os professores] pensamos naquilo que pode ser estratégia e aqui é pensar e é aquela coisa do pensar global e agir local...a glocalização. E no fim de contas e como a “A.” [outra entrevistada do estudo] estava a dizer, o que é importante, essencialmente, é nós somos atores quer queiramos quer não somos sempre, e somos mediadores e uma série de outras coisas, também. Mas, essencialmente, e em contextos desta natureza, um professor, um profissional, ainda por cima se leva a profissão, se olha para isto de uma maneira profissional ou ao menos brio nisso, ao menos tem cuidado com isso...então de certeza que vai interessar como as coisas estão e como é que ele acha perante aquela circunstância, o que é que tem de fazer. São tudo processos e percursos que se tem de fazer para ajudar a que isso se consiga e para chegarmos ao ponto que nós queremos. E isto é currículo. Tudo o que nós pensamos, fazemos, agimos, planeamos é currículo. Claro que há um currículo, há uma medida que nós planeamos em termos de docentes e depois há um que planeamos com as crianças. Há um intencional e outro accidental. E este accidental é o que acaba por ser construído e deve ter em atenção as pessoas nele presentes que neste caso são as crianças. E eles [os alunos] são a tábua rasa trazem sempre coisas com eles e pegando nisso e nos interesses deles e naquilo que a intencionalidade pedagógica quer fazer, o ponto a que queremos chegar, não interessa como fazemos, pois, numa turma fazemos de uma terminada maneira e noutra podemos fazer de outra maneira também tem a ver com os interesses e motivações dos alunos e nós conseguimos com que cheguemos ao que nós queremos. Depende das nossas coisas intermédias, que possamos querer saber, por exemplo que queremos estimular mais a questão da oralidade ou da curiosidade dos alunos...isso depois depende depois agarrar nisso para a leitura e para a escrita que também é a nossa vontade e o temos de o fazer, não é? Temos de lhes dar ferramentas, mas pode ser sempre pois eles nem sabem que estão a ser trabalhados. Para eles [os alunos] estamos a trabalhar o projeto, para nós estamos a trabalhar o projeto, a língua, a oralidade, a ética, os valores entre outras coisas. Estás a perceber?”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Sim, estou e considero tudo isso importante e por isso não fugiu de todo ao tema em si pois acaba por estar relaciona com o mesmo. Está subjacente digamos assim. Agora falando propriamente do tema em si e uma vez que existe um crescente interesse na motivação em aprender dos alunos, como se sente em relação a este assunto?

Entrevistada (E11): “No fim de contas, é só orientar o pensamento. Motivar no que me parece, é criar gosto por...no fim de contas, nós [os professores] quando estamos a passar e mesmo agora quando estou contigo, estas emoções que eu estou a sentir e que estou a imaginá-las não é, estou a acreditar nelas com convicção...se te estou a falar delas que passam por mim...qualquer ser humano que esteja próximo, especialmente uma criança que é tao fácil de se agarra a qualquer coisa, inclusive a questão da humanidade, esta questão humana de nós sentirmos etc...as pessoas acabam por se emocionar com aquilo que eu...e tenta, também... qualquer um de nós...acabamos por nos motivar juntos. Nós elaboramos, imaginamos, sentimos juntos e eles também são um *feedback* para nós. Aliás, quantas milhões de vezes faço planos, assim como hoje, na sala onde eu estive e depois me ajustei àquilo que eles [os alunos] me deram em troca: supostamente eramos para ouvir uma história de olhos vendados e depois no fim iríamos tirar as vendas dos olhos...eu própria, também, dos *feedbacks* fomos criando energia conjunta...mas não nos podemos esquecer do que íamos fazer que era ler a história e trabalhar nela mas ficamos apenas por ler a história. Esta coisa da pedagogia como dizia um pedagogo que eu nem sei bem o nome dizia “a arte e ciência de ensinar”. O ensino não pode ser uma vertente dura e crua, aqui à uma questão empática, são crianças pequenas. Nestas fases iniciais, é muito importante a questão dos afetos. Não é possível fazer um ensino em que “eu falo e tu aprendes” não...é uma tal comunidade aprendente...eu também fico estimulada com eles e eles sentem que é a loucura. E ficamos todos contentes e felizes. Se eles [os alunos] me veem emocionada eles também são de se emocionar. E eu própria vou atrás das curiosidades dos alunos pois se para eles [os alunos] é tao giro um bichinho com patas “olha tão fixe” e nós vamos lá ver, mas não é só ver o bichinho pois ele vai me ajudar para trabalhar diversas áreas como o Português, a Matemática, O Estudo do Meio e afins. Esta

119 questão do motivacional, o professor tem de gostar e os percursos são sempre diferentes, isso
120 depende dos intervenientes. Põe-me um conjunto de meninos à frente a ver se a gente não
121 inventa já aí qualquer coisa para fazer. E estamos tocados uns pelos outros. Para mim, motivar
122 para aprender...os meninos trazem coisas que...aliás eles [os alunos] são muito curiosos e nós
123 [os professores] estamos muito sensíveis a eles [os alunos] porque nós [os professores] é que
124 somos os adultos, não é? E nós [os professores] é que percebemos o que é que eles querem.
125 E nós [os professores] também podemos orientar porque nós [os professores] vamos atrás
126 de uma coisinha e puxa, puxa, puxa e dá para tudo. Eles [os alunos] estão numa fase de
127 crescer. Portanto, a motivação tem a ver com um todo e eles [os alunos] também vão ficar
128 contentes por eu me emocionar. Hoje, viram-me a ralhar, viram-me vermelha, viram-me a
129 transformar...a ficar uma série de coisas, mas no fim, quiseram-me dar um abraço e eu não
130 sabia. Até pensei que lhes tinha passado uma cena má, mas não após contar a história e no
131 fim da aula eles [os alunos] quiseram-me dar um abraço. Eles [os alunos] sentiram que tinha
132 havido ali um momento mau, mas eles [os alunos] tiveram a necessidade de me vir abraçar.
133 Isto do dar, a gente [os professores] recebe imenso e nós excitamos com isto [quando utiliza
134 este termo refere-se ao sentido do que isto quer dizer, ou seja, excitar no sentido de
135 entusiasmar] nós [os professores] também estimulamos com isto. Isto é um dar e receber. É
136 um *je ne sais quoi* [que significa eu não sei o quê] que tem a ver com uma vontade e um
137 prazer que nós também temos. Eu preocupo-me muito com aquilo que eles [os alunos] têm
138 de saber e a maneira como eles aprendem, o cuidado que se tem de ter com uma coisa tão
139 frágil. Pensa na questão ética, pensa na maneira que aprendem sem estarem assustados e
140 sem estarem contra. Ainda ontem, vi e ia a comentar isto com a "R." [uma das entrevistadas
141 para estudo] antes de chegares que é: ontem tive num sítio onde o miúdo estava a querer
142 vomitar perante uma prova e não sei quê e eu vi...o que nós [os professores] podemos fazer
143 o contrário para fazer mal a uma criança. Mau, no sentido não é o professor que está em
144 causa, é a escola, é a comunidade, é uma série de coisas que, entretanto, não foram trazidas
145 para a comunidade, entretanto, é como a escola está péssima, mas não quer que não
146 aconteça, mas aquele menino estava a sofrer, mas isso também pode acontecer. Mas para
147 isso não acontecer e ainda por cima trabalhando aqui tanto tempo, o que eu quero é que
148 nunca aconteça aquilo. Ainda por cima eles [os alunos] trazem histórias consigo do arco-da-

149 velha...o que eu quero é que a experiência da escola seja significativa sim e depois no fim sem
150 saber eles [os alunos] aprenderam. Isso é que eles levaram em brinde e não souberam.”.

151

152 **Entrevistadora (E): Então não basta uma mesa, um quadro e um papel?**

153

154 **Entrevistada (E11):** “Tem que haver emoção, tem que haver um ser humano, um profissional
155 que saiba mais ou menos para onde quer ir. Eles [os alunos] não percebem. Aliás eles [os
156 alunos] depois vão percebendo porque a gente vai começando a explicitar mais a coisa, não
157 é? Às vezes ensinar também é explicitar, por exemplo, quando eles começam a ficar mais
158 crescidos, nós dizemos “nós temos de aprender, isto, isso e aquilo. Como é que fazemos?” e
159 eles [os alunos] sempre mais autonomia. Cuidado com eles [os alunos], respeito pela
160 autonomia, o respeito pela criatividade...é a loucura total, mas não é uma loucura sem regras
161 e sim uma loucura no respeito e no querer bem alguém e gostar.”.

162

163 **Entrevistadora (E): Nesse sentido, considera que é bastante importante a relação professor-
164 aluno na motivação dos alunos durante a sua aprendizagem?**

165

166 **Entrevistada (E11):** “Olha, não há mais nada na vida que não relação, ok? É a relação. O que
167 importa é a relação. Esta relação pedagógica é fundamental para que tudo funcione. Sem
168 relação há educação, não há emoção, não há ninguém com vontade de nada sem esta
169 emoção, sem esta relação. Nós pela relação fazemos tudo pela vida.”.

170

171 **Entrevistadora (E): Quando é que vê que os seus alunos estão mais motivados e/ou
172 interessados em aprender? É através desta partilha de conhecimento professor-aluno e
173 vice-versa? Ou...**

174

175 **Entrevistada (E11) [interrompe]:** “É pelo projeto deles [dos alunos] pois eles [os alunos]
176 também têm muito essa vontade. Por exemplo, imagina que eles estão a tomar conta do milho
177 e cada um deles [os alunos] têm um bocadinho de milho para tomar conta, são eles [os
178 alunos] que dizem “olha a gente ainda não foi ao milho hoje!” e eu dizia “então está bem

vamos lá!”. Ou seja, tudo aquilo que são intenções para eles e eu valorizo e que são importantes que nós [os professores] o valorizamos o que há para trazer o melhor possível agora também tentamos ir para o sítio que nós [os professores] precisamos pois eles [os alunos] estão aqui e o tempo também conta e nós temos que contabilizar pois há tempo para Matemática, há tempo para Estudo do Meio, há tempo para português. E eles [os alunos] também têm de perceber que isto faz parte de um processo. Para já, eles sentem-se bem e sentem-se bem em vir para a escola pois gostam de estar na escola pelos amiguinhos, pelo professor, porque descobrem, por serem respeitados e por uma série de coisas ok? São felizes, ok? E depois emocionando-se com as coisinhas que têm de tomar conta, como vêm pelo modelo, vêm que eu também e outros adultos também tomam conta, também lemos, também escrevemos...eles [os alunos] também quer ser como nós [os professores] obviamente e imitam-nos, também são ser humanos. Não custa nada educar. O problema às vezes são os atrofiosinhos que por vezes são difíceis de contornar como por exemplo questões de saúde muito graves ou outras coisas muito graves. O nosso problema aqui não é trabalhar com crianças., nem estar aqui a...imagina filhos de professores, bem terão outras questões para ver, mas nós rapidamente os ajustamos. A questão aqui é nós, nestes territórios do público, cada vez mais o público tem mais são coisas diferenciadíssimas que nós não conseguimos responder como questões de saúde, coisas sociais...esses é que são os verdadeiros problemas que a escola está a ter. Não são esses de ensinar [referindo-se aos problemas], esses a gente resolve.”.

Entrevistadora (E): E o papel dos pais na motivação dos alunos na sua aprendizagem, considera importante?

Entrevistada (E11): “Aos pais têm que os manter saudáveis e eu estou aqui a pensar nestes contextos, os pais devem trazê-los saudáveis para a escola, dar-lhes espaço, dar-lhes afeto, eles estarem equilibrados e nós [os professores] podemos fazer o resto do trabalho. Não precisam de fazer nada de mais. Se houver uma boa intercomunicação entre escola e família, se o professor confiar no pai e vice-versa, pois às vezes os pais também têm algumas dificuldades de confiar...eles [pais e professores] podem trabalhar em conjunto e eles então

209 assim se vê o sentido que a coisa tem, o aprender, a escola e a vida, tem um sentido maior
210 porque aquilo que o pai pensa, o pai espera é aquilo que o professor também...isto é não é o
211 ideal mas o professor também vai fazendo trabalho de pai, vai fazendo o trabalho de educação
212 com pais. Os pais também não sabem muito bem qual é o mundo dos professores. Se os pais
213 partilharem um bocadinho de como é que estão a fazer, se os pais também virem que o filho
214 é respeitado, que o filho vem feliz para casa, que está contente com tanta coisa que já
215 mostrou, que já apresentou aos colegas...os pais ficam contentíssimos e ficam motivados para
216 ajudar os seus filhos....Mas agora o que tem acontecido ultimamente nas escolas é que o
217 sistema de fora, externo, política, etc., os constrangimentos nas escolas e a vida que as
218 pessoas levam têm afetado na sua maioria muito a escola com outros assuntos. As famílias
219 não estão estáveis, não estão com disponibilidade para os filhos, os alunos não vêm
220 sossegados, não vêm tranquilos, não vêm saudáveis, não comem, não bebem, não dormem.
221 Há uma série de coisas que a escola está a trabalhar e é muito difícil de gerir. Mas a gente
222 conforme...sem querer cai-nos uma coisa em cima e as coisas são difíceis. Há sempre coisas
223 de casa que vêm para dentro da escola, que vêm para a sala de aula, coisas das famílias e
224 muito más. É difícil uma criança não querer falar de uma coisa que aconteceu como uma rusga
225 que aconteceu em casa ou que os pais foram presos...e o menino tem de dizer aquilo, mesmo
226 que eu tenha tempo para o Estudo do Meio ou para ir regar o milho, aquilo tem de aparecer
227 primeiro. Se eles não vierem comidos, quer dizer se não tiverem tomado o pequeno-
228 almoço...agora muitas destas escolas até já dão pequeno-almoço na escola...como é que um
229 menino está disponível para ouvir alguma coisa. Ou se ele vem doente, o pai deixou-o com
230 febre na escola e foi trabalhar ou que nem tem telemóvel para a gente ligar e assim também
231 não conseguem estar disponíveis para ouvir, para nada. Mas esta coisa da relação é
232 fundamental e haver uma boa articulação com os pais de forma a valorizar a escola e se
233 também não gostarem da maneira como se faz algo, tentarem perceber junto de nós e depois
234 entrar em sala de aula que é um espaço onde é só o professor o detentor do conhecimento,
235 não! Os professores sabem parte do conhecimento, não sabem tudo nem nunca vão saber. E
236 o professor tem de ser humilde nisso também. Isto tudo é muito fixe, mas dá um bocadinho
237 de trabalho. Uma escola de futuro seria o Ministério [refere-se ao Ministério da Educação]
238 puder dar mais possíveis contributos de forma a que nós pudéssemos trabalhar com os alunos

239 na escola e com as respetivas famílias e que houvesse mais garantia para os mesmos...até
240 mesmo para as escolas em houvesse mais auxiliares que nos pudessem ajudar, os recreios
241 terem melhores condições, para nós também estarmos em sossego...há muita coisa a mexer.
242 Mas isto é difícil porque estamos em constrangimento financeiro. Não é que o Ministério da
243 Educação não perceba isto e não sabe, mas como existem dívidas no estrangeiro e com
244 juros...enfim. Nós precisamos de recursos e não há...não é por acaso que vai haver uma greve
245 no dia 21 [greve de professores no dia 21 de junho de 2017] que é já amanhã. Portanto é
246 isso, por exemplo aqui na minha escola só há duas pessoas no quadro e o resto das pessoas
247 não e para o ano volta a estar tudo instável, desaparecem uns professores e vêm outros.
248 Portanto, se não houver mínimas condições para nós trabalharmos...no mínimo isto está
249 muito mau. Nós daqui a uns anos os meninos que temos hoje serão jovens e se nós não
250 investirmos agora não será depois que isso acontecerá. Estás a perceber? Há muita coisa que
251 devia ser vista, especialmente em zonas como esta. Fazer a diferenciação positiva. Ou seja,
252 dar mais instrumentos e condições de trabalho em zonas destas. Não estou a dizer que nas
253 outras também não seja, mas estas estão muito difíceis. Tu devias era de passar por umas
254 escolas ali das Galinheiras e da Maria da Luz para veres como é que os meninos são, como é
255 que eles se comportam, como é que eles estão perante a escola.”.

256

257 **Entrevistadora (E): Por acaso tive a oportunidade de estagiar no passado quer na escola**
258 **antiga quer na escola nova das Galinheiras e ver como era e sei que ali havia muitos**
259 **problemas devido ao meio em si. Ainda para mais sendo um meio cuja maioria da população**
260 **é cigana,**

261

262 **Entrevistada (E11):** “As famílias lá são muito complicadas, por vezes até querem entrar pela
263 escola a dentro, salas a dentro e bater nos funcionários e professores...ali aqueles pais não
264 são escolarizados porque eles têm na ideia que a escola e os professores são mauzinhos e que
265 fazem mal aos meninos. Como não passaram pela escola ainda, não têm essa confiança. Na
266 cabeça deles têm ideias más da escola e passam isso para os alunos. Precisávamos ali uma
267 série de recursos humanos como técnicos para além de professores que nos ajudassem a

268 perceber os perfis dos alunos...é muito difícil trabalhar assim e não conseguimos fazer
269 milagres.”.

270

271 **BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS**

272

273 **Entrevistadora (E):** Bem, da minha parte é tudo. Quero agradecer mais uma vez a sua
274 participação e disponibilidade imediata para a realização deste estudo.

275

276 **Entrevistada (E11):** “De nada e boa sorte.”.

ANEXO XIV

Transcrição da Entrevista (12)

PROTOCOLO DA ENTREVISTA (12)

Estabelecimento de Ensino: Ensino Público

Duração da Entrevista: 23 min. 44 s.

Legenda	
• Entrevistadora (E)	• Entrevistada 12 (E12)

BLOCO A: LEGITIMAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A) E A SUA MOTIVAÇÃO

Entrevistadora (E): Boa tarde, antes de mais quero agradecer-lhe pela sua disponibilidade em realizar esta entrevista. Toda e qualquer informação recolhida ao longo da mesma será de carácter confidencial e se me permitir irei utilizar o suporte de áudio para que possa tornar esta entrevista mais credível.

Como já lhe tinha dito no outro dia, esta entrevista surge no âmbito de um trabalho de investigação sobre a motivação em aprender uma vez que eu senti uma enorme necessidade de criar novas estratégias para motivar os alunos pois acho que eles hoje estão muito desmotivados daí surgir este tema.

[Esta entrevista ocorreu num espaço livre da escola, junto à horta junto à horta pedagógica e que fora escolhido pela Entrevistada 12. A Entrevistada 12 demonstrou disponibilidade imediata para realizar esta entrevista. Durante esta entrevista, a Entrevistada 12 demonstrou-se bastante à vontade para falar, ou seja, demonstrou-se bastante entusiasmada.].

BLOCO B: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistadora (E): Mas antes de falarmos sobre o tema propriamente dito, gostaria de saber um pouco mais sobre si. Sei que é professora do 1.ºCiclo [do Ensino Básico]. Há quanto anos é que se encontra a exercer esta função?

29 **Entrevistada (E12):** “Sou professora [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] há 18 anos.”.

31 **Entrevistadora (E):** Ora já lá vão 18 anos e é do tempo em que os cursos [de professores do
32 Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] eram de quatro anos, ou seja, cursos pré-Bolonha.

34 **Entrevistada (E12):** “Sim, tinham a duração de quatro anos e este tinha a variante de
35 Matemática e Ciências. Tenho Bacharel em 1.ºCiclo [do Ensino Básico] e Licenciatura variante
36 em Matemática e Ciências.”.

38 **Entrevistadora (E):** E onde é que tirou o curso?

40 **Entrevistada (E12):** “Na E.S.E. de Lisboa [Escola Superior de Educação de Lisboa].”.

42 **Entrevistadora (E):** E o Bacharel teve a mesma duração que a licenciatura?

44 **Entrevistada (E12):** “Não. O Bacharel teve a duração de três anos e a licenciatura quatro
45 anos.”.

47 **Entrevistadora (E):** Uma vez que tirou a licenciatura com a variante em Matemática e
48 Ciências, podemos dizer que as suas áreas de interesse são essas?

50 **Entrevistada (E12):** “Sim. Matemática e Ciências são duas áreas que me dão mais gosto em
51 trabalhar e daí a minha formação também. Mas aprendi depois a gostar também de dar as
52 outras áreas. Quando começamos a trabalhar no 1.ºCiclo [do Ensino Básico] temos de ser um
53 pouco polivalentes e a monodocência obriga-nos a isso mesmo. Mas para conseguirmos
54 chegar a eles [os alunos] temos de trabalhar um pouquinho de tudo. Para além de ser
55 necessário, temos de saber trabalhar um pouco de tudo.”.

57 **Entrevistadora (E):** Após terminar o seu curso começou logo a trabalhar ou não?

Entrevistada (E12): “Não. Eu acabei o curso em junho de 1998 e, entretanto, entregamos os papeis para o Concurso de Professores e fomos de viagem de finalistas. No final de setembro desse mesmo ano, comecei a trabalhar e desde então nunca mais parei.”.

Entrevistadora (E): Atualmente encontra-se a trabalhar na escola -pública, mas alguma vez já trabalhou em escolas privadas?

Entrevistada (E12): “Não. Eu trabalhei toda a minha vida profissional neste agrupamento. Comecei a dar aulas lá em cima, na M^a. da L. [iniciais da escola pública] nas Galinheiras, quando ela [a escola] ainda era independente, mas fazia parte do T.E.I.P. [Territórios Educativos de Intervenção Prioritária] Almada Negreiros. E como era uma escola T.E.I.P. [Territórios Educativos de Intervenção Prioritária] tínhamos a regalia de poder dar continuação pedagógica.”.

Entrevistadora (E): Isso da Escola T.E.I.P. [Territórios Educativos de Intervenção Prioritária] tem a ver com o meio onde a escola está inserida, certo?

Entrevistada (E12): “Exatamente. O T.E.I.P. significa “Território Educativo de Intervenção Prioritária” que tem a ver com o sítio onde as escolas estão colocadas e que a população envolvente é carenciada e mais complicada.”.

Entrevistadora (E): E ao longo da sua carreira profissional fez formações contínuas?

Entrevistada (E12): “Ui! Formações contínuas? Muitas! Fiz uma em Artes, fiz uma relacionada com a Educação Sexual para dar Educação Sexual no 1.ºCiclo [do Ensino Básico] que é um tema muito complicado e torna-se difícil de chegar aos miúdos. Também fiz formação contínua em Educação Física, lá está para poder completar a minha formação inicial. Como nós [professores] temos de dar um pouco de tudo, eu fui aprendendo um bocadinho daqui um bocadinho dali. E agora nos últimos tempos, para além da informática que eu adoro, tenho uma formação de Sistema E-Learning. Estou há seis anos como professora bibliotecário do

agrupamento e todos os anos tenho feito formação no que toca às bibliotecas: desde como é que as bibliotecas entram dentro das salas de aula, como podemos trabalhar as novas tecnologias associadas à biblioteca e às literacias da leitura, como às literacias da informação...e então é uma coisa muito versátil, muito enriquecedora porque vai um bocado ao encontro daquilo que é o tema do trabalho.”.

BLOCO C: A IMPORTÂNCIA DE MOTIVAR PARA APRENDER

Entrevistadora (E): Falando propriamente do tema em si, a meu ver esta temática de **Motivar para Aprender**, tem havido um crescente interesse ao longo dos anos uma vez que existe uma maior necessidade de criar diversas formas de ensinar os alunos e para que estes estejam motivados para aprender. Como se sente em relação a este assunto? [surge um barulho de fundo de crianças, vindo dos corredores uma vez que a porta que dá acesso à horta pedagógica, encontra-se aberta].

Entrevistada (E12): “É assim, eu acho que a motivação é importante, mas não é só para aprender que ela é importante, é para tudo na vida. Porque quem estiver motivado vai ter sempre um bom desempenho ou pelo menos um melhor desempenho. Quem não tem interesse em nada, desmotiva-se rapidamente e abandona. Se nós [os professores] conseguirmos cativar os alunos, motivá-los para a prender, tentando tocar nos interesses, nos gostos, tentando diversificar estratégias, procurando abordar os temas, os conteúdos, sem necessitar de necessariamente seguir a ordem que vem nos manuais, tentando englobá-los naquilo que vai ao gosto deles ou que naquele momento os perturba porque às vezes acontece...olha agora a história dos fogos ou houve uma rusga no bairro...são coisas que lhes perturbam e que traz influencia para a sala de aula...é pegar nisso e trabalhar o máximo de conteúdos possíveis. Por isso, dar os conteúdos sem dar os conteúdos. Tudo isso vai ao encontro dos interesses deles [dos alunos] e é tao fácil trabalhar depois porque eles [os alunos] pegam e fazem com gosto, com vontade. Acho que é a melhor maneira de trabalhar. Aqui há uns anos atrás tive uma turma no 4.º Ano [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] e estava a dar os Morangos com Açúcar [série juvenil portuguesa] e as personagens da série

119 estão para aí no 9.ºAno [do Ensino do 3.ºCiclo do Ensino Básico] ou coisa que o valha e
120 estavam a dar o “Auto da Barca” de Gil Vicente e os meus alunos queriam porque queiram
121 trabalhar esta obra e eu respondi-lhes que “era impossível meus amores pois não vão
122 entender o que está lá escrito e não é para a vossa idade” mas eles [os alunos] diziam “nós
123 queremos” e então eu disse-lhes que “então eu amanhã trago-vos e leio para vocês e para
124 vocês perceberem porque é que não é para a vossa idade” e lá levei o texto e comecei a ler
125 no Português erudito. Eles [os alunos] não percebiam nada do que lá estava escrito e
126 chegaram à conclusão que aquilo não era próprio para eles [para os alunos]. Eu expliquei-lhes
127 o que é Gil Vicente queria fazer com aquela obra pois aquilo era uma forma de crítica da
128 sociedade daquela época. Então os meus alunos pediram-me se podíamos fazer o nosso uma
129 vez que não percebiam o dele. E nós [a professora e os alunos] criámos uma peça com seis
130 ou sete atos em que tivemos vários anjos, vários diabos, várias personagens, desde traficantes
131 de droga, a polícias corruptos e polícias bons, bêbados, gente atropelada: uma mãe atropelada
132 que tinha filhos que tinha morrido e os filhos tinham ficado sozinhos, tinha crianças, o parvo
133 que não podia faltar e que é uma boa crítica à sociedade. E a partir disso construíram a peça
134 de teatro toda...estudámos tudo o que era gramática de Português, construção de textos,
135 fizemos roupas, fizemos cenários, trabalhamos Matemática pois precisámos de saber quantos
136 metros disto, quantas quantidades precisávamos daquilo. Eu trabalhei conteúdos
137 programáticos a partir de uma peça de teatro que eles quiseram fazer. Porquê? Porque era
138 do interesse deles [dos alunos]. E eu depois combinava com eles “então esta semana quem
139 vem ensaiar são os elementos do ato 1” e eles à tarde vinham à escola só para ensaiarmos
140 porque de manhã eles tinham aulas e à tarde tinham A.T.L. [Atividades de Tempos Livres]. Só
141 nas últimas semanas, é que trabalhamos tudo juntos, mas até lá trabalhávamos por grupos.
142 Eles [os alunos] representam aquela peça de teatro em não sei quantos sítios e era uma
143 alegria para eles [os alunos] e para os pais verem. Os pais estavam encantados, como é que
144 eles [os alunos] tinham conseguido escrever aquilo tudo por ser uma obra complicada de se
145 trabalhar naquela idade, e lá está? Era a motivação deles. Era aquilo que eles queriam. E eu
146 só tive de me adaptar ao que eles [os alunos] gostavam e eu trabalhei os conteúdos todos do
147 4.ºAno [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] a partir dali.”.

148

Entrevistadora (E): Então considera que é extremamente importante, trabalharmos a motivação através dos interesses deles?

Entrevistada (E12): “Completamente.”.

Entrevistadora (E): E é através das temáticas que eles trazem para a sala de aula que sente que eles estão mais motivados e interessados para aprender as áreas curriculares em si ou...

Entrevistada (E12): “Eu acho que há muitas maneiras de os estimular. Por exemplo, agora com a biblioteca eles [os alunos] estiveram a fazer trabalhos de projeto em que estiveram a trabalhar as TIC e tinham um guião de pesquisa...tinham de saber fazer uma pesquisa para um trabalho, fazer uma apresentação em Power Point [P.P.T.] e eles [os alunos] estiveram a fazer as apresentações todas. Eles fizeram cerca de 20 apresentações. E é assim, cada grupo escolheu o tema que quis e a vontade com que eles [os alunos] procuraram a informação, que retiveram a informação...por isso, nós podemos ir para muitas áreas, mas o que é importante é partir do interesse deles [dos alunos] é sempre muito mais fácil. Até para nós [professores] se formos a fazer uma coisa que temos interesse, que é do nosso gosto e temos muito mais vontade de fazer do que for uma coisa obrigada. E os conteúdos...eu acho que os conteúdos estão muito desajustados...não são os conteúdos. O que está desajustado são as metas a que eles nos obrigam a cumprir com os conteúdos que são dados. Porque as metas são tão à frente que não nos permite trabalhar com eles [os alunos] e nos permitir trabalhar da forma como eles [os alunos] gostariam. E cai por terra muitas vezes a parte da motivação. Porque como tem de ser tudo muito acelerado para conseguirmos cumprir metas, para conseguirmos cumprir objetivos...às vezes um pouco por cima da motivação e alguma coisa tem de ficar para trás, mas também depende muito da maneira como nós [os professores] trabalhamos dentro da sala de aula, não é? Mas na minha opinião a motivação é o ponto fulcral e depois nós [os professores] temos é de saber gerir e encaixar os conteúdos.”.

Entrevistadora (E): E de todos os conteúdos que são trabalhados nas mais diversas áreas curriculares, onde é que sente que eles estão mais motivados? É certo que, e como disse

179 ainda há pouco, trabalha os conteúdos através dos interesses deles, mas existem áreas
180 curriculares em que eles supostamente estão mais à vontade e gostam mais do que de
181 outras! Onde é que verifica que eles estão mais motivados...em que área?

182
183 **Entrevistada (E12):** “Eu acho o Estudo do Meio mais facilmente. Eles [os alunos] conseguem
184 encontrar pontos de interesse. O Português é uma coisa que fica escondida por trás. Para
185 conseguirem aprender os conteúdos, para chegarem aos conteúdos, para procurarem uma
186 informação ou fazerem uma investigação, ou verem um vídeo...eles [os alunos] precisam
187 sempre do Português para perceberem o que lá está. Por isso o Português acaba sempre por
188 ser trabalhado. A Matemática, por vezes não é tão simples assim de articular, não é? Mas, eu
189 acho que Estudo do Meio é aquele que mais facilmente vem ao encontro. E as Expressões é
190 sempre um complemento. Eu acho que aquilo que falta mais vezes nesta geração, é o trabalho
191 com as Novas Tecnologias porque é aquilo que eles mais gostam, estão habituados e não
192 sabem na verdade trabalhar com elas.”.

193
194 **Entrevistadora (E):** Quando trabalha os diversos conteúdos com base nos interesses deles,
195 quais são as estratégias que utiliza esses mesmos interesses através dos diversos
196 conteúdos? Antigamente, havia muito isso e hoje ainda há e creio que seja por terem de
197 cumprir com um programa, com as metas, com os objetivos que disse ainda há pouco?
198 Muitas vezes tem de se pegar num papel, num quadro e numa mesa para se poder trabalhar
199 e ainda no manual. Basicamente é sempre assim. Como é que faz para que isso não seja
200 somente um papel, uma mesa e um quadro? Pois existem várias estratégias!

201
202 **Entrevistada (E12):** “Claro que sim! Olha, histórias. A partir de uma história eu posso trabalhar
203 tudo e mais alguma coisa. Eu só tenho de escolher a história que levo para eles aprenderem.
204 Depois pegar nas Novas Tecnologias, seja ela qual for: desde jogo, quizzes, construção de e-
205 books, criação de histórias digitais, uma peça de teatro, fazer experiências que eles adoram e
206 raramente se faz. Por isso, eu acho que há muita coisa por onde se pode pegar. É preciso
207 variar, diversificar e chegar um bocadinho a todos.”.

209 **Entrevistadora (E):** E mesmo assim. Sei que atualmente e ainda há pouco disse são obrigados
210 a cumprir com as metas e os objetivos e nem sempre é fácil aplicar essas estratégias. Como
211 é que faz para combater...para fugir um bocadinho à regra...quer dizer utiliza isso, mas se
212 calhar nem sempre consegue.

213

214 **Entrevistada (E12):** “Consegue-se sempre.”.

215

216 **Entrevistadora (E):** Eu pergunto isto porque eu já percebi através de várias vozes quer para
217 este trabalho que estou a fazer agora quer sem ser em contexto de investigação em si que
218 os professores se queixam imenso “eu gostaria de fazer isto e aquilo. Existe isto e aquilo que
219 eu posso utilizar, mas não me deixam porque eu tenho de cumprir com o programa”.

220

221 **Entrevistada (E12):** “Correto. Eu acho que há maneira sempre de darmos a volta à questão
222 porque se as coisas forem estruturadas de maneira a darmos mais conteúdos no mesmo, deixa
223 de ser expositivo e ao não ser expositivo e ser exploratório conseguimos dar os conteúdos e
224 ir à motivação e ir aos pontos de interesse e ainda diversificar.”.

225

226 **Entrevistadora (E):** Quanto à relação professor-aluno considera que esta influência na
227 motivação do processo de aprendizagem dos alunos?

228

229 **Entrevistada (E12):** “Sem dúvida nenhuma. Eu acho que a relação professor-aluno é
230 primordial. Se o aluno não gostar do professor, se o aluno sentir que o professor não gosta
231 dele é muito difícil criar um ambiente próprio para se trabalhar. Aí não tem a ver com a
232 motivação. Tem a ver com empatias e se não houver empatias, vamos estar constantemente
233 a contrariar uns aos outros. E num ambiente assim é impensável trabalhar-se e fazer-se
234 qualquer tipo de aquisição, seja ela de qual for, de que género for.”.

235

236 **Entrevistadora (E):** E a na sua perspetiva qual o papel dos pais na motivação dos seus filhos
237 ao longo da sua aprendizagem?

238

239 **Entrevistada (E12):** “Eu acho muito importante. E se os pais souberem mostrar aos filhos a
240 importância que a aprendizagem tem, seja ela formal ou informal ou não formal, nós podemos
241 fazer aprendizagens de todas as maneiras e mais algumas. Agora, há que mostrar as crianças
242 é que qualquer tipo de atitude ou atividade que a escola execute é uma maneira de aprender.
243 Sejam eles os considerados passeios, que quando se fazem, fazem-se com um objetivo. E não
244 é passear por passear. Não é o passeio de fim-de-semana. Mas até esse passeio de fim-de-
245 semana é uma aprendizagem não formal. Eles [os alunos] têm sempre qualquer coisa para
246 aprender e para trazer de retorno. Se os pais continuarem a pintar aos meninos que a escola
247 é uma coisa que não presta, não há motivação que seja possível.”.

248

249 **Entrevistadora (E):** E vê muito isso aqui no meio em que se encontra a trabalhar?

250

251 **Entrevistada (E12):** “Para muitos dos pais a escola não tem...quer dizer depende da escola,
252 não é? Esta aqui o contexto é outro. Mas a escola lá de cima, os ciganos não têm interesse
253 nenhum. Só lá vão porque têm de lá ir. Mas a escola para eles não tem peso, não tem valor.
254 Não tem muito peso na aprendizagem deles, não tem muito peso na vida deles. Por isso,
255 enquanto os pais passarem este tipo de postura para os filhos, a escola pouco lhes vai dizer.
256 Não são todos também, não é? Não podemos generalizar, mas...depois há outros professores
257 que conseguem chegar aos alunos e lá está a relação professor-aluno, mesmo os pais tendo
258 esta posição é complicado pois a criança gosta da escola, mas em casa não pode dar muito a
259 entender isso porque os seus pais não gostam, mas depois chego à escola e sente-se feliz. Mas
260 também é importante que a escola abra as portas e chame os pais a participar para eles verem
261 que afinal a escola tem muito para dar aos filhos...para eles [os alunos] também perceberem
262 que são uma peça importante neste jogo. E enquanto os pais não se sentirem a peça no jogo,
263 os alunos vão sempre achar que podem fazer o que querem na escola porque em casa a
264 postura é outra. Aqui jogam de uma maneira e em casa jogam de outra. É preciso todos
265 jogarem no mesmo tabuleiro e todos no mesmo objetivo.”.

266

267 **Entrevistadora (E):** Uma curiosidade que tem me suscitado muito porque vejo cada vez mais
268 existem alunos com Necessidades Educativas Especiais [N.E.E.] ...qual é a postura que se tem

269 relativamente a esses alunos? Porque das duas uma ou eles [os alunos] ...eles [os alunos]
270 têm noção daquilo que são...não podemos dizer que não porque têm, podem é não
271 demonstrar isso, mas têm noção daquilo que são e sabem quais são as suas limitações entre
272 outras coisas. Mas nos alunos com Necessidades Educativas Especiais [N.E.E] eles sabem
273 que têm aquela dificuldade e das duas uma, eles [os alunos] aproveitam-se do facto de
274 terem isso e ficam à sombra da bananeira como se costuma dizer [a Entrevistada 12
275 interrompe por breves segundos e responde “exato”] e eles [professores] fazem por mim,
276 não me vou dar ao trabalho ou então por mais que se esforcem vão sempre sentir-se
277 inferiores aos outros porque os outros são melhores e não têm essas dificuldades que os
278 outros têm e os outros colegas também dizem “ahhh tu tens isto”, está a perceber onde
279 quero chegar? Como é que faz para trabalhar a motivação desses alunos? Porque se já é
280 complicado motivar os alunos na sua generalidade ainda mais será com este tipo de alunos
281 com Necessidades Educativas Especiais [N.E.E.]. Mas não é impossível conseguir com que os
282 alunos estejam motivados para aprender.

283
284 **Entrevistada (E12):** “Ora, depende do tipo de Necessidades Educativas Especiais [N.E.E.],
285 depende do tipo de deficiência que o aluno tenha porque há crianças que têm única e
286 exclusivamente problema físico, em que se consegue fazer tudo, elas não deixam de fazer
287 tudo o que uma criança normal faz, só se tem de ter alguns cuidados. Estava agora a lembrar-
288 me de um aluno que tive, que ele teve um problema nas pernas e na caixa torácica. E a mãe
289 veio, ele já vinha no 3.º Ano [do Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico] que “o menino tinha
290 deficiência e tal...” e eu disse-lhe “oh mãe, com certeza, dê-me os relatórios médicos.”. Os
291 relatórios médicos só faziam referência somente à parte física e eu disse à mãe “então olhe,
292 não há problema nenhum com ele. Agora ele não vai ter regalias nenhuma. Eu quero o
293 banquinho que ele utiliza para ter debaixo dos pés para estar confortável, mas eu não lhe vou
294 fazer a vida fácil. Ele só tem problemas físicos. Eu vou ter cuidado com ele nas aulas de
295 Educação Física. No que toca às aulas normais, eu vou exigir tanto dele como de qualquer
296 outro pois ele não tem nenhum problema mental” a mãe ficou com um ar muito chateado ao
297 princípio, mas no fim disse-me “se eu soubesse já o tinha posto aqui há mais tempo. Porque
298 o meu filho deixou de ser o coitadinho e passou a ser uma criança normal. Ele agora até à bola

299 ele joga.”. E porquê? Porque ele deixou de se ver como um coitado. Ele estava habituado a
300 ser tratado como o coitadinho da sala e deixou de o ser. E depois há outro trabalho que deve
301 ser feito que é o trabalho de turma. É fazer com que a turma os aceites e eles aceitem a turma.
302 E quando há este espírito de equipa, de turma, então de ser aceite, então depois fazemos o
303 resto dos trabalhos. Porque enquanto não houver um ambiente de turma, enquanto não
304 houver uma união, é muito difícil de fazer qualquer coisa. Qualquer um que faça d um lado ou
305 do outro, há sempre alguém a criticar e a gozar. Por isso, por vezes é preciso perder tempo de
306 conteúdo e trabalhar a parte humana e de relações entre outros conteúdos.”.

BLOCO D: AGRADECIMENTOS FINAIS

310 **Entrevistadora (E):** Bem, da minha parte é tudo. Quero agradecer mais uma vez a sua
311 participação e disponibilidade imediata para a realização deste estudo.

312
313 **Entrevistada (E12):** “De nada e boa sorte. Tudo de bom.”.

ANEXO XV

Análise de Conteúdos da Entrevista (1)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	“Sou licenciada no Ensino Básico do 1.ºCiclo.”. (Anexo I, linha 22 - Bloco B)
		Ensino Superior	E.S.E. de Lisboa.	“E.S.E. de Lisboa.”. (Anexo I, linha 34 - Bloco B)
		Tempo de Serviço	12 anos.	“Há doze anos.”. (Anexo I, linha 26 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Privado.	“Não, só a nível de estágio. Depois comecei logo aqui. Estou aqui há doze anos.”. (Anexo I, linhas 40-41 - Bloco B)
		Formação Contínua	Várias.	“(…) foram as formações também as oportunidades que foram surgindo e depois por áreas de interesse.”. (Anexo I, linhas 57-58 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	_____	_____
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?)	É desafiante.	“(…) é uma área cada vez mais desafiante porque cada vez mais é difícil captar a atenção deles e prende-los (…).”. (Anexo I, linhas 69-70 - Bloco C)
			Formas de motivar.	“E, temos mesmo que perceber não é que formas é que temos para os motivar para que de facto eles aprendam com motivação.”. (Anexo I, linhas 70-71 - Bloco C)
		Importância da Motivação dos Alunos	É importante.	“(…) se eles não estiverem motivados é mais difícil aprenderem.”. (Anexo I, linhas 81-82 - Bloco C) “(…) vamos ter sempre que arranjar formas de os motivar (…).”. (Anexo I, linhas 87-88 - Bloco C)

		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Depende.	<p>“É ... depende. Sabes que é muito específico para cada aluno.”. (Anexo I, linha 98 - Bloco C)</p> <p>“Mas há alunos que têm mais motivação para o Português, outros que não gostam. Tem haver um bocadinho às vezes também com aquilo que é mais nato neles, não é. Aquilo que eles têm mais facilidade “aaahhh” eles, normalmente, gostam mais.”. (Anexo I, linhas 103-106 - Bloco C)</p>
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)	3 alunos com N.E.E.	“(…) até tenho três alunos com …”. (Anexo I, linha 113 - Bloco C)
		Motivação dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)	Motivar de forma igual.	<p>“(…) eles integram muito bem qualquer elemento que apareça pelo caminho independentemente de terem ou não dificuldades.”. (Anexo I, linhas 141-143 - Bloco C)</p> <p>“Portanto, aquilo que eu faço para motivar os outros é igual...isso não faço nada de diferente. Pois, depois, tenho de termos em termos de avaliação obviamente, sim há uma diferenciação e o acompanhamento do trabalho individual tem de ter mais acompanhamento.”. (Anexo I, linhas 153-156 - Bloco C)</p>
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos	Quadro. Secretária.	“Para além das projeções que nós fazemos também, recorrer às tecnologias, aos computadores e também aos

		em diferentes áreas curriculares	Computador. Etc.	trabalhos práticos, experimentarem muito (...) fazer atividades em que eles têm de experimentar, têm de fazer. (...) Também pegar em exemplos do dia-a-dia, dar-lhes sempre a noção da aplicação prática das coisas, para quê que aquilo serve não é, aonde é que aquilo se reflete no dia-a-dia, de modo a fazer algum sentido.”. (Anexo I, linhas 175-179 - Bloco C)
			Projeto Educativo (Ensino através da Arte).	“Conseguimos captar muito mais os alunos, muito também através destes trabalhos que fazemos com eles onde integramos a arte. Conseguimos chegar muito mais a eles e puxar também pela criatividade, pelo lado de...desenvolvem-se além da criatividade não é, o interesse cultural e outras competências. Acho que é uma área importante para motivarmos os alunos, trabalharmos com eles através da arte.”. (Anexo I, linhas 193-198 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	Sim (Tem influência).	“Ah, sim! Claro que sim!”. (Anexo I, linha 203 - Bloco C)
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	Acompanhar os filhos.	“Os pais devem, não é, acompanhar os filhos. (Anexo I, linha 211 - Bloco C)

				<p>“E, o acompanhar não é sentar-me ao lado a fazer os trabalhos de casa...é falar um bocadinho sobre aquilo que eles fizeram na escola...portanto, claro que também ajudar na realização dos trabalhos de casa, tirando dúvidas, mas mais neste sentido de conversar, de perceber o que é que eles andam a fazer na escola.”.</p> <p>(Anexo I, linhas 213-218 -Bloco C)</p>
			Eles passam a maior parte do tempo na escola.	<p>“Eles passam a maior parte...durante a semana estão mais horas connosco do que com os pais.”. (Anexo I, linhas 218-219 - Bloco C)</p>
			Arranjar tempo para estar com os filhos, é possível.	<p>“(...) consegue-se sempre, com boa vontade, arranjar momentos de partilha não é, nem que seja no trânsito...naquele tempo em que estão no trânsito, falar um bocadinho sobre a escola, de uma forma construtiva.</p> <p>(Anexo I, linhas 222-225 - Bloco C)</p>
			Envolvimento dos Pais no Projeto Escolar.	<p>“Sim, nós temos essa preocupação. Não só porque é o nosso projeto que queremos dar visibilidade sobretudo a componente das artes, mas também é uma forma de os envolver. Algumas apresentações assistem e outras delas interagem, também têm um papel ativos nas apresentações.”. (Anexo I, linhas 232-235 - Bloco C)</p>

ANEXO XV

Análise de Conteúdos da Entrevista (2)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura em Gestão (Fez dois dos três anos de do curso de Gestão).	“Sou professora de 1.ºCiclo.”. (Anexo II, linha 27 - Bloco B)
		Ensino Superior	Ensino Complementar (equivalente ao 12.ºano do Ensino Secundário).	“A minha formação académica é o que corresponde hoje ao 12.º ano e depois tenho a frequência de três anos, mas no fundo dois, três se fosse completo, de Gestão (...)”. (Anexo II, linhas 51-53 - Bloco B)
			Não tem o Magistério Primário.	“Pois, antigamente havia muitas coisas. Quando eu era pequena, havia pessoas que com 4.ªClasse que davam aulas e que se chamavam regentes. Quando eu estudei, já só era com segundo ano complementar dos liceus que equivale hoje ao 12.ºAno e aí o Ministério passava um diploma. (...) Então tínhamos formações todos os anos em todos os lados do país, formações onde houvesse, (...) para todos os professores, mas a grande maioria estava nos colégios, estava na minha situação.”. (Anexo II, linhas 88-93; linhas 94-96 - Bloco B)

		Tempo de Serviço	40 anos.	“(...) pois já foi há 40 anos, (...)”. (Anexo II, linha 37 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Privado.	“Sempre em colégio privado porque nos não podemos concorrer ao público.”. (Anexo II, linhas 76-77 - Bloco B)
		Formação Contínua	Sim.	“Sim, sim, sim. Muitos anos. E ainda temos de vez em quando. Ainda o ano passado tivemos duas sobre portfólios, sobre não sei que mais, pois já não me lembro.”. (Anexo II, linhas 103-106 - Bloco B)
			Não eram obrigatórias.	“Não, não eram obrigatórias, mas faziam-se para que nós pudéssemos usufruir daqueles conhecimentos pois era e é sempre uma mais-valia para toda a gente.”. (Anexo II, linhas 118-120 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Matemática.	“Porque sempre gostei muito de Matemática.”. (Anexo II, linha 144 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?)	É difícil.	“É, assim...às vezes é difícil. Eu não sei se tu tens noção, mas eu tenho uma turma neste momento muito difícil pois tem sido difícil cativar a sua atenção. (...) O meu problema aqui é comportamental. Portanto, eu tenho de ter uma

				grande ginástica mental para os manter focados nas horas que eu quero que eles aprendam.”. (Anexo II, linhas 158-159; linhas 163-166 - Bloco C)
		Importância da Motivação dos Alunos	É importante. Com estratégias variadas os alunos sentem-se mais motivados.	“Eu acho que sim.”. (Anexo II, linha 195 -Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Estudo do Meio e de Matemática.	“Estudo do Meio e Matemática.”. (Anexo II, linha 201 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)	Não tem neste momento alunos com N.E.E.	“Eu este ano não tenho, mas já tive em anos anteriores.”. (Anexo II, linha 260 - Bloco C)
		Motivação dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)	O mesmo tipo de estratégias que utiliza as adaptadas aos alunos com N.E.E.’S.	“Os programas até eram adaptados para eles, claro. Até porque nós tínhamos orientação dos professores do ensino especial que vinham à sala dar aula. (...) Portanto, nós reuníamos-nos, arranjávamos métodos de trabalho, estratégias (...). Eles depois eram encaminhados para instituições onde os ensinam as rotinas diárias para que eles consigam viver em

				sociedade.”. (Anexo II, linhas 284-286; linhas 287-288; linhas 291-292 - Bloco C)
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	As estratégias variadas e práticas que acontecem no momento para depois consolidar de uma forma séria os conteúdos trabalhados.	“Atualmente existem materiais bons, há a internet, há essas coisas todas. Nós, por acaso até temos muitos materiais que vêm com os nossos manuais e são interessantíssimos como por exemplo os vídeos que os cativam mais. Quando a pessoa vai trabalhar mais seriamente o assunto, eles já visualizaram aquilo tudo. Eu faço isto para todas as disciplinas.”. (Anexo II, linhas 172-176 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	Depende.	“(…) depende das turmas, mas, também, dentro da turma há vários alunos e todos eles são diferentes. Portanto, não estão todos motivados da mesma forma. Eu acho que ninguém pode ter ilusões, que consegue motivar todos os seus alunos da mesma maneira pois não é verdade. Para mim não há fórmulas. (...) Eu tenho de arranjar ali um meio-termo para se estar à vontade na aula e isso é um meio caminho andado para os miúdos. O estarem à vontade permite que eles tirem dúvidas, dá “aso”

				<p>para falarem de tudo e sobre qualquer tema, dá “aso” para que venham falar comigo sobre assuntos que os preocupem, assuntos esses relacionados com o exterior à escola. Portanto, nós temos de ter uma relação com os miúdos em que eles sintam o nosso apoio pois também estamos todo o dia com eles.”.</p> <p>(Anexo II, linhas 225-228; linhas 239-244 - Bloco C)</p>
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	Pais com pouco ou nenhum interesse na aprendizagem dos alunos.	<p>“A maioria dos pais não eram assim há uns anos atrás pois eram pais preocupados, que vinham falar connosco, queriam inteirar-se das coisas para ajudar os filhos. Havia uma interajuda entre escola-pais. Hoje em dia, a maioria não é assim.” (Anexo II, linhas 310-313 - Bloco C)</p>
			Participação dos pais nas atividades escolares dos seus filhos.	<p>“São poucos os meus que não fazem isso. Mas é uma minoria. Ainda há uns tempos fizemos a Amostra CV, em que os pais vieram e até vieram muitos, mas participar nas atividades preparadas pelos alunos foram muito poucos pois quando viram o que era ficaram naquela “foi para isto que eu vim?”. (Anexo II, linhas 347-350 - Bloco C)</p>

ANEXO XVII

Análise de Conteúdos da Entrevista (3)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	“Eu tirei o curso de Professora de 1.ºCiclo que corresponde à licenciatura Pré-Bolonha.”. (Anexo III, linhas 35-36 - Bloco B)
		Ensino Superior	E.S.E. de Lisboa.	“Na Escola Superior de Educação em Lisboa e durou 4 anos.”. (Anexo III, linha 40 - Bloco B)
		Tempo de Serviço	9 anos.	“Trabalhei os dois primeiros anos num centro de estudos com alunos do 1.º ao 4.ºAno em que os ajudava na realização dos trabalhos de casa e dava-lhes apoio diário. Depois trabalhei quatro anos num colégio e só depois vim para este colégio trabalhar. Por isso, este é o meu nono ano de serviço.”. (Anexo III, linhas 44-48 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Privado.	“Sim.”. (Anexo III, linha 52 - Bloco B)
		Formação Contínua	Sim (algumas).	“Uma vez que o programa vai sofrendo algumas alterações, fiz algumas formações relacionadas nomeadamente relacionadas com a Matemática e algumas relacionadas com a área do Português. Fora isso, fiz formações em áreas de maior interesse,

				como por exemplo, a atuação em casos de crianças com uma determinada problemática ou às vezes aquelas formações de materiais para usar no dia a dia como é o caso da Escola Virtual, que convém estarmos atualizadas uma vez que este tipo de programa está relacionado com as novas tecnologias. (...) Portanto, tento estar sempre atualizada, tento estudar, isto é, temos de estar em constante aprendizagem.”. (Anexo III, linhas 57-66 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Matemática.	“Matemática, pois, é a área de maior interesse uma vez que é uma área onde existe maior possibilidade de exploração de materiais. A Matemática como eu costumo dizer está em todo o lado, mas o Português também está. (Anexo III, linhas 72-74 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?)	Motivação para aprender é um constante desafio.	“(…) primeiro de tudo é valorizar aquilo que eles sabem pois se nós começarmos por valorizar aquilo que os alunos sabem estimulando o aquilo que eles sabem e a partir daí desenvolverem coisas novas, eu acho que eles sentem-se importantes e querem

				<p>sempre saber mais qualquer coisa. Isso é a primeira coisa, valorizar sempre tudo aquilo que eles nos trazem. E, depois, os desafios, portanto, eles sentirem que tudo aquilo que eles podem aprender e que podem sempre aprender mais e enquanto eles se sentirem desafiados vão estar sempre motivados. (...) Não é aprender porque a escola quer ensinar, mas aprender porque eu quero aprender porque isto é importante para eu conseguir fazer determinadas coisas.”. (Anexo III, linhas 88-95; linhas 103-105 - Bloco C)</p>
		<p>Importância da Motivação dos Alunos</p>	<p>É importante, mas pode-se aprender sem estar motivado.</p>	<p>“Mas não é tao enriquecedor. Eles podem aprender muito mais e melhor se estiverem motivados”. (Anexo III, linhas 110-111 - Bloco C)</p>
		<p>Áreas Curriculares que Motivam os Alunos</p>	<p>Depende (momentos em que estão mais motivados ou não).</p>	<p>“É, isso depende também das áreas de interesse deles, depende os alunos. Eu não consigo achar que sejam partes do dia. Se calhar de manhã, eles estão mais curiosos por ser um novo dia e “o que é que vamos fazer hoje?” e se calhar se nós logo aí de manhã lançarmos logo um desafio ainda captámos a</p>

				<p>atenção deles todos porque é o início do dia. Mas depois depende das áreas de interesse deles pois há miúdos e depende dos miúdos, pois há miúdos que não têm interesse por nenhuma área, não é? Depende sempre dos alunos.”. (Anexo III, linhas 117-123 - Bloco C)</p>
			<p>Estudo do Meio e Matemática.</p>	<p>“(…) maioritariamente gosta da área do Estudo do Meio que também está em todo lado. Os alunos também se interessam bastante pela Matemática, que é uma coisa nunca tinha visto, alunos gostarem de Matemática. Por norma, a Matemática é a área que menos gostam. (...) No entanto, a área do Estudo do Meio é a área que gostam mais por estar relacionada com o dia-a-dia deles, muitas vezes é mais fácil pois é contarem situações do dia-a-dia deles. Eles ainda estão numa fase ainda um pouco egocêntrica, não sei se terá a ver com isso. Para além disso, é uma fase onde fazem experiências, tudo o que envolva manipular de modo geral eles gostam</p>

				bastante.”. (Anexo III, linhas 130-133; linhas 134-139 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e a sua motivação	Tem dois alunos com N.E.E.’S.	“(…) valorizares o que ele sabe em determinados momentos em que outros alunos não saibam. (...) É uma coisa que aqui dentro da sala eu não deixo passar comentários sobre o trabalho de alguém porque um aluno não sabe uma coisa e o outro aluno não sabe outra coisa. Portanto, ninguém sabe tudo, não é? E eu tento sempre mostrar-lhes isso, que todos nós enganamos, eu própria me engano. (...) Portanto, é por aí, por um lado a valorização daquele que erra mais vezes e por outro lado a punição daquele que critica o outro que erra e fazê-lo entender que o colega erra, mas que ele próprio também erra em algumas coisas. Portanto vou por aí.”. (Anexo III, linhas 187-188; linhas 190-193; linhas 203-205 - Bloco C)

			Projeto Educativo da Escola.	<p>“Sim, uma vez que os estimulamos para as diferentes áreas. Portanto, um aluno que não é bom a Português nem a Matemática ou a Estudo do Meio, pode ser bom na dança, ou pode ser bom no teatro ou pode ser bom na música não é. Ele está a ter contacto com outras áreas que não apenas as áreas académicas. E isto é bom para eles. E esta integração da música e de outra qualquer arte nas aprendizagens acaba por ter influência nas aprendizagens.”. (Anexo III, linhas 233-238 - Bloco C)</p>
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Depende da área curricular e do conteúdo.	<p>“Depende da área, depende do conteúdo. Falando na Matemática e, como já te disse, eu valorizo bastante a utilização dos materiais para eles manipularem, para eles experienciarem as coisas. Isso acaba também por acontecer um bocadinho na área do Estudo do Meio, quando fazemos algumas experiências. Mas não há assim uma caixa mágica, não é?”. (Anexo III, linhas 145-149 - Bloco C)</p>

			Para estar motivado, é necessário criar diferentes estratégias.	“(...) estratégias vêm um bocadinho de acordo com os conteúdos, não é? Se calhar há conteúdos em que eles precisam de se sentar e manipular algum material, se calhar há conteúdos em que têm de olhar para a rua primeiro e ver...não sei. Depende mesmo dos conteúdos. (Anexo III, linhas 156-159 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	Tem influência.	“Nós somos a referência deles. (...) Portanto, se nós estamos motivados e se gostamos daquilo que estamos a fazer e se damos importância àquilo que estamos a fazer, inevitavelmente isso vai passar para eles. Eles estão numa fase que absorvem tudo e por isso acaba por ter influência, não é? (...) Vais te moldar um bocadinho ao temperamento em que eles estão e isso acaba por acontecer um bocadinho em sala de aula.”. (Anexo III, linha 210; linhas 216-219; linhas 223-224 - Bloco C)
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	Qual deveria ser o papel dos pais?	“(...) a escola é muito importante e os pais em casa deveriam transmitir essa mensagem aos seus filhos de modo a que os filhos respeitassem a escola, a

				professora, não a professora “C.M.” mas sim o papel do professor e que os incentivassem e que os motivassem para que eles na escola estivessem despertos para aprender.”. (Anexo III, linhas 273-277 - Bloco C)
			Qual é o papel dos pais?	“Os pais devem incentivar os alunos a perceberem qual é o papel da escola. (...) Eu acho que, hoje em dia, a sociedade está um pouco naquela da compensação. Eles passam tão pouco tempo juntos e acabam por compensa-los. (...). Eu acho que o papel dos pais deveria ser esse, de se interessar por aquilo que o filho fez na escola e depois ver o que ele fez. (...) devem os ajudar e de saber o que eles fizeram na escola bem como tentarem achar coisas boas que os seus filhos fazem nas escolas...”. (Anexo III, linhas 285-286; linhas 287-289; linhas 294-295; linhas 297-299 - Bloco C)
			Pais mais ativos.	“Sim. (...) Eu acho importante que nunca falem mal da escola à frente dos seus filhos e que os estimulem no sentido do que é que a escola pode dar e porquê.

				<p>Ah e outra coisa que eu acho importante é que os pais com as aprendizagens que eles vão tendo lhes mostrem a aplicação no dia-a-dia.”. (Anexo III, linhas 303-309 - Bloco C)</p>
--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO XVIII

Análise de Conteúdos da Entrevista (4)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	“Sou professora de 1.ºCiclo.”. (Informação fornecida fora do contexto de entrevista)
		Ensino Superior	E.S.E. de Coimbra.	“Escola Superior de Educação de Coimbra”. (Informação fornecida fora do contexto de entrevista)
		Tempo de Serviço	13 anos	“Eu comecei a exercer em 2005. Não foi logo em 2004 pois tive um ano a dar explicações num centro de estudos, entre setembro de 2004 e junho de 2005. E só comecei a dar aulas, no sentido que tu conheces aqui em 2005.”. (Anexo IV, linhas 41-43 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Privado e Público.	“Olha, eu já trabalhei no privado (...). No público, (...)”. (Anexo IV, linha 48; linha 54 - Bloco B)
		Formação Contínua	Imensas.	“(…) Fiz imensas. Fiz uma sobre o acordo ortográfico, fiz uma sobre dislexia, disortografia e disgrafia. E ainda fiz uma Pós-graduação em Educação Especial.”. (Anexo IV, linhas 88-90 - Bloco B)

		Áreas de Interesse	Necessidades Educativas Especiais	<p>“Eu gosto das Necessidades Educativas Especiais. Ou seja, os alunos que chegam aqui à minha sala de aula e têm Necessidades Educativas Especiais diferentes dos comuns interessam no sentido em que gosto de poder ajudá-los, portanto a formação de ensino especial também serviu um pouco para isso. Nem foi tanto para exercer a função de professora de Ensino Especial, mas mais para poder ajudar os meus alunos porque em contexto profissional vai sempre surgindo na tua turma alunos que precisem mais de ti.”. (Anexo IV, linhas 98-101 - Bloco B)</p>
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e sua importância	É fundamental.	<p>“(…) É assim, isso é fundamental pois têm de estar motivados porque um aluno desinteressado não liga a nada. E se nós formos tentando trazer coisas que tem haver com as suas vontades, os seus gostos, com aquilo que os anima e que os motiva, é mais fácil predispô-los para a aprendizagem claro a motivação...e isso também acontece com os adultos, não é?”. (Anexo IV, linhas 112-116 - Bloco C)</p>

		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Como se verifica que os alunos estão ou não motivados.	“Às vezes, tu percebes que eles estão a gostar muito e há outras vezes em que tu vês que eles estão longe. E, quando eles estão longe, às vezes, é preciso mudar de estratégia toda. (...)”. (Anexo IV, linhas 121-123 - Bloco C)
			Estudo do Meio e Matemática.	“Normalmente, é o Estudo do Meio. Eles ficam muito contentes quando trabalham o Estudo do Meio e quando têm coisas práticas à frente. Na Matemática, também vejo que é fácil fazer atividades práticas e é fácil motivá-los.”. (Anexo IV, linhas 142-144 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação	Há que trabalhar desde sempre e de uma forma aberta, esta realidade com a turma que temos.	“(…) tem de ser um trabalho do professor e tentar que a turma respeite a criança que realmente tem Necessidades Educativas Especiais. (...) Eu acho que o professor deve ir estando atento também a isso. Tentar ajudar os miúdos de maneira a que eles percebam as suas dificuldades e, portanto, isso não pode ser nunca um motivo para desistir. Tem que aqui haver sempre um reforço por parte do professor “boa tu consegues, vais conseguir. Não desistas” e

				também tem de haver uma conversa com todos os outros alunos para que não haja segregação, não é?”. (Anexo IV, linhas 212-213; linhas 233-238 - Bloco C)
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Materiais manipuláveis.	"Tudo o que envolve coisas práticas motiva-os mais e o que os motiva muito mais gera aprendizagem significativa.”. (Anexo IV, linhas 168-169 - Bloco C)
			Projeto educativo da escola.	“Sim, eu acho que é mais estimulante sim. Às vezes através da dança ou através da plástica ou através da música, eu acho que sim, sem dúvida. Para eles é uma questão de motivação.”. (Anexo IV, linhas 245-247 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Aprendizagem	Influencia na aprendizagem dos alunos.	“Sim, claro. Se eles não gostarem de ti, vão sentir resistência em aprender.”. (Anexo IV, linhas 198-199 - Bloco C)
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	É importante, mas nem sempre acontece.	“Também é importante, não é?”. (Anexo IV, linha 252 - Bloco C) “Nem sempre acontece, sim. Às vezes, os medos dos pais refletem-se muito nos alunos. Pais muito

				<p>ansiosos geram filhos com ansiedade, não é? Pais descontráidos, mas que os estimulam para aprendizagem que os estimulam para as coisas, para experimentar são crianças que se tornam alunos sem medos, não é?”. (Anexo IV, linhas 256-259 - Bloco C)</p>
--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO XIX

Análise de Conteúdos da Entrevista (5)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Professora de 1.º Ciclo.	Informação fornecida fora do contexto da entrevista.
		Ensino Superior	Ensino Complementar (equivale ao 12.º ano do Ensino Secundário).	“Não tenho o Magistério. (...) Ou seja, a partir do momento em que tivéssemos o Ensino Complementar que era equivalente ao 12.º Ano, era passado um diploma que nos permitia exercer enquanto professores. E quem nos passava esse diploma era o Ministério da Educação. E eu tenho esse diploma que me habilita a dar aulas ao 1.º Ciclo.”. (Anexo V, linhas 39-43 - Bloco B)
		Tempo de Serviço	37 anos (desde 1980).	“Sim, mas nem sempre no 1.º Ciclo pois tive 6 anos como monitora da Telescola.”. (Anexo V, linhas 48-49 - Bloco B)
			Telescola (6 anos).	“(…) ensino através da televisão.”. (Anexo V, linha 54 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Privado.	“Tenho um diploma que me habilita a exercer no ensino particular.”. (Anexo V, linhas 34-35 - Bloco B)
		Formação Contínua	Sempre.	“(…) Fiz várias formações em colégios, normalmente era em colégios. Eles convidavam vários professores,

				inclusive do estrangeiro como professores de universidades espanholas que vinham ministrar determinadas disciplinas. E isso foi muito bom. Essa época foi muito enriquecedora pelo facto de todos os anos, em julho e setembro, normalmente fazíamos imensos cursos de formação, várias formações. Essas formações não eram de muitas horas. Chegavam a ser de 4 a 5 dias. Mas fazíamos sempre pois preocupavam-se com que nós fizéssemos as mesmas.”. (Anexo V, linhas 119-125 - Bloco B)
			Não eram obrigatórias.	“Não, pois na altura não eram obrigatórias. E eu sempre participei em todas pois era uma mais-valia para mim”. (Anexo V, linhas 129-130 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Matemática e Ciências.	“Sim, sem dúvida”. (Anexo V, linha 145 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e a sua importância	É essencial.	“É essencial que nós arranjemos estratégias de motivação para eles uma vez que cada vez mais a motivação...se estivermos à espera que eles estejam motivados só porque sim, é complicado. Tem de haver qualquer coisa que dê o clique, que os

				desperte, qualquer coisa. O que nem sempre é fácil, mas pelo menos temos de ter essa preocupação como professores.”. (Anexo V, linhas 154-158 - Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Verificar a motivação dos alunos nas suas aprendizagens.	“(…) Portanto, isto tem a ver com o meio em que estão inseridos, não é? Com a família e com tudo mais. O que por vezes não chega. A motivação por si só não chega, não é?”. (Anexo V, linhas 164-165 - Bloco C)
			Estudo do Meio.	“Eles adoram Estudo do Meio. Também para eles é o que lhes parece mais fácil, não os exige tanto esforço...quanto a mim, é a área que mais interesse lhes desperta.”. (Anexo V, linhas 170-172 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação	Os alunos têm de ter muita ajuda de grupo.	“(…) têm de ter muita ajuda do grupo. O grupo tem de a compreender e por isso têm de ter muita ajuda. Portanto, tem de estar bem inserida no grupo e, isso faz toda a diferença. E nós temos de ter em atenção as perguntas que fazemos, a situação em que a colocamos. (...) Não é só a aula ou o apoio que é dado aqui em sala de aula que é muito pouco. Nós com um

				<p>grupo, dependendo do número, mas mesmo que não seja muito grande o grupo, dificilmente conseguimos superar as dificuldades ou suprimir ou minimizar as dificuldades dessa criança. Tem de ter muito apoio fora da sala de aula, mesmo que fora ou dentro, pois eu já tive crianças que eram apoiadas pelas professoras de Ensino Especial dentro da sala de aula. (...)”. (Anexo V, linhas 224-227; linhas 229-233 - Bloco C)</p>
		<p>Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares</p>	<p>É necessário arranjar estratégias.</p>	<p>“Essencialmente, é necessário arranjar algumas estratégias (...). (...) conseguir materiais manipuláveis, que consigam ver, que consigam descobrir. Porque só os manuais, só as fichas, só isso não os motiva grandemente. Pode ser muito engraçado porque é um livro novo, uma ficha nova, mas não passa por aí.”. (Anexo V, linhas 178-183 - Bloco C)</p>
		<p>Relação Professor-Aluno na Motivação do</p>	<p>Influencia.</p>	<p>“Influencia, pois claro. A relação tem de ser boa. O professor tem de se relacionar bem com os alunos. Portanto, à partida tem que haver, mas agora o que</p>

		Processo de Ensino-Aprendizagem		é ter uma boa relação com as crianças? É preciso saber o que é ter uma boa relação com elas? O que é isso? Também há que perguntar isso?”. (Anexo V, linhas 243-246 - Bloco C)
			Uma boa relação.	“Se é deixar fazer o que elas querem, se é ser exigente, se é ser carinhosa, se é...eu acho que é um bocadinho de tudo o que é necessário para as motivar. Se uma criança for contrariada para aula sala de aula, se tiver medo da professora ou se não estiver à vontade com a professora dificilmente a aprendizagem será boa ou pelo menos será mais complicada. Portanto, terá que haver uma certa confiança da parte da criança para com a professora, o à vontade não é à vontadezinha, mas que possa exprimir-se, não tenha receio-os. Eu acho que é essencial.”. (Anexo V, linhas 250-256 - Bloco C)
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	É importante, mas...	“(…) Portanto, há necessidade que o pai e a mãe também expliquem em casa a importância da escola e o motivar para isso. Portanto, o levarem a criança a passear, a conhecer, a ter sede de conhecimento e

				às vezes isso não acontece.”. (Anexo V, linhas 269-272 - Bloco C)
--	--	--	--	-------------------------------------------------------------------

ANEXO XX

Análise de Conteúdos da Entrevista (6)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.	“Eu já estou a trabalhar há cinco anos e por isso terminei o meu curso precisamente há cinco anos. Comecei por tirar a Licenciatura em Educação Básica e posteriormente, tirei o Mestrado de Ensino do 1.º e 2.º Ciclo de Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Lisboa.”. (Anexo VI, linhas 35-38 - Bloco B)
		Ensino Superior	E.S.E. de Lisboa	
		Tempo de Serviço	5 anos.	
		Ensino Privado ou Público	Privado.	O estabelecimento de ensino onde se encontra a trabalhar há cinco anos é privado. Informação obtida fora do contexto da entrevista
		Formação Contínua	Sim.	“Nós fazemos formações todos os anos. (...) formações que têm de ser feitas constantemente uma vez que estão sempre a mudar as coisas. Nesta profissão, sempre que um documento orientador muda ou apresentam-te outro, tens que estar a par das alteações que foram dadas porque depois todos os anos vão ser diferentes. (...)”. (Anexo VI, linha 51; linhas 56-59 - Bloco B)

		Áreas de Interesse	Competências Sociais dos Alunos.	<p>“Eu interesso-me muito pelas competências sociais dos alunos. E é uma das coisas que eu trabalho muito na minha sala de aula. (...) E todos os anos, tenho por hábito trabalhar as competências sociais dos meus alunos porque depois no meu entender isso ajuda-os, torna-os melhores seres humanos, espero eu. Mas isso ajuda na dinâmica de sala de aula, o respeito pelo outro, a interajuda, o trabalho em conjunto pois “as minhas dificuldades não são as mesmas que o outro, mas ele também tem dificuldades em eu o posso ajudar. (...)” (Anexo VI, linhas 79-81; linhas 84-88 - Bloco B)</p>
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e sua importância	Motivar é o interesse em aprender.	<p>“Estar motivado para aprender é estar interessado, é o querer aprender.”. (Anexo VI, linhas 101-102 - Bloco C)</p> <p>“(...) Tens de arranjar estratégias diferentes para cada aluno. E aí parte da forma como tu te relacionas com os teus alunos. Para mim, é muito importante criar uma boa relação com cada um</p>

				deles. Todos os dias criar uma situação com cada um deles de maneira a que eles confiem em mim e naquilo que lhes vou dizer. (...) ”. (Anexo VI, linhas 126-129 - Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Verificar se os alunos estão ou não motivados.	“Isso pode depender do grupo de turma. Mas acho que se a conversa e o tema forem agradáveis os alunos gostam de conversar, de dar a opinião deles, (...)”. (Anexo VI, linhas 193-194 - Bloco C)
			Estudo do Meio.	“O Estudo do Meio é a área pelo qual demonstram mais interesse pois são aulas mais dinâmicas. Nesta área falamos do mundo, falamos das ciências, da história, falamos da cultura geral e é aí onde dedicamos mais tempo à conversa. (...)” (Anexo VI, linhas 211-213 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação	_____	_____

		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Arranjar diferentes estratégias para cada aluno.	“(…) Se todas as tuas estratégias forem diferentes a cada aula que tu dás, os alunos vão estar sempre entusiasmados porque vão sempre ver uma coisa nova. (...) E às vezes as pessoas acham que as pessoas têm de fazer isto pelas crianças, é estar constantemente a motivá-las, estar-lhes constantemente a lacer-lhes desafios, a criança tem de estar constantemente estímulos. Mas isso não acontece no nosso dia-a-dia. (...)”. (Anexo VI, linhas 157-158; linhas 161-163 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	É um meio caminho andado.	“Para mim, é meio caminho andado. (...) se a relação com os teus alunos correr bem, é meio caminho andando para que te façam a vontade e experimentem, pois, às vezes eles não querem experimentar e se tu pedires e reforçares como foi da outra vez e que até corre bem o aluno faz. Criares aqui uma situação, eu acho que funcionada. Mas claro que é importante estabelecer aqui um limite pois não deixa de ser uma relação que tu crias, não deixa de ser uma

				relação de professor-aluno. (...)”. (Anexo VI, linha 222; linhas 236-241 - Bloco C)
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	É essencial.	<p>“(…) papel dos pais é essencial.”. (Anexo VI, linha 258 - Bloco C)</p> <p>“(…) Os pais têm de perceber e respeitar qual é o nosso papel enquanto professores, escola e afins assim como nós devemos compreender a estrutura familiar de cada aluno e procurar um equilíbrio pois senão quem sofre, é a criança.”. (Anexo VI, linhas 289-292 - Bloco C)</p>

ANEXO XXI

Análise de Conteúdos da Entrevista (7)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	“É assim, eu tirei o curso na Escola Superior de Educação Jean Piaget em Macedo de Cavaleiros e tenho formação no 1.º e 2.ºCiclo embora só tenha trabalhado no 1.ºCiclo. Trabalho há dezasseis anos.”. (Anexo VII, linhas 26-28 * Bloco B)
		Ensino Superior	E.S.E. Jean Piaget Macedo de Cavaleiros.	
		Tempo de Serviço	16 anos.	
		Ensino Privado ou Público	Público.	“Sim, sempre trabalhei em escola pública.”. (Anexo VII, linha 33 - Bloco B)
		Formação Contínua	Várias.	“Sim, já fiz várias formações na área da Matemática e na área das Expressões mais precisamente.”. (Anexo VII, linhas 37-38 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Português e Matemática.	“Eu acho que tem muito a ver com o meio em que eu trabalho. Ora nós temos um currículo para dar e as crianças têm muita dificuldade em Português e daí nós querermos criar crianças autónomas pois precisam do Português para trabalhar as outras áreas daí nós aplicarmos muito tempo nessas áreas. É também quase uma obrigação e daí eu dedicar mais tempo a essas áreas e as outras áreas acabam por ficar um pouco mais de lado, especialmente no

				primeiro e segundo ano.”. (Anexo VII, linhas 53-59 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?)	A forma como se expressa.	“(…) Motivar passa pelo próprio discurso do professor pois se eu falar para a turma de uma forma simpática, estou a motivá-los. A minha própria expressividade pode motivar ou desmotivar uma turma. (...)”. (Anexo VII, linhas 66-68 - Bloco C)
		Importância da Motivação dos Alunos	É essencial.	“Exatamente. Eu acho que é essencial motivar os alunos para aprendizagem.”. (Anexo VII, linhas 78-79 - Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Verificar se os alunos estão ou não motivados.	“Eu acho que a forma como eles participam em sala de aula pois nota-se mais quando as crianças participam mais pois levantam mais vezes o braço, mesmo que não seja para dar a resposta correta, não é? Isso demonstra interesse. Voltando a falar e vou falar várias vezes, o meio onde eu trabalho, as crianças virem mais assiduamente à escola, isso também demonstra interesse da parte delas pela escola.”. (Anexo VII, linhas 84-88 -Bloco C)

			Em todas as áreas.	“(…) é assim não lhe sei dizer pois dentro das áreas eles demonstram-se motivados.”. (Anexo VII, linhas 121-122 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação	Não é fácil.	“É assim, nós na escola onde eu trabalho temos sempre em média quando acabamos o 4.º Ano termos quatro ou cinco alunos com Necessidades Educativas Especiais por sala de aula. E há aqui colegas com seis ou sete alunos com N. E. E. na turma. As nossas turmas são muito diferentes pois temos vários grupos em sala de aula. E por vezes nós não nos conseguimos desdobrar. (...)”. (Anexo VII, linhas 163-168 - Bloco C)
			Adaptar ou mudar de estratégia.	“Eu neste momento, por exemplo eu tenho quatro alunos que não conseguiram aprender a ler no 1.º Ano. No 2.º Ano, mudei de estratégia, comecei com o método de trabalho diferente, mais no Português para criar autonomia porque uma criança que chegue ao 2.º Ano que vê os outros colegas a ler e eles não conseguem vai desmotivação. Então peguei noutro tipo de trabalho, peguei no método de junta

				de palavras para os quatro. Do pouco tempo que eu lhes pude dar, eu depois tenho os alunos que andam mais ou menos, tenho outros com dificuldades e não temos Apoio Educativo na escola, que são alunos que não foram avaliados ainda e estão a ser avaliados no final do 2.º Ano. (...)”. (Anexo VII, linhas 168-177 - Bloco C)
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Tenta diversificar dentro do que é possível.	“Depende das áreas. Sempre que possível fazer uma experiência, quando é possível vir aqui à horta vir algumas vezes, não tantas quanto devíamos. Se estamos em Estudo do Meio vir aqui à horta para eles contactarem e verem...atividades do exterior, mas é como eu lhe digo. (...)”. (Anexo VII, linhas 142-145 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	É essencial.	“Para mim é essencial. Eu com a minha experiência e que me ajudo e ainda para mais no meio social onde eu trabalho em que existem crianças muito carentes, é essencial haver uma boa ligação. Mesmo no fim da aula chamar a criança para falar “tu consegues...” e ainda hoje aconteceu isso com um aluno! Ainda para

				<p>mais são famílias com problemas em casa que nos vão chegando e que por vezes são graves e nós sabemos que aquele comportamento tem motivo e chamar, mas não é ralhar, mas sim tentar perceber o que se passa e dizer que é capaz, que vai conseguir e que confio nele...sempre com um discurso de motivação...há aqui crianças têm uma autoestima muito baixa e é preciso motivar de alguma maneira, não é?”. (Anexo VII, linhas 207-215 - Bloco C)</p>
		<p>Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos</p>	<p>É importante.</p>	<p>“Efetivamente que sim. E eu ao longo destes anos que trabalho aqui, houve uma altura que as coisas pareciam melhorar nesse sentido, mas curiosamente nestes últimos dois três anos tem se invertido. Quando abordamos os pais sobre isso, eles parecem que percebem, mas depois acabam por contrariar isso talvez na forma como transmitem às crianças o valor da escola.”. (Anexo VII, linhas 105-109 – Bloco C)</p>
			<p>Meio onde estão inseridos.</p>	<p>“Sim, também. Aqui o meio influencia muito essa motivação, não é?”. (Anexo VII, linha 113 - Bloco C)</p>

ANEXO XXII

Análise de Conteúdos da Entrevista (8)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	“Ora bem...eu acabei o curso em 2005.”. (Anexo VIII, linha 27 - Bloco B)
		Ensino Superior	Licenciatura Pré-Bolonha.	“(…) curso pré-Bolonha que teve a duração de quatro anos com meio ano de trabalho final de curso. Portanto, foram quatro anos e meio.”. (Anexo VIII, linhas 32-33 - Bloco B)
		Tempo de Serviço	12 anos.	
		Ensino Privado ou Público	Público e Privado.	“Estive a trabalhar nos dois sítios.”. (Anexo VIII, linha 44 - Bloco B)
		Formação Contínua	Imensas.	“Sim, em Ciência Viva pois estou ligado à comunidade Scientist, tenho formações regulares nos últimos quatro anos, no Oceanário. Sou formador. Tenho formação em Pós-Graduação da Coordenação e Gestão da Atividade Formativa. Tenho uma formação específica na área de Língua Gestual, na área do Ensino do Português para Estrangeiros, na área de Escrita Criativa, entre outras formações.”. (Anexo VIII, linhas 64-68 - Bloco B)

		Áreas de Interesse	Necessidades Educativas Especiais.	“(…) Gosto muito das Necessidades Educativas Especiais. (…”. (Anexo VIII, linhas 78-79 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e sua importância	Nós estamos sempre a aprender ao longo da vida.	“(…) Claro que se nós, crianças, formos estimuladas a aprender, à descoberta o que eu acho que é isso motivar para aprender significa, motivar para a descoberta, por uma série de vias chegarmos ao conhecimento. Há uma série de ferramentas que podemos utilizar em contexto pedagógico quer em contexto mais informal na abordagem de matérias que os alunos vão se deparando com elas ao longo da vida...e eu acho que essa motivação para a descoberta tem de estar 100% num professor de 1.ºCiclo, num Educador de Infância, é dali que vai obter essa aptidão pelo conhecimento. Aprender não é nada mais do que absorver conhecimento.”. (Anexo VIII, linhas 125-132 - Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Verificar se os alunos estão ou não motivados para aprender.	“Muitas vezes, eles não estão motivados para aprender. Esse é que é o nosso ponto de partida. Às vezes, é tentar perceber se eles estão ou não motivados para aprender, se eles estão ou não

				<p>motivados e/ou interessados naquilo que é a transmissão do conhecimento, que é a nossa função, ou seja, transmitir o conhecimento de forma estruturada. E, muitas vezes, encontramos alunos que por e simplesmente não estão com disposição para e é necessário arranjar uma série de ferramentas, uma série de canais pelos quais nós possamos lá chegar. Isto são coisas que a nossa própria formação depois nos ensina no terreno a abordagem à escrita, à leitura e afins.”. (Anexo VIII, linhas 136-143 - Bloco C)</p>
		<p>Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.)</p>	<p>Falta de recursos na escola pública.</p>	<p>“A escola pública não está preparada para receber estas crianças pois temos faltas de recursos pois não temos psicólogos, terapeutas da fala, nós não temos toda uma rede de agentes que deve de estar numa escola. Não é aparecerem. (...)”. (Anexo VIII, linhas 125-127 - Bloco C)</p>
		<p>Motivação dos Alunos com Necessidades</p>	<p>Falta de recursos leva à desmotivação destes alunos.</p>	<p>“Exatamente. Os pais já têm poucos recursos, já acreditam em pouca coisa. Quando a escola apresenta aquilo que lhes apresenta, no lugar</p>

		Educativas Especiais (N.E.E.)		deles não teria muita esperança.”. (Anexo VIII, linhas 236-238 - Bloco C)
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Papel, mesa e quadro não basta.	“Não de todo.”. (Anexo VIII, linha 163 - Bloco C) “Não. Quando estamos a falar disto, estamos a falar por exemplo “lá em casa quando a mãe fizer a lista das compras, tu é que fazes a lista das compras e vais me trazer escrito a lista das compras que a mãe fez no fim-de-semana” e se a mãe participar, perfeito. Se a mãe disser “um quilo de arroz” ele vai escrever da maneira que quiser escrever pois não interessa se ele tem poder caligráfico pi se ele desenha.”. (Anexo VIII, linhas 169-173 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	<hr/>	<hr/>

		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	<p>É importante.</p>	<p>“(…) Para mim é crucial, o seio familiar no desenvolver das competências de um aluno, de uma criança. E quando eu falo em competências, falo em competências socioeducativas. É essencial o papel das famílias e, quando eu falo, não falo de pais, mas sim de família pois há crianças que não estão com os pais e sim com outros membros da família.”. (Anexo VIII, linhas 177-181 - Bloco C)</p>
--	--	------------------------------------------------------------	----------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO XXIII

Análise de Conteúdos da Entrevista (9)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Professora de 1.ºCiclo. Licenciatura.	“Ora, eu terminei o curso em 1995. E, por isso, já estou a exercer há vinte e dois anos. (...)”. (Anexo IX, linhas 27-28 - Bloco B)
		Ensino Superior		
		Tempo de Serviço	22 anos.	
		Ensino Privado ou Público	Privado e público.	“Trabalhei três anos no Ensino Particular e depois três anos em Londres e sete anos em Nova York e estou aqui a trabalhar há sete anos.”. (Anexo IX, linhas 28-29 - Bloco B)
		Formação Contínua	Várias.	“Sempre fiz formações em áreas que eram importantes para mim como, por exemplo, fiz formações relacionadas com a Matemática, com as Artes, em Liderança, em Horticultura, entre outras.”. (Anexo IX, linhas 54-56 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Matemática.	“Aquela que eu mais gosto de trabalhar é Matemática, mas eu acho que as crianças precisam de trabalhar mais as Artes.”. (Anexo IX, linhas 61-62 - Bloco B)
A Importância	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em	A escola precisa de mudar.	“(…) E vai mudar na forma como interage com as comunidades, na forma como as crianças aprendem,

de Motivar para Aprender		aprender (o que sente?)		na forma e nos conteúdos que são ensinados porque aquilo que nós hoje ensinamos (...). (...) Mas crianças precisam de aprender coisas que hoje não praticam como comunicar oralmente, a área da criatividade, a área da assertividade...tudo isso não é trabalhado e são essas coisas, essas competências que vão ser essenciais para a vida profissional dos nossos alunos por daqui a vinte anos.”. (Anexo IX, linhas 73-75; linhas 77-81 - Bloco C)
		Importância da Motivação dos Alunos	É importante, mas os alunos atualmente não se encontram motivados para aprender.	“Não. O currículo, a forma como as escolas estão estruturadas até fisicamente, a forma como a escola está pensada em termos de algo para a comunidade. As crianças sofrem na escola e os professores, também.”. (Anexo IX , linhas 86-88 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação	<hr/>	<hr/>

		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Interesses e necessidades dos alunos.	“(…) Ou seja, em conjunto com as crianças definiam-se o que é que gostávamos de aprender, sobre o que é que gostávamos de aprender e eu utilizava isso como pretexto. Ensinava Língua, Matemática, Oralidade, tudo através de projeto. (…”. (Anexo IX, linhas 107-109 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	Influencia.	“Pode. E a relação que os professores têm com a comunidade, o envolvimento das famílias em sala de aula, sim.”. (Anexo IX, linhas 119-120 - Bloco C)
		Pape dos Pais na Motivação dos seus Filhos	É fundamental, mas nem todos os pais são iguais.	“Por isso, é que é fundamental envolve-los a todos. Porque quando as pessoas dizem “ah a cultura do bairro, a cultura do país ou a cultura daquela comunidade” é falso. Cada família tem uma cultura. E nós, enquanto professores, não temos de satisfazer a cultura da comunidade, mas sim satisfazer a cultura de cada família.”. (Anexo IX, linhas 128-131 - Bloco C)

ANEXO XXIV

Análise de Conteúdos da Entrevista (10)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	Professora de 1.º Ciclo. Informação obtida fora do contexto da entrevista
		Ensino Superior	E.S.E. Jean Piaget	“Tirei o curso em Macedo de Cavaleiros, no distrito de Bragança e teve a duração de quatro anos e o estágio.”. (Anexo X, linhas 32-33 - Bloco B)
		Tempo de Serviço	17 anos.	“Há dezassete anos.”. (Anexo X, linha 28 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Público.	“Sim, sempre.”. (Anexo X, linha 81 - Bloco C)
		Formação Contínua	Imensas e não são obrigatórias.	“Sim, faço formações anuais.”. (Anexo X, linha 41 - Bloco B) “Não são obrigatórios fazer. Faço porque me agradam e interessam para a minha profissão para depois me ajudar enquanto docente ao longo da minha prática.”. (Anexo X, linha 45-46 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Português.	“Português. Mas não sei...é uma área que gosto pessoal e isso depois reflete-se naquilo que se transmite aos alunos. E é uma área extremamente importante para a leitura e para a escrita. Se trabalharmos bem o Português, isso depois vai se

				refletir na Matemática, no Estudo do Meio e em todas as outras áreas. Então aqui neste meio o Português é extremamente importante.”. (Anexo X, linhas 51-55 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e sua importância	Os professores devem de estar motivados para que os alunos também assim estejam ao longo da sua aprendizagem.	“Eu sinto-me muito motivada para ensinar os alunos. Primeiro, eu tenho de estar eu para depois poder transmitir isso às crianças. Através do lúdico, às vezes isso é muito importante os jogos, quaisquer cartazes que despertam a atenção...”. (Anexo X, linhas 65-67 - Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Expressões (Dramática, Musical, Plástica, entre outras). Português e Estudo do Meio.	“Eles gostam muito da área das Expressões porque é uma área lúdica e através disso expressam as suas ideias também. Depois, noto que eles gostam de Português e de Estudo do Meio e, onde têm mais dificuldades, é na Matemática e é aquela que gostam menos.”. (Anexo X, linhas 86-89 - Bloco C)

		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação	Tratar todos os alunos por igual, independentemente das suas dificuldades de aprendizagem.	“(…), aquilo que eu faço é não excluir ou fazer grande extinção entre esses alunos.”. (Anexo X, linhas 136-137 - Bloco C) “(…) a minha estratégia: nunca diferenciar alunos.”. (Anexo X, linha 141 - Bloco C)
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Não basta um secretário, papel e caneta.	“(…) Faço muitas vezes a hora do conto, porque acho muito importante. Aliás, semanalmente tenho um projeto com os alunos em que costumo criar que é para motivar também, eles terem ideias depois realizarem temas de expressão escrita, a nível ora a expressão e compreensão oral para eles contarem. Portanto, uso essas estratégias para eles.”. (Anexo X, linhas 72-76 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem	Influencia.	“(…) Tem de haver um clima de amizade, de empatia entre o professor-aluno é meio caminho andado para o sucesso da criança. Eu noto muito isso nos alunos que eu recebo e que ainda não sabem ler e escrever e quando chegam a mim a relação próxima que temos uns com os outros fazem com que estejam motivados em aprender a ler. E em alguns

				casos, nota-se que a empatia entre nós tem feito sucesso nesses casos.”. (Anexo X, linhas 99-103 - Bloco C)
		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	É importante.	“É importante, se bem que nós aqui notamos que esse papel está muito aquém de o esperar. Porque eles em casa não têm hábitos de estudo não têm hábitos de trabalho. Os pais vêm à escola, só quando convocados, vêm às reuniões quando vêm e o que lhes interessa e que os alunos aprendam a ler e a escrever e mais nada. Por isso aqui não há nenhuma motivação dos pais para com os seus filhos...então nestes meios sociais não! É muito difícil.”. (Anexo X, linhas 113-118 - Bloco C)

ANEXO XXV

Análise de Conteúdos da Entrevista (11)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Licenciatura.	Professora de 1.ºCiclo. Informação obtida fora do contexto de entrevista
		Ensino Superior	_____	_____
		Tempo de Serviço	23/24 anos.	“Neste território à volta de 23 ou 24 anos, não sei precisar ao certo.”. (Anexo XI, linha 29 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Público.	“Sempre trabalhei no público, mas antes de 1991, trabalhei na Voz do Operário que não era bem privado.”. (Anexo XI, linhas 40-41 - Bloco B)
		Formação Contínua	Várias.	“Sempre que pude, fiz formações contínuas nas mais diversas áreas que havia.”. (Anexo XI, linhas 45-46 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	_____	_____
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e sua importância	É importante motivar para aprender.	“(…) é só orientar o pensamento. Motivar no que me parece, é criar gosto por. (...) Eu preocupo-me muito com aquilo que eles têm de saber e a maneira como eles aprendem, o cuidado que se tem de ter com uma coisa tão frágil. (...) o que eu quero é que a experiência da escola seja

				significativa sim e depois no fim sem saber eles aprenderam.”. (Anexo XI, linhas 96-97; linhas 137-139; linhas 149-150 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação		
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Acima de tudo deve existir uma boa relação entre professor alunos e, por isso não basta uma secretária, um papel e uma caneta.	“(…) Cuidado com eles respeito pela autonomia, respeito pela criatividade...é a loucura total, mas não é uma loucura sem regras e sim uma loucura no respeito e no querer bem alguém e gostar.”. (Anexo XI, linhas 159-161 - Bloco C)
		Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Aprendizagem	Esta relação é fundamental logo influencia.	“(…) Esta relação pedagógica é fundamental para que tudo funcione. Sem relação há educação, não há emoção, não há ninguém com vontade de nada sem esta emoção, sem esta relação. Nós pela relação fazemos tudo pela vida.”. (Anexo XI, linhas 167-169 - Bloco C)

		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	<p>É fundamental.</p> <p>Tem de existir uma parceria entre a escola e a família.</p>	<p>“(…) Se houver uma boa intercomunicação entre escola e família, se o professor confiar no pai e vice-versa, pois às vezes os pais também têm algumas dificuldades de confiar...eles podem trabalhar em conjunto e eles então assim se vê o sentido que a coisa tem, o aprender, a escola e a vida, tem um sentido maior porque aquilo que o pai pensa, o pai espera é aquilo que o professor também...isto é não é o ideal mas o professor também vai fazendo trabalho de pai, vai fazendo o trabalho de educação com pais.(...)”. (Anexo XI, linhas 206-212 - Bloco C)</p>
--	--	------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO XXVI

Análise de Conteúdos da Entrevista (12)

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo	Unidades de contexto
Perfil do Entrevistado	Categorização Profissional	Habilitações Literárias	Bacharel com a Licenciatura em Matemática e Ciências.	“Sim, tinham a duração de quatro anos e este tinha a variante de Matemática e Ciências. Tenho Bacharel em 1.ºCiclo e Licenciatura variante em Matemática e Ciências.”. (Anexo XII, linhas 34-36 - Bloco B)
		Ensino Superior	E.S.E. de Lisboa.	“Na E.S.E. de Lisboa.”. (Anexo XII, linha 40 - Bloco B)
		Tempo de Serviço	18 anos.	“Sou professora há 18 anos.”. (Anexo XII, linha 29 - Bloco B)
		Ensino Privado ou Público	Público.	Informação obtida fora do contexto da entrevista
		Formação Contínua	Imensas.	“(…) Fiz uma em Artes, fiz uma relacionada com a Educação Sexual para dar Educação Sexual no 1.ºCiclo que é um tema muito complicado e torna-se difícil de chegar aos miúdos. Também fiz formação contínua em Educação Física, lá está para poder completar a minha formação inicial. Como nós temos de dar um pouco de tudo, eu fui aprendendo um bocadinho daqui um bocadinho

				dali. E agora nos últimos tempos, para além da informática que eu adoro, tenho uma formação de Sistema E-Learning. (...)". (Anexo XII, linhas 82-88 - Bloco B)
		Áreas de Interesse	Matemática e Ciências.	"Sim. Matemática e Ciências são duas áreas que me dão mais gosto em trabalhar e daí a minha formação também. (...)". (Anexo XII, linhas 50-51 - Bloco B)
A Importância de Motivar para Aprender	Conhecimento Pessoal	Interesse na motivação em aprender (o que sente?) e sua importância	É muito importante trabalhar a motivação em aprender dos alunos, através dos seus interesses sem esquecer dos conteúdos que têm de trabalhar com os mesmos.	"É assim, eu acho que a motivação é importante, mas não é só para aprender que ela é importante, é para tudo na vida. Porque quem estiver motivado vai ter sempre um bom desempenho ou pelo menos um melhor desempenho. Quem não tem interesse em nada, desmotiva-se rapidamente e abandona. Se nós conseguirmos cativar os alunos, motivá-los para a prender, tentando tocar nos interesses, nos gostos, tentando diversificar estratégias, procurando abordar os temas, os conteúdos, sem necessitar de necessariamente seguir a ordem que vem nos manuais, tentando englobá-los naquilo que

				vai ao gosto deles ou que naquele momento os perturba (...)". (Anexo XII, linhas 104-111 - Bloco C)
		Áreas Curriculares que Motivam os Alunos	Estudo do Meio e as Expressões (Dramática, Musical, Plástica, etc.).	"(...) Estudo do Meio é aquele que mais facilmente vem ao encontro. E as Expressões é sempre um complemento. (...)". (Anexo XII, linhas 183-184 - Bloco C)
		Alunos com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) e sua motivação.	Depende do tipo de N.E.E.	"Ora, depende do tipo de Necessidades Educativas Especiais, depende do tipo de deficiência que o aluno tenha porque há crianças que têm única e exclusivamente problema físico, em que se consegue fazer tudo, elas não deixam de fazer tudo o que uma criança normal faz, só se tem de ter alguns cuidados. (...)". (Anexo XII, linhas n284-287 - Bloco C)
		Estratégias que utiliza na aprendizagem dos alunos em diferentes áreas curriculares	Diversas e diferentes.	"(...) Olha, histórias. A partir de uma história eu posso trabalhar tudo e mais alguma coisa. Eu só tenho de escolher a história que levo para eles aprenderem. Depois pegar nas Novas Tecnologias, seja ela qual for: desde jogo, quizes, construção de

				<p>e-books, criação de histórias digitais, uma peça de teatro, fazer experiências que eles adoram e raramente se faz. Por isso, eu acho que há muita coisa por onde se pode pegar. É preciso variar, diversificar e chegar um bocadinho a todos.”.</p> <p>(Anexo XII, linhas 202-207 - Bloco C)</p>
		<p>Relação Professor-Aluno na Motivação do Processo de Ensino-Aprendizagem</p>	<p>Influencia.</p>	<p>“Sem dúvida nenhuma. Eu acho que a relação professor-aluno é primordial. Se o aluno não gostar do professor, se o aluno sentir que o professor não gosta dele é muito difícil criar um ambiente próprio para se trabalhar. Aí não tem a ver com a motivação. Tem a ver com empatias e se não houver empatias, vamos estar constantemente a contrariar uns aos outros. E num ambiente assim é impensável trabalhar-se e fazer-se qualquer tipo de aquisição, seja ela de qual for, de que género for.”. (Anexo XII, linhas 229-234 - Bloco C)</p>

		Papel dos Pais na Motivação dos seus Filhos	<p>É muito importante.</p>	<p>“Eu acho muito importante. E se os pais souberem mostrar aos filhos a importância que a aprendizagem tem, seja ela formal ou informal ou não formal, nós podemos fazer aprendizagens de todas as maneiras e mais algumas. Agora, há que mostrar as crianças é que qualquer tipo de atitude ou atividade que a escola execute é uma maneira de aprender. Sejam eles os considerados passeios, que quando se fazem, fazem-se com um objetivo. E não é passear por passear. Não é o passeio de fim-de-semana. Mas até esse passeio de fim-de-semana é uma aprendizagem não formal. Eles têm sempre qualquer coisa para aprender e para trazer de retorno. Se os pais continuarem a pintar aos meninos que a escola é uma coisa que não presta, não há motivação que seja possível.”. (Anexo XII, linhas 239-247 - Bloco C)</p>
--	--	------------------------------------------------------------	----------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------